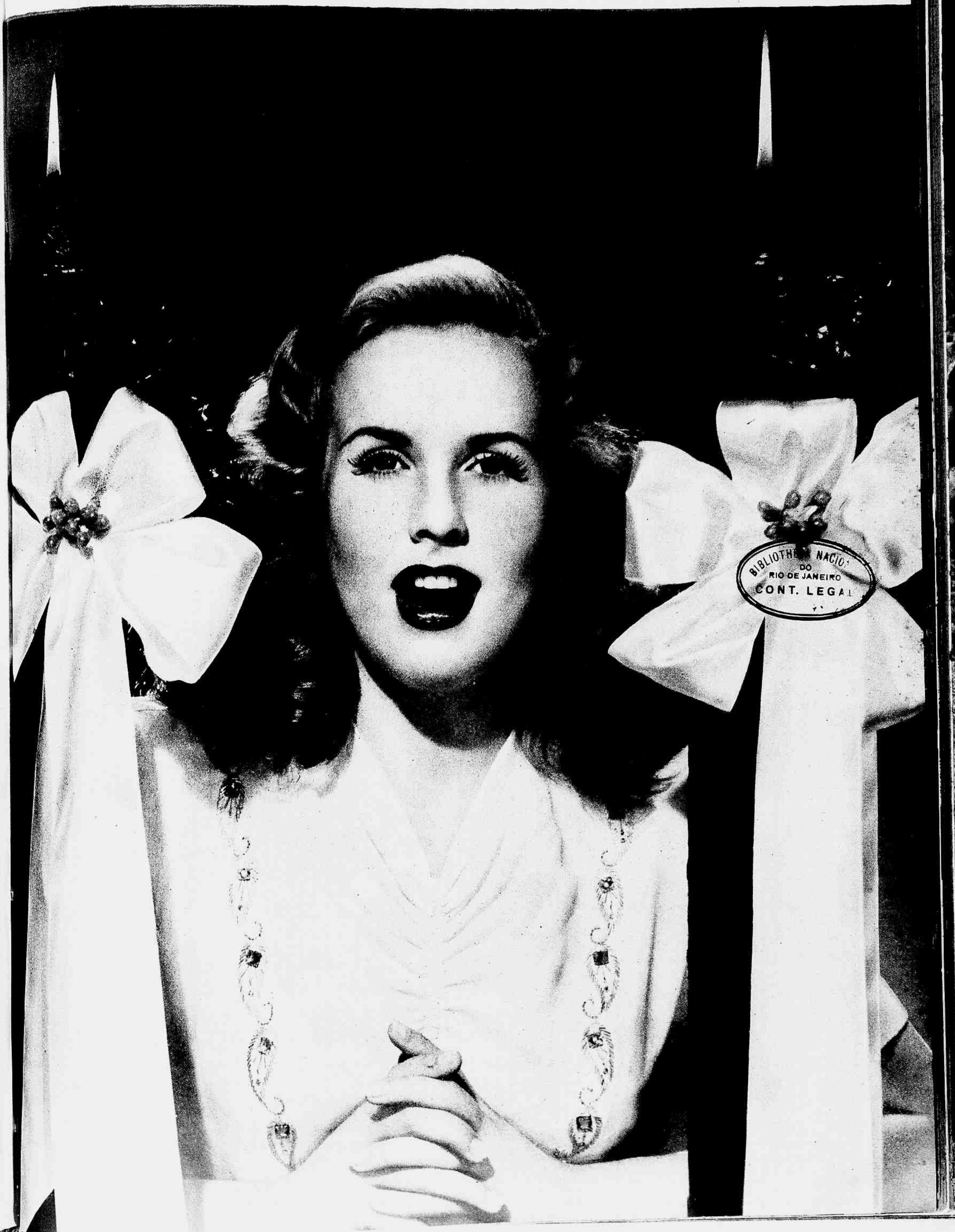
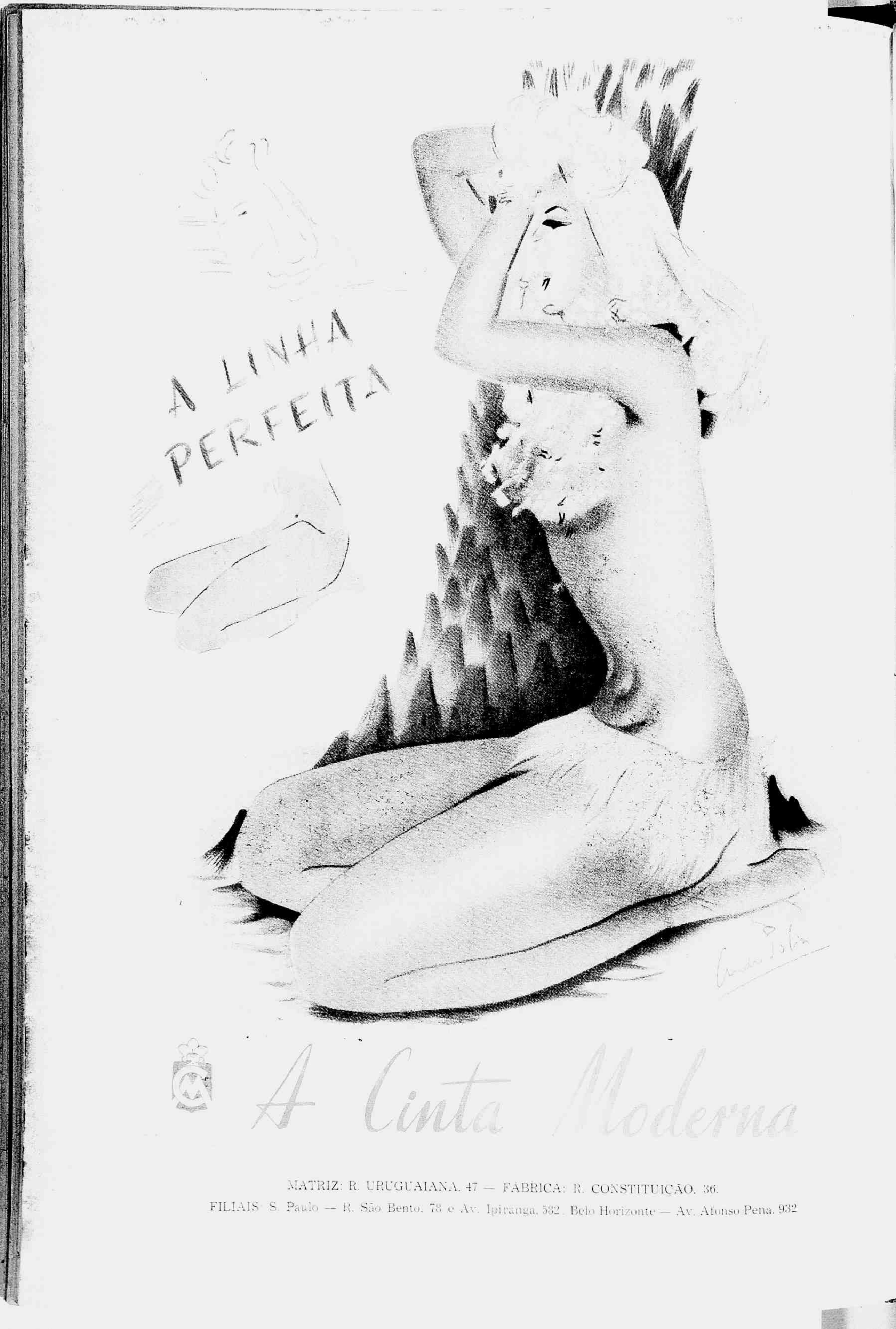
REVISTA DA SEMANA

Nº. 51
22-12-1945
Cr$ 1,50



BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL


A LINHA
PERFEITA
A Cinta Moderna
MATRIZ: R. URUGUAIANA, 47 — FABRICA: R. CONSTITUIÇÃO, 36.
FILIAIS: S. Paulo — R. São Bento, 78 e Av. Ipiranga, 582. Belo Horizonte — Av. Afonso Pena, 932

OS PROVERBIOS DO SR. TUT-TUT

QUANDO Deus quer mandar um infortúnio sôbre uma pessoa, manda-lhe primeiro um pouco de sorte, para elevá-la e ver se ela pode recebê-la de um modo digno; quando Êle quer mandar a prosperidade, antes manda uma pequena desventura e vê até que ponto ela pode aceitá-la.

★

OS filhos estúpidos não arruinam uma família; são os inteligentes que o fazem.

★

TÔDA vez que fizeres uma coisa, procede de modo que ela não dê aos teus amigos ocasião de mágoa nem aos teus inimigos causa de alegria.

★

A POBREZA não é uma desgraça; a desgraça está na pobreza sem ambição. Uma posição humilde não é motivo para desprêzo; merece desprêzo o que ocupa uma posição humilde sem aptidão. A velhice não é razão para lástima; lastima aquêle que é velho, tendo vivido em vão. A morte não é causa de tristeza; triste é que alguém morra sem proveito para o mundo.

★

UMA só aptidão prepara o homem para ganhar a vida; demasiadas habilidades o escravizam.

★

O DINHEIRO às vêzes evita dificuldades; dinheiro de mais as cria.

★

A MÔÇA que brinca com os olhos não é casta; o letrado que brinca com o seu saber não é honesto.

★

ALGUNS que não poupam nos tempos de abundância deploram-no nos tempos de penúria; alguns que não estudam na mocidade lamentam-no quando o saber é útil; alguns que falam com liberdade quando bêbedos arrependemse ao voltar ao juizo perfeito; alguns que não se dão um pequeno repouso nos dias de saúde lastimam-no quando retidos no leito.

★

SUPORTA um pequeno insulto e livra-te de um grande; sofre alguma pequena perda e salva-te de uma grande. Onde perdes uma vantagem na quantidade, ganhas outra vantagem.

★

NÃO fales dos teus triunfos pessoais a alguém que se malogrou; não esqueças os teus reveses no teu momento de bom êxito.

★

PERCEBE-SE o valor da saúde no leito de doente; compreende-se a felicidade de um lar pacífico quando essa paz está destruida.

★

EVITA o indivíduo vil, mas não o faças teu inimigo pessoal; aproxima-te do homem distinto, mas não lhe digas sempre "sim".

★

NÃO nades nas marés do mundo, e as tempestades não te açoitarão o peito.

★

ACUMULA saber como acumularias riqueza; procura a bondade moral como procurarias um pôsto e honras oficiais; ama a teus pais como amarias a tua mulher e teus filhos; cuida do país tão bem como cuidarias do teu cargo público.

★

UM herói pode querer perder o mundo, mas não quererá perder a sua concubina e o seu cavalo.

★

A VIRTUDE numa pessoa rica é a habilidade em dar, num pobre é a recusa a pedir, num homem de alta posição é uma atitude humilde para com o próximo, num homem de condição mesquinha é a capacidade de compreender a vida.

★

ÀQUELE que gosta de espalhar segredos não se deve contar segredo; ao que se compraz em criticar os negócios não se devem confiar negócios.

★

ALGUMAS vêzes planta bambus enquanto cai uma chuva miúda; fecha o portão e cuida das flôres indolentemente; toma uma pena e com vagar verifica os enganos nas velhas edições; tira água da fonte e experimenta diversos vasos do chá da estação.

★

OLHA só como as flôres se abrem, como murcham as flôres; não digas êste homem tem razão, aquele homem erra.

(Da antologia de Lin Yutang "A Sabedoria da China e da India", em tradução de Carlos Domingues.)

NESTE NUMERO

ANO XLVI - N°. 51
22 - 12 - 1945

REPORTAGENS

A Semana do Marinheiro 4/5
O Salão, afinal! 9/15
Aconteceu no Rio 18
Figuras e Fatos 40/41

LITERATURA

Vira-latas (João Martins) 19
O mistério de Blackmoor (Geoffrey Farjeon) 23
Adelaide Amaral (Escragnolle Doria) 26
As criaturas de Eça (Cassius Brutus) 28/29
Livros Novos (J. L.) 36/37

SECÇÕES

A Semana em Revista 6
Aconteceu 7
Os concursos da REVISTA DA SEMANA 8
Cinema (C.) 20
Música (Roberto Lyra Filho) ... 21

FEMININAS

Modelos avulsos 44/54

CURIOSIDADES

Brinquedos de após-guerra 16/17

TEATRO

"Casa de Boneca" 32/33

CINEMA

Natal em Hollywood 24/25

HUMORISMO

"De bom humor" 22
"Charge" de Raul 38

NA CAPA

★

Deanna Durbin oferece aos leitores da REVISTA uma de suas mais recentes pôses, batida quando realçava com sua linda voz de soprano os cantos d- Natal. (Foto Universal.)

A SEMANA DO

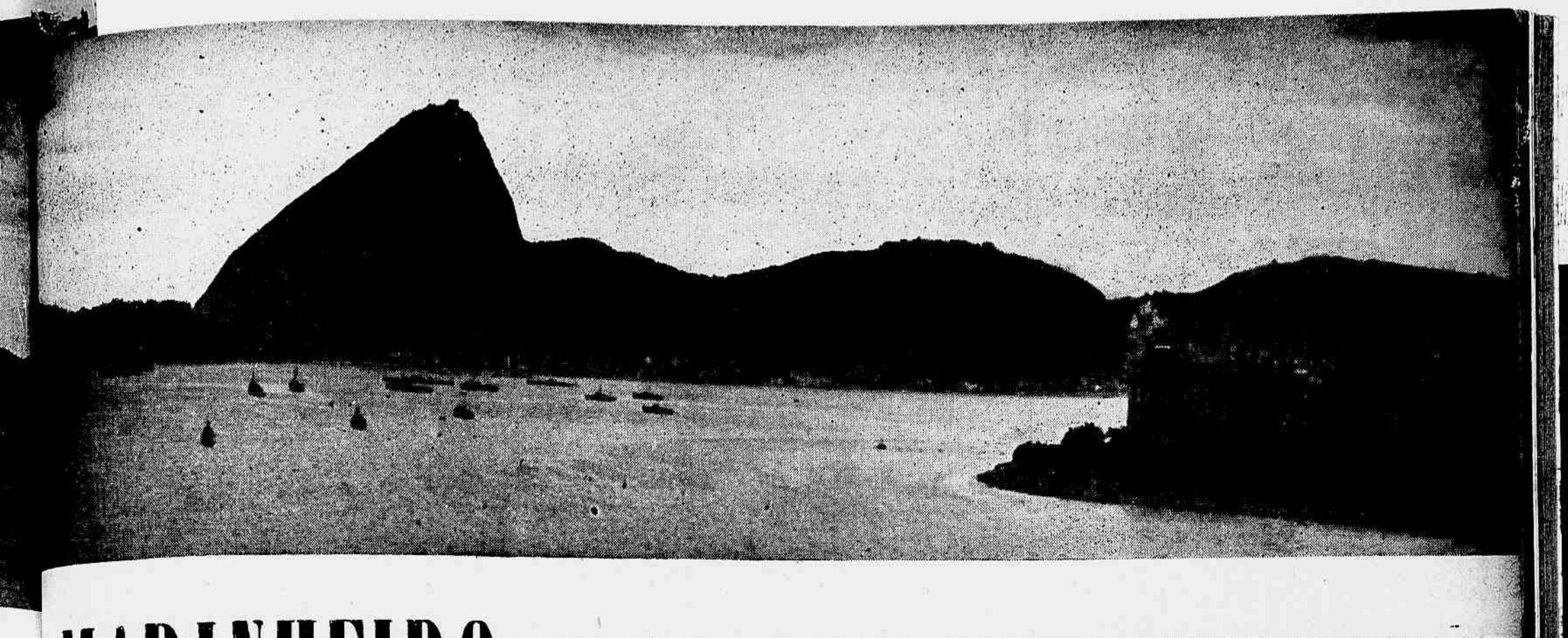
Homenagens merecidas e brilhantes foram prestadas aos bravos marujos brasileiros, no transcorrer da semana anterior. E' preciso levar em conta a contribuição preciosa que a Marinha Nacional deu para a vitória das Nações Unidas. Marinheiros do Brasil, desde as primeiras horas da luta, muito antes do país ter entrado oficialmente em guerra, eram colocados ao serviço da guerra. Êles vigiavam as águas de Norte a Sul, sendo todo o litoral percorrido pelos barcos, em constante perigo de vida para seus tripulantes. Nossa marinha foi a primeira automaticamente mobilizada. Vieram os torpedeamentos, e foi assim a Marinha também a primeira a dar sua participação de sangue. Exatamente o torpedeamento de indefesos navios brasileiros, fazendo seu percurso, quando éramos ainda uma nação neutra e sabendo pugnar pela manutenção dessa neutralidade, foi o que levou as autoridades maiores do Brasil a declararem guerra ao inimigo comum.

Houve, então, quem duvidasse da eficiente atuação dos nossos marinheiros. Julgavam-nos destreinados, sem a capacidade e a eficiência impostas em lutas modernas. Nada mais que simples e mal refreados ataques da quinta-coluna representavam essas considerações, pôsto que a marujada patrícia estava já então a postos. E de como se portaram os rapazes e seus superiores falam por nós, com absoluto conhecimento de causa, com autoridade e aprêço, os comandantes norte-americanos, que tão de perto privaram com os nossos patrícios da guerra marítima.

Veio a Paz e ainda assim os marinheiros continuaram em sua laboriosa tarefa. Êles comboiavam, de regresso ao lar, os milhares de outros brasileiros que se haviam filiado ao Exército. Êles contribuiam para a volta do Brasil ao seu ritmo normal. Êles só agora, os marujos do Brasil, podem dar por encerrada a sua gloriosa missão.

★

Vêm de ser feitas justas e honrosas comemorações, na "Semana do Marinheiro", aos soldados do mar. Nossa vitoriosa esquadra proporcionou, também, uma belíssima "féerie" ao encanto visual da população litorânea da Guana-



MARINHEIRO

bara. Repetiu-se a festividade que tempos antes, por ocasião da grande revista naval com que se festejou a ação da Marinha de Guerra em luta contra o nazismo, se ofereceu ao povo. Outra vez os possantes holofotes das belonaves nacionais cortaram em tôdas as direções os céus cariocas e fluminenses, num jôgo de luzes deveras impressionante, ao passo que sôbre as águas da baía refletiam-se os muitos milhares de lâmpadas que contornavam os navios.

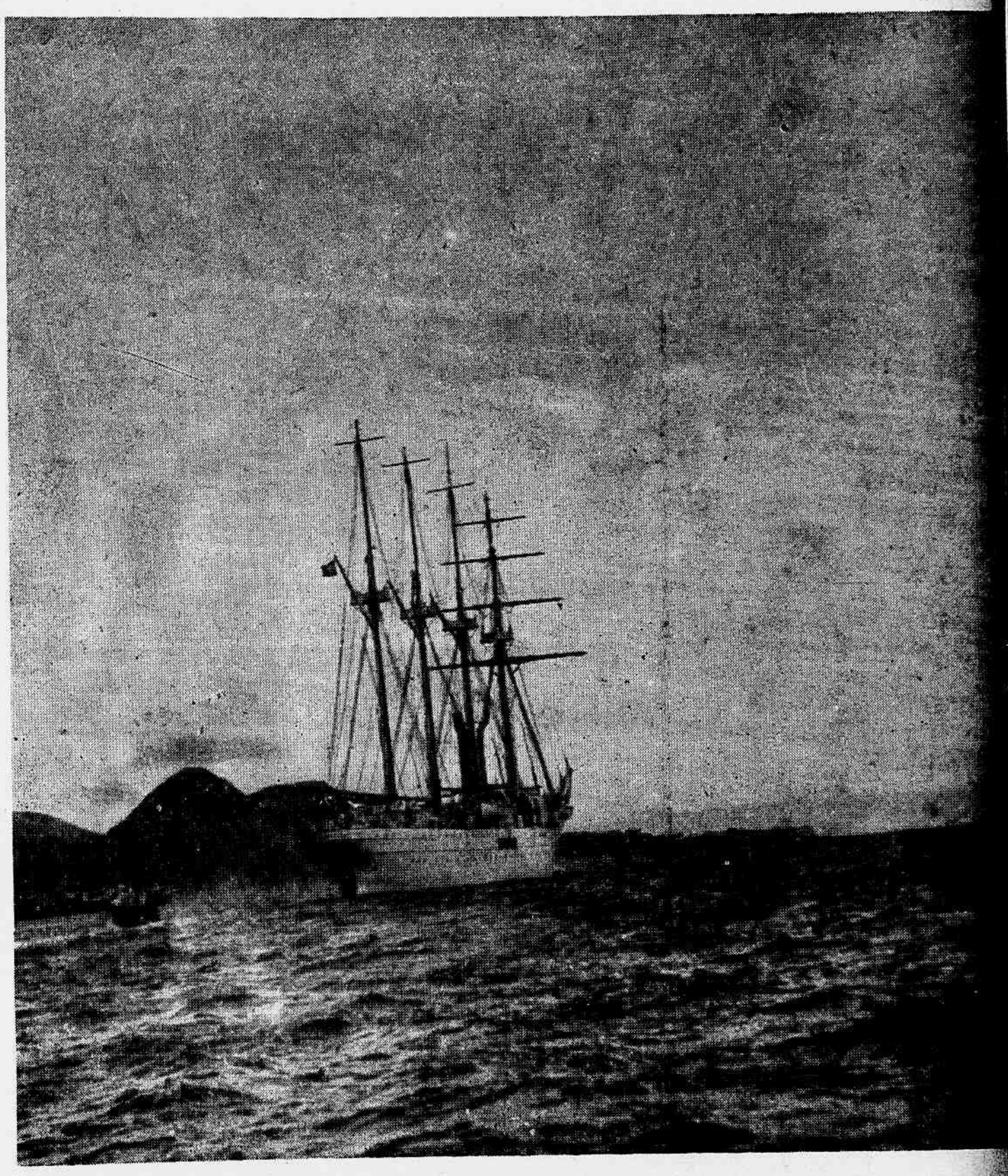
Êsse maravilhoso espetárulo foi assistido por grande masas de povo junto às amuradas de Botafogo, Flamengo, Russell, Praça Paris e de Niterói, culminando por um grandioso bombardeio de fogos de artifício, realizado em meio de um concêrto de businas e sirenes, escutado mesmo em pontos afastados da cidade.

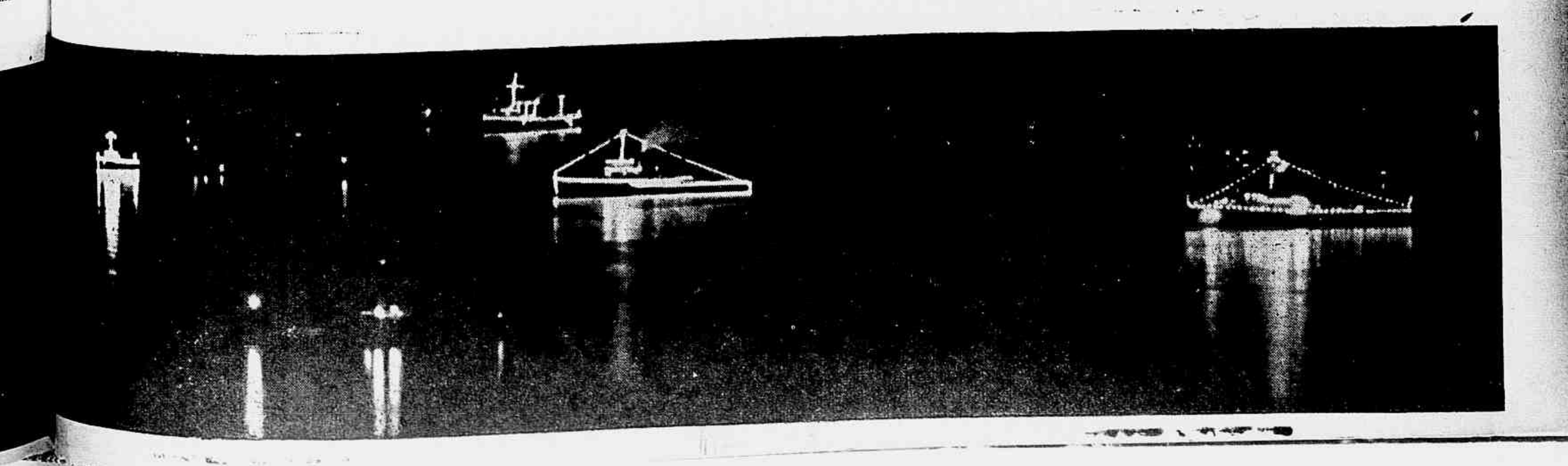
Quem se lembra das noites em trevas, do "black-out" que por tantos meses privou de seu brilhantismo maior a nossa baía, e tenha agora presenciado êsse deslumbrante espetáculo, é que melhor terá sentido seu verdadeiro significado. A iluminação apoteótica era um indício da Vitória, proclamando a liberdade dos mares, o afastamento integral do perigo, a desaparição completa e irrevogável dos monstros nazi-fascistas.

★

Nestas páginas estão algumas significativas ilustrações do que foi a "Semana do Marinheiro". Ao alto, um "apanhado" da baía de Guanabara, em sua grande extensão, abrangendo o Pão de Açúcar e permitindo divisarem-se, distribuidos por sôbre as águas, os barcos que compõem uma parte da nossa gloriosa esquadra. No rodapé, um aspecto noturno, com os barcos feericamente iluminados, contornados por milhares de possantes lâmpadas. Na gravura à esquerda, um detalhe do capitânia "Minas Gerais"; à direita, o navio-escola "Saldanha da Gama".

E com êsse maravilhoso espetáculo noturno, levado a efeito sexta-feira dia 14, veiu a encerrar-se de maneira brilhantíssima a série de homenagens merecidas pelos nossos heróicos marujos. O "Dia do Marinheiro" devia ser, e realmente foi, um legítimo fêcho de ouro para a "Semana do Marinheiro".





A SEMANA EM REVISTA

O VATAPÁ VAI À AMÉRICA

Na ilha de Manhattan, em New York, onde vivem os arranha-céus enormes perdendo nas nuvens as cabeças redondas das cúpolas portentosas, acontecem grandes coisas. Agora por exemplo nos chega de lá o seguinte telegrama:

"Estão prontos os planos para a construção, nesta cidade, de um edifício de 57 andares, que será conhecido como o "Edifício da Boa Vizinhança". Sua construção deverá iniciar-se em fins de 1945 na Avenida das Américas, recentemente inaugurada.

O edifício em questão será localizado em um dos pontos mais atrativos da ilha de Manhattan, a dois quarqueirões do Centro Rockfeller. Vários andares receberão os nomes de repúblicas americanas, e o material destinado ao assoalho procederá da república americana que receber o nome do pavimento. Vários restaurantes servirão iguarias tipicamente latino-americanas. Salas de exposições e escritórios destinar-se-ão a atrair os que mantêm relações comerciais com as repúblicas americanas."

Agora, sim, podemos dizer que Tio Sam está querendo comer o nosso vatapá.

Isto é uma grande satisfação para nós, coitadinhos sempre esquecidos no meio da geografia agitada da Europa. Hoje, porém, a boa vizinhança leva o nosso nome a tôdas as cidades americanas e podemos dizer, sem medo de errar, que já são raros os filhos dos Estados Unidos que não sabem que o Brasil fica na América do Sul. Já há mesmo por lá quem não ignore que o Rio de Janeiro é a nossa Capital.

A política do Presidente Roosevelt, a grande e inolvidável política de boa vizinhança, concorreu para isto mais que todos os livros e todos os artigos.

E agora, enfim, vamos ficando mais conhecidos nos Estados Unidos. Se isto é consolador por um lado, por outro é muito triste. Imagine-se a cara de um turista, ávido de emoções novas e de ambientes desconhecidos, que, chegando a New York, encontra em seu restaurante um retrato de Carmen Miranda na parede e tutu com torresmo no menu. Qual não será o desapontamento do viajor que, após dois dias de viagem aérea, desce em Manhattan para ouvir, num "cabaret" baiano, o "Tico-tico no fubá" dançado por Any Guahyba?

O que não dirá o reporter que for colhêr na América do Norte coisas sensacionais para contar na América do Sul, quando topar com o cantor de rua, de cuica em punho, soltando para o auditório as estrofes de um samba de Ary Barroso? O Edifício da Boa Vizinhança virá acabar de vez com o turismo, como o previra Eça de Queiroz. Sim, pois ninguém se abalará de casa, deixando o seu confôrto e o seu descanço, para ir encontrar na África os negros de São Tomé, de blusão e calças claras, tomando Coca-Cola e lendo o "Times". E, pelo mesmo motivo, ninguém gastará o dinheiro de uma passagem de "Clipper" para ir a New York comer meia porção de vatapá, no quinquagésimo sétimo andar de um arranha-céu de luxo.

NO MUNDO DA LUA

Ah! Julio Verne, pobre e anacrônico Julio Verne! Como eram diferentes os tempos em que você ainda punha o mundo em reboliço com as suas idéias malucas! Também naqueles tempos, Julio Verne, os sábios eram considerados como pessoas que viviam no mundo da lua. Hoje, pobre Julio Verne, os seus submarinos são café pequeno perto dos submarinos gigantes da armada inglêsa, que até catapulta possuem para lançar aviões. Sabes por acaso, velho e cansado Julio Verne, o que quer dizer avião? E' tão somente um aparêlho inventado por um brasileiro, que voa impulsionado por um motor de explosão. Até há pouco, os motores punham em funcionamento uma hélice e, com o deslocamento de ar, evidenciava-se o princípio de Arquimedes e o bicho voava. Mas mais velozmente voam os aviões de hoje, Julio Verne, levados por uma bomba de propulsão de ar. Êles funcionam como aquêles velhos torniquetes de laboratório, e a fôrça que os move é a mesma que fazia rodar os velhos aparelhos de Newton. Hoje, porém, há uma fôrça muito superior a tôdas as fôrças imaginadas por você. Quando, um dia, escreveu um romance impossível, onde um homem captava a potência de um vulcão, nunca poderia supor que a fôrça do vulcão fôsse empregada pelo homem, menos de cem anos após, sob o nome de bomba atômica. Sim, velho Julio Verne. Os homens riem hoje de você. Riem de tudo o que ficou dito antes da desintegração do átomo. Estamos certos de que até você haveria de rir se em seu tempo alguém lhe falasse em dividir o átomo. Você repetiria então que a química se baseava nesta definição: o átomo é a porção indivisível da matéria. Era, Julio Verne, era. Agora tôdas as definições estão fora de uso: tudo o que se disse caiu em ridículo. Existe sôbre a terra um homem chamado Albert Einstein que descobriu uma coisa. Uma fórmula simples, que declara que a matéria é igual à energia multiplicada pelo quadrado da velocidade da luz. E é por isto, Julio Verne, que foi possível inventar um avião movido pela energia liberta da matéria. Um avião que devora os quadrados das distâncias de todos os planetas numa velocidade igual ao quadrado da velocidade da luz. Isto é o que dizem os jornais. E adiantam que o primeiro dêstes aviões será construido especialmente para uma viagem à lua. O aparêlho terá freios especiais para a volta e, segundo asseguram, será pôsto em funcionamento ainda êste ano. Aí está, Julio Verne, a prova de que nada se cria nem nada se perde na natureza. O seu raciocínio, a sua imaginação mais não eram que matéria, ou melhor, energia. Portanto você nada criou. A matéria é uma função da energia e portanto a energia do pensamento é uma coisa palpável. E assim, pensamos, logo existimos. Mas seria preferível, Julio Verne, que não existíssemos, para não pensar e não correr o risco de ficar louco.

NOS BRAÇOS DE MORFEU

Desgostoso da vida, o motorista Hugo Teixeira Vasseur, residente à rua Nabuco de Freitas, 203, tentou contra a existência, engulindo vários comprimidos de Adalina. O sedativo fez efeito e o pobre "chauffeur", embora não pudesse lograr o seu intento, conseguiu em parte o que queria. Principalmente se tomarmos como verdade a frase do poeta: "Quem dorme está morto". Hugo dormiu. Dormiu como um justo e roncou como uma locomotiva. A assistência foi chamada e êle, socorrido a tempo, pôde livrar-se das garras da morte e recuperar os sentidos. Havia apenas dormido um sono reparador.

O sono foi mais reparador entretanto para um malandro que, entrando no quarto do motorista enquanto êle dormia, retirou do seu bolso a importância de Cr$ 600,00, que era todo o dinheiro que êle possuia.

O rapaz quando deu fé de si estava no Pronto Socorro. Pensou naturalmente que havia morrido e que já se encontrava no céu. (Engraçado: nunca acorda uma pessoa que se julga morta, que pense ter ido para o inferno.) O homem acordou. O seu primeiro gesto foi instintivo. Levou a mão ao bolso, pensando com certeza trocar logo os seus Cr$ 600,00 por moeda edênica, de acôrdo com o câmbio do dia. Qual não foi a sua surprêsa porém quando lhe disseram que êle estava salvo? Maior e mais desagradável foi porém a surprêsa que teve ao dar por falta do seu rico dinheirinho. Imediatamente arrependeu-se de seu gesto de desespêro. Voltou para casa queimado da vida, não sem haver passado antes pelo distrito mais próximo, onde apresentou queixa contra o ladrão sacrílego, que teve coragem de afanar um quase defunto. O ladrão entretanto não foi descoberto e deve estar neste momento gozando os fracos benefícios dos Cr$ 600,00. E o pobre quase-suicida continua desesperado. Talvez êle encontre lenitivo para a sua angústia numa garrafa de cerveja com formicida. Ou talvez o encontre ainda em várias garrafas de cerveja pura. O fato é que êle ficou mesmo sem o dinheiro e não conseguiu matar-se. A estas horas, arrependido e cabisbaixo, estará em seu quarto, solitário e mudo. E deve estar dizendo lá para os seus botões: "Bem feito. Também nunca mais me suicidarei". Mas, caso êle volte a pensar no auto-extermínio, aqui fica o nosso conselho de amigo... da onça: Adalina é besteira. Para êstes casos só formicida ou tiro. Dentro do ouvido, que o rochedo pode fazer a bala recochetear.

EVA RECLAMA

No processo em que o negociante Moyses Chcartz, proprietário da Malharia Imperatriz, recorreu ao Conselho Regional do Trabalho contra a decisão favorável às suas ex-empregadas Estelita Alves Monteiro, Estela Alves Monteiro, Hilda Alves Monteiro e Djanira Brasil Cavalcante, condenando o recorrente ao pagamento de indenização, aviso prévio e férias às mesmas, despedidas do emprêgo sem justa causa, o procurador Jeorge Severiano, depois de outras considerações, assim se expressou sôbre o mérito da causa:

"O fato em síntese breve é o seguinte: o recorrente, porque as recorridas não se quisessem submeter a uma exigência sua, atentatória de moral e do pudor — revistamento inteiramente despidas, as suspendeu e em seguida as demitiu. Pretende que a rebeldia das recorridas constitua ato de insubordinação ou indisciplina. Não precisamos despender longa argumentação. A simples exposição do fato, na sua singeleza, prova que justa foi a decisão. Num país civilizado, onde as agressões ao pudor constituem crime, não é possível dar mão forte a um empregador que exige das môças, suas empregadas, o revistamento duas vêzes por dia, inteiramente núas."

Foi assim que as filhas de Eva reclamaram perante a justiça contra um ato que julgavam impudico. Com certeza o fato foi motivado por furtos ocorridos na malharia em questão, cujo proprietário é uma das partes da intrincada ação. Com certeza julgando que as suas empregadas se retirassem do trabalho levando por baixo do vestido peças de "lingerie" cara.

E o homem não teve dúvida. Resolveu que tôdas as môças que trabalhassem em sua casa seriam revistadas ao entrar e ao sair, para que se evitassem os extravios de material.

Mas que apêgo tinha o homem à sua mercadoria, para tomar o trabalho de revistar quatro môças no princípio e no fim de cada expediente! Que "pão duro"! Mas será mesmo "pão duro", ou será apenas um admirador da plástica feminina? De qualquer maneira, o seu gesto não foi bonito.

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr$ 63,00; Seis meses — Cr$ 32,00
Registrada. Um ano — Cr$ 80,00; Seis meses — Cr$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr$ 170,00; Seis meses — Cr$ 90,00

O número avulso custa Cr$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr$ 2,00
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149
Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7868

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 56 PÁGINAS

O Corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

Aconteceu...

HA 28 ANOS

Em julho de 1917 realizava-se o julgamento de Manso de Paiva, or do crime do general Pinheiro Machado, perpetrado no saguão Hotel dos Estrangeiros. A REVISTA publicava em página dupla, tral, flagrantes da "Hora da Justiça", noticiário subordinado à se: "A sociedade pune o assassino do general Pinheiro Machado". estavam, a acusação: dr. Gumercindo Ribas, Galdino de Siqueira romotor), Flores da Cunha, Nicanor do Nascimento e Manoel Villa- m. O general Flores magro, elegante, já com o seu inseparável aruto. A defesa: drs. Caio Monteiro de Barros, Carlos de Azevedo Demetrio Haman. O juiz, dr. Costa Ribeiro. E um flagrante do unal, vendo-se Manso de Paiva Coimbra no banco dos réus, as s posadas nos joelhos, o busto erguido, em retrato de perfil. Como bido, Manso de Paiva obteve livramento condicional depois de prir 25 anos dos trinta a que foi condenado. Sôlto, ainda vive.

★

Já na outra guerra não se admitiam os neutros. Neutralidade era ónimo de cumplicidade com os criminosos da Humanidade, a êsse mpo o Kaizer e seus comparsas. Raul publicava aqui na REVISTA a "charge" feliz, denominada "A voz da Humanidade". A Huma- ade de braços estendidos, uma criancinha estendida no solo, o dra- o com o capacete germânico atacado pelo Homem, e lá em cima, segundo plano, a figura do Nazareno pregando a confraternização s sêres humanos. E em baixo a legenda: "Não pode haver mais utros! Quem não é por mim é contra mim!".

Um quarto de século depois o substituto legal do Kaizer devia etir-lhe os crimes. O Brasil participaria novamente da luta. E os utros prevaleciam de novo, quase os mesmos, pois não...

★

Bem, mas há vinte e oito anos passados, já os comentaristas alu- am aos excessos libertinos dos frequentadores da Avenida Beira- r. Com a diferença de serem, então, os romeiros da Penha, de lta do seu pagode de outubro. Senão, ouçamos o que aparecia numa rceira coluna de "Notícias e Comentários" e que hoje por certo seria caminhado para a nossa "Semana em Revista":

"Quem, ao entardecer de domingo, se houver demorado no pas- io elegante do Flamengo, terá assistido ao regresso dos romeiros a Penha. Os automóveis corriam velozes pelo asfalto. A penumbra a noite próxima escurecia já as águas da baía. As iluminações de iterói começavam a adornar o litoral, e a calidez de um princípio e verão dava a nota tropical ao panorama de beleza e de civilização. lguma coisa, porém, de oriental se passava em muitos dos automó- eis que fugiam. Não se diria que os romeiros voltavam de uma omaria, mas de uma cerimônia erótica. Os pares abraçados, unidos m amorosos amplexos, beijavam-se impudicamente: e aquêles que enham lido as páginas saturadas de lascívia asiática do romance Les Civilisés", de Claude Farrère, podiam julgar-se na estrada de aigon... tão distante da Avenida Beira-Mar. Os frequentadores do footing" tiveram um espetáculo extra com êsse corteio de amorosos, ue mesmo em pleno Carnaval seria obsceno. Astartéa mudou a sua sidência para os trópicos."

Francamente, também assim era de mais! Hoje ninguém poderá ensurar os romeiros. A decadência dos festejos da Penha, quando uito, moralizou o "footing" na Avenida Beira-Mar. Mas... que uta propaganda ao livrinho de Claude Farrère!

★

Ainda no ano de 1917, a guerra, a primeira "grande", dava a co- hecer, em Viena, uma jocosa inovação. Ali se fundava uma socie- ade de seguros, a qual, considerando o grande número de mancebos mortos nos campos de batalha e, por consequência, considerando as probabilidades, "dia a dia mais raras", que as môças tinham (e têm) de encontrar casamento, quis, na medida do possível, suavizar a tris- teza da sua situação. Em falta de marido, que as môças estavam (e estão) arriscadas a não encontrar, a sociedade oferecia às suas asso- ciadas uma pensão anual que, sem substituir o amor conjugal, lhes daria ao menos uma solidão menos triste... Isso, sem dúvida, veiu lisonjear o orgulho masculino porque, vendo que as môças se segura- vam contra o celibato, como o proprietário contra o incêndio e o culti- vador contra diversas calamidades, o homem julgaria, pela impor- tância da quota, em quanto era avaliado o seu mérito. E que flagelo representa a sua falta...

Ninguém sabe que fim teve a tal sociedade de seguros. Talvez tenha ido à falência. Celibatárias forçadas não faltaram...

★

E para finalizar: "De bom humor"... há vinte e oito anos...

"— Estou zangado com minha mulher e por isso não durmo hoje em casa.

— Mas olha que isso é um mau exemplo para os filhos!

— Que queres tu que eu faça? Ela fechou-me a porta..."

★

Moralidade: Não deixes a porta aberta.

Casada ou Solteira

Quando levar uma quéda, um susto ou tiver raivas, quando receber uma notícia má, que cause tristeza e aborrecimento, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, lembre-se que certos órgãos internos das mulheres se congestionam e se inflamam com muita facilidade, bastando para isto um abalo forte, uma comoção violenta, um resfriamento ou alguma imprudência.

Aos primeiros sintomas de congestão e inflamação dêstes importantes órgãos útero-ovarianos use *Regulador* **Gesteira**. Faça sempre assim que evitará muitas doenças perigosas.

Use *Regulador* **Gesteira**

Regulador **Gesteira** trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso no ventre, dôres, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, pêso e dormencia nas pernas, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero

Regulador **Gesteira** evita e trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar *Regulador* **Gesteira**

Um calçado da moda para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO

Os grandes Concursos Literarios da "REVISTA DA SEMANA"

ENCERRA-SE NO DIA 31 DO CORRENTE O PRAZO DE RECEBIMENTO DAS PEÇAS E ROMANCES — INSISTENTES APELOS DO RIO E DOS ESTADOS — TAMBÉM A 31 DO CORRENTE O ENCERRAMENTO DO SEGUNDO CONCURSO DE CONTOS

BASES DO CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS

(2.ª apuração)

"PRÊMIO AURELIANO MACHADO"

De três em três meses, seleção de doze contos literários, que serão publicados nas páginas de REVISTA — Temas de preferência brasileiros mas também generalizados — Uma oportunidade para os novos — Cr$ 100,00 para o autor de cada conto publicado

1) O prazo para o segundo concurso será de 90 dias, expirando, portanto, a 31 de dezembro.
2) Os originais deverão vir datilografados em espaço dois, em fôlhas de papel formato ofício, num mínimo de três e máximo de cinco páginas.
3) O assunto dos contos ficará a critério e escolha do autor, exigindo-se, todavia, enredo, estilo e unidade de ação no relato da história, podendo inscrever-se autores inéditos ou já publicados.
4) Os originais devem ser enviados com todos os esclarecimentos de autor — nome, endereço, etc. — para Celestino Silveira, Redator-Secretário da REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro.
5) A seleção dos 12 contos, uma vez terminado o prazo do segundo trimestre, será feita pela redação da REVISTA DA SEMANA. Os originais premiados serão publicados durante os três meses seguintes.
6) Cada conto premiado, uma vez publicado, facultará ao seu autor o recebimento de Cr$ 100,00 (cem cruzeiros), pagos na administração da REVISTA.
7) Os contos ficarão de propriedade dos autores, a quem é facultado o direito, posteriormente, de publicá-los onde entenderem; todavia, compreende-se que só serão aceitos originais inéditos.
8) Os autores poderão usar pseudônimo, se assim desejarem.
9) O Concurso Permanente de Contos terá como patrono o antigo diretor da REVISTA DA SEMANA e demais publicações da Companhia Editora Americana, o saudoso jornalista Aureliano Machado.
10) Automaticamente, em 2 de janeiro de 1946, será iniciado o 3.º Concurso de Contos, que terá assim, sempre, etapas de três em três meses, de modo a ser publicado semanalmente e com regularidade um conto premiado.
11) Não serão devolvidos os originais, premiados ou não.

CONCURSO DE PEÇAS DE TEATRO

"PRÊMIO APOLÔNIA PINTO"

Cr$ 10.000,00 para o primeiro classificado, oferta do Clube Ginástico Português — Representação das peças colocadas em 2.º e 3.º lugares pela Escola Dramática da mesma instituição — As peças continuarão pertencendo exclusivamente aos autores

1) Fica instituido o Concurso de Peças de Teatro, para a conquista do "Prêmio Apolônia Pinto", promovido pela REVISTA DA SEMANA e sob o patrocínio do Clube Ginástico Português, podendo ao mesmo concorrer todos os escritores brasileiros quer tenham ou não peças representadas.
2) O concurso será encerrado impreterivelmente no dia 31 de dezembro corrente, de modo a ser conhecido o resultado em janeiro ou fevereiro de 1946.
3) Os concorrentes terão liberdade ampla de elaboração de seus trabalhos quanto aos temas e ao gênero, devendo, no entanto, a peça premiada ter mérito literário, qualidades cênicas e tempo de representação mínimo de duas e máximo de três horas.
4) O Clube Ginástico Português fica com a prioridade de representar a peça premiada, pelo conjunto de amadores de sua Escola Dramática, dentro de seis meses a contar da apuração do concurso.
5) O autor da peça premiada terá liberdade de fazer representar o seu trabalho em qualquer teatro do País, logo após as suas representações pela Escola Dramática do Clube Ginástico, ou, em caso contrário, a contar dos seis meses acima citados.
6) Em qualquer caso o Clube Ginástico Português terá sempre o direito de representar a peça premiada quando o julgar conveniente.
7) O Clube Ginástico institui um prêmio de Cr$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) para a peça escolhida pela Comissão Julgadora, constituida por um representante da REVISTA DA SEMANA, um do Clube Ginástico Português, um da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, um da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais e um da Casa dos Artistas.
8) Fica expressamente proibido a qualquer dos membros componentes da Comissão Julgadora participar do concurso.
9) Todos os originais de peças devem ser diretamente remetidos a Celestino Silveira, Redator-Secretário da REVISTA DA SEMANA, Rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro.
10) Além da peça colocada em primeiro lugar, o Clube Ginástico Português fará representar pela sua Escola Dramática os originais classificados em 2.º e 3.º lugares, pagando aos autores os direitos de praxe, bem como outros originais que julgar interessantes para êsse fim.

A COMISSÃO JULGADORA DO "PRÊMIO APOLÔNIA PINTO"

A Comissão Julgadora do nosso concurso de peças teatrais será composta dos seguintes membros: Celestino Silveira, representando a REVISTA DA SEMANA; Joracy Camargo, da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais; Daniel Rocha, do Clube Ginástico Português; Bandeira Duarte, como representante da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, e Floriano Faissal, pela Casa dos Artistas.

CONCURSO DE ROMANCES

"PRÊMIO REVISTA DA SEMANA"

1) Poderá concorrer ao "Prêmio REVISTA DA SEMANA", instituido para o melhor romance que nos for apresentado, qualquer escritor brasileiro nato.
2) Os originais que nos forem remetidos deverão obedecer às seguintes normas:
   a) serem absolutamente inéditos;
   b) constarem de cento e cinquenta laudas de papel formato ofício, datilografadas em espaço dois, no mínimo, e de duzentas e cinquenta laudas idênticas, no máximo.
3) Respeitadas as condições do 1.º item, fica entretanto entendido que os temas podem obedecer a qualquer motivo, nacional ou não.
4) Os trabalhos serão julgados por uma comissão composta por um representante da REVISTA DA SEMANA, um romancista e um crítico literário.
5) Deverão vir acompanhando os originais o nome, pseudônimo e endereço do autor.
6) O trabalho que obtiver primeiro lugar será premiado com uma medalha de ouro e um diploma honorífico, o que facilitará ao seu autor a edição da obra. A REVISTA DA SEMANA se encarregará ainda da propaganda do lançamento do romance.
7) A entrega de originais será encerrada definitivamente a 31 do corrente mês.

AVISO IMPORTANTE

Pedimos às pessoas que queiram concorrer à segunda apuração do nosso concurso de contos, o obséquio de, quando trouxerem pessoalmente os seus originais, entregá-los diretamente ao sr. Celestino Silveira, ou a um redator desta Revista, na sede da mesma, à rua Visconde de Maranguape, 15 — 1.º andar, afim de evitar possíveis extravios.

Um belo presente

ALMANAQUE EU SEI TUDO

A venda em todas as bancas de jornais

O SALÃO, AFINAL!

CUSTOU MAS VEIU — PREJUDICADA PELA PRESSA A GRANDE MOSTRA DE ARTE — FALAM SÔBRE O SALÃO OS JORNALISTAS FREDERICO BARATA E CELSO KELLY — DIVISÃO ACADÊMICA E DIVISÃO MODERNA

DE um lado e de outro, modernos e acadêmicos continuam a se bombardear mutuamente, numa batalha terrível, onde explodem ameúde os "shirapnells" das palavras e as bombardas dos adjetivos.

Foi nesse clima quente que se pensou no Salão de 1945, e foi nele ainda que se abriram as portas da grande mostra de arte, precedida de controvérsias em tôrno de sua inauguração retardada.

Finalmente porém abriu-se o Salão: em duas secções distintas — uma larga, com arcadas; a outra escondida no fundo da exposição, como um aleijado que a família esconde na cozinha da vista das visitas de cerimônia.

Havia-se falado antes na abertura de um salão de arte moderna, mas ficou tudo apenas nas promessas e nos projetos. Chegou mesmo a haver em tal sentido um decreto ou uma portaria ministerial. Mas, como muitos papéis legais, perdeu-se tal decreto numa mesa de repartição.

Veiu o Salão. E já veiu tarde. Veiu dividido em duas "divisões", como já dissemos. Não compreendemos por que. Em qualquer lugar do mundo os salões são sempre um e único, como uma e única é a arte. Essa separação de tendências e escolas só serve para maior incompreensão entre os elementos de uma e outra corrente e para maior desentendimento entre os artistas. E isto, longe de criar uma fôrça renovadora e um ambiente propício à difusão do gôsto artístico, prejudica a arte em tôda a extensão, fazendo com que os artistas e os próprios expositores se percam em controvérsias inúteis, longe de procurar se aprofundar na técnica e desenvolver a inspiração.

Na sala de entrada do Salão estão expostos objetos de arte decorativa, desenhos e algumas pinturas. Nesta foto aparecem vários retratos, entre os quais um estudo racial.

Vista da divisão geral, onde ficam expostos os trabalhos "acadêmicos". Aparecem alguns blocos esculturais, entre os quais o bronze que reproduz uma passagem da luta da Fôrça Expedicionária Brasileira na Europa.

Entre os modernos expôs um rapaz cujo nome é ainda desconhecido do público. Chama-se Inimá e é natural do Ceará. O quadro acima revela as grandes possibilidades dêsse jovem pintor, que talvez tenha sido a única revelação do Salão de 1945. Tanto a colorido quanto a expressão dêste trabalho bastam-no destacar da grande maioria de expositores.

Há quem gosta de Osvaldo Teixeira e há quem não gosta. Em meio desta maneira morta surgiram os mais desencontrados comentários. Os nudos são apontados por muitos como nadas e velhos. No entanto o grande público aprecia os seus quadros, que são sempre vendidos por bons preços.

COMO FALARAM OS CRÍTICOS

O Salão, como sempre aconteceu, provocou da crítica e dos amantes das belas artes os mais desencontrados comentários.

Escrevendo poucos dias depois de sua inauguração, o jornalista Rubem Navarra acusou os organizadores da exposição de parcialidade a favor dos acadêmicos, e viu nisso uma continuação da política reacionária do Estado Novo, que sempre procurou prejudicar o desenvolvimento da arte nova no Brasil.

Fala ainda o crítico em tôrno da divisão do Salão em duas partes, estranhando essa separação. E diz outras coisas a respeito da condição de inferioridade em que teriam deixado modernistas, trancados numa sala do fundo, pouco visível aos visitantes.

O sr. Rubem Navarro fala ainda da deficiência do catálogo, onde não se pode encontrar o nome de nenhum dos trabalhos da divisão moderna. Não sabemos se isso acontece realmente, pois não nos foi dado ver nenhum catálogo e nem sabemos se foram os mesmos de fato editados.

Assim, sem qualquer impresso que nos orientasse, foi que vimos o Salão de 1945, tão esperado e tão comentado.

FALA UM ADMIRADOR DOS CLÁSSICOS

A opinião do repórter nunca importa. Mesmo porque a sua função é apenas relatar o que lê, ouve e que vê, deixando que o leitor [illegible]

[illegible] pedimos a palavra a dois [illegible] demais conhecidos em [illegible] culturais e pessoas. [illegible] sôbre o assunto. [illegible] com Celso [illegible] a seguinte afirma-

— De um modo geral, o Salão agradou. Não houve nenhuma contribuição excepcional. Podemos dizer que foi mediana a mostra, sob o ponto de vista geral.

Notava-se além disso grandes ausências.

— E o senhor acha que houve algo de realmente notável êste ano?

— Como já disse, não houve nada de excepcional. Também não houve nada de novo. Na divisão geral havia, por assim dizer, uma monotonia de temas que já se notara em 44. A divisão moderna assumiu um interêsse maior êste ano, e isso eu atribuo à Exposição de Arte Francesa. Vimos surgir, por exemplo, êste ano correntes mais avançadas, e pudemos notar entre os expositores um surrealista arrojado como Levy, além de abstracionistas e outros mais moderados.

— E o Salão, em seu modo de ver, logrou os objetivos que se propôs?

— Para mim, o Salão funcionou como um laboratório de pesquisas. E, tanto êste como os que o precederam, serviu sempre para enriquecer a técnica. Êste ano notei, também, entre os modernos, mais arrôjo e mais liberdade na escolha dos temas.

— E na divisão acadêmica?

— Na divisão geral — frisa o nosso entrevistado — nota-se fiel reprodução dos temas desenvolvidos, que são repetidos ameúde. Êste ano os interiores de igrejas abundaram no Salão. Entre êstes não seria justo deixar de destacar a tela de Presciliano, que é realmente notável.

— Não acha então que o Salão dêste ano superou o de 44?

— Como já disse, notava-se algumas ausências. Mas de um modo geral o Salão esteve à altura de seus fins. Apresentaram-se aos prêmios algumas telas bem arejadas e já bem distantes da rotina acadêmica. E isso mostra que progredimos...

Terminou assim a nossa entrevista com Celso Kelly. Procurámos logo a seguir o sr. Frederico Barata, modernista intransigente.

A QUANTIDADE PREJUDICA A QUALIDADE

Atrás de uma mesa cheia de telegramas a titular e artigos por escrever, fomos encontrar o nosso confrade, que nos recebeu amavelmente. E enquanto os redatores, apressados, ultimavam a edição de "O Jornal" do dia seguinte, o chefe da redação falava em tôrno do Salão de 1945.

Barata falou longamente, expondo clara e resolutamente os seus pontos de vista, mas conservando entretanto uma linha elegante e serena, sem fazer qualquer alusão pessoal ou comentário desairoso.

A nossa primeira pergunta, respondeu que o Salão não fôra nem mau nem bom.

— Não houve nada de novo, como não poderia haver. O nosso meio é pobre, as nossas possibilidades são poucas. O que fazemos é seguir a esteira dos grandes mestres. Mesmo nos grandes centros, é isso mesmo que acontece. Na França nada tem aparecido de novo também. Ali o que se tem feito é seguir os grandes pintores do princípio do século. Houve Picasso e houve os seus discípulos. Se na Franca as coisas se passam dessa maneira, não poderíamos esperar mais do Brasil. Não se pode exigir portanto que os nossos salões apresentem novidades de espantar.

— Quer dizer com isto que não houve nada de novo êste ano?

— Eu esperava o que houve. Não surgiu nenhuma bomba atômica. Mas, apesar de prejudicado por várias circunstâncias alheias à vontade dos expositores, o Salão agradou.

— E quais os fatores dêsse prejuizo?

— Em primeiro lugar a organização retardada, que acarretou a falta de catálogos, etc. Mas o que a meu ver mais prejudicou a exposição foi a quantidade de trabalhos apresentados e a grande proporção de obras aceitas.

De uma elegância e delicadeza invulgares, Frederico Barata, conhecido jornalista e dos nossos mais abalizados críticos de arte, falou de antigos e modernos, apontando falhas e elogiando valores, sem qualquer palavra desairosa. Não quis posar, mas durante a entrevista o fotógrafo colheu os dois flagrantes que aqui reproduzimos.

Houve, pode-se dizer, por parte dos pintores uma super-produção acentuada.

Entrevistado pela REVISTA DA SEMANA, Frederico Barata, crítico de arte e defensor intransigente do modernismo, elogiou francamente Henrique Cavalleiro, que expôs na divisão antiga e permitiu que aparece à esquerda. A direita, uma pintura de Jacob Wherms, na divisão moderna, também elogiado por Frederico Barata.

— O jóri foi condescendente, com certeza... quadros que seriam recusados em qualquer
— Não diria isso. Mas o fato é que muitos parte do mundo apareceram com relêvo...

Não foram muitos êste ano os motivos regionais que serviram para os pintores do Salão. Um dêles, apresentado por Armando Pacheco, aparece acima. Não sabemos o seu nome, como não sabemos muita coisa a respeito do Salão em virtude da falta de catálogos. Isso tem prejudicado sòmente a mostra de arte moderna.

PINTORES NAS HORAS VAGAS

Uma pergunta se fazia necessária:

— A que atribui essa concorrência gigantesca?

— Aos prêmios. Um pintor no Brasil só tem uma oportunidade de tirar proveito de sua arte: recebendo o prêmio de viagem. Indelèvelmente essa é a verdade. Hoje, qualquer artista tem que se lançar à vida fora da pintura. A maioria dêles é composta de funcionários públicos, jornalistas, bancários e homens de profissão liberal. O prêmio de viagem é a grande oportunidade dêsses homens para aperfeiçoar a sua técnica e conhecer os grandes centros de cultura artística.

— A pintura não pode ser então considerada como um meio de vida rendoso?

— Não. E não só não o é aqui, como não o é também na França, na Itália, em parte alguma. É verdade que há pintores cujos trabalhos podem ser vendidos antes mesmo de pintados. São os modernistas, cujas reproduções por assim dizer fotográficas, agradam ao público em geral, que gosta de ter em casa paisagens coloridas e numerosas manchas bem colocadas. Êsses vendem. Mas os modernos, não têm ainda a aceitação pela multidão vasta [illegible] Êsses têm mesmo [illegible] nas horas vagas, [illegible] mais [illegible]

A ARTE DEVE CRIAR

— E a sua concepção a respeito da arte — perguntámos ao nosso entrevistado — é favorável à arte moderna?

— A minha concepção de arte é apenas isto mesmo: concepção de arte. A arte tem que criar, a arte só é verdadeiramente arte quando foge ao comum, ao natural, revelando a inspiração criadora do artista.

— Como assim?

— E' muito simples a exemplificação do que acabo de dizer: o homem só começou a vida artística quando criou a primeira imagem de sentido subjetivo, talhada na pedra ou rabiscada na areia. Antes, o que havia era somente a reprodução de animais, o que revelava o animismo totêmico dos primitivos e não a sua aproximação da arte.

— Se assim é, a arte não pode ser nunca uma imitação servil da natureza.

— Não. Considero como arte apenas aquilo que foge da natureza e que mostra o gênio criador do artista. A natureza já foi criada, de uma maneira ou de outra. E quem a reproduz não faz mais que plagiar.

MELHOROU

Os serviços na redação de "O Jornal" reclamavam a todo momento a atenção de nosso entrevistado. Não quisemos por isto prolongar por muito tempo a nossa conversa, que já se estendia por mais de um quarto de hora.

Lançámos-lhe pois a última pergunta:

— O salão dêste ano, na sua opinião, superou o de 1944?

— Sim. Isto posso afirmar sem medo. Foi muito superior o Salão de 1945. Na divisão antiga notamos trabalhos dignos de menção. O retrato exposto por Henrique Cavaleiro é um dêles. No Salão do ano passado não me lembro de ter visto entre os acadêmicos qualquer pintura nêsse gênero que tanto me agradasse. Entre os antigos posso citar ainda o pintor Ruy Campelo, com suas excelentes paisagens.

— E os modernos, apresentaram algo de grande?

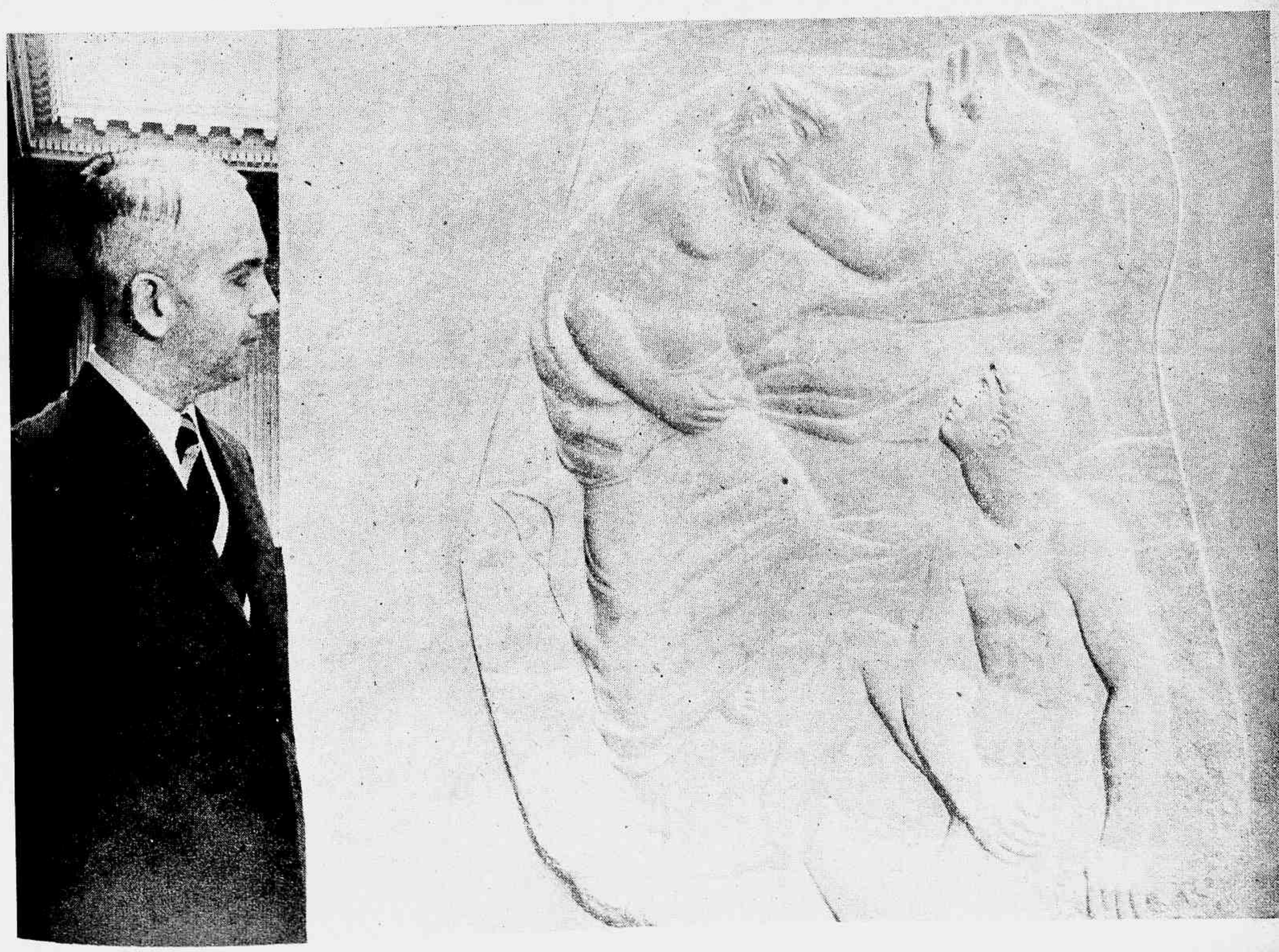
— Entre êles cumpre destacar em primeiro plano um jovem pintor cearense, Inimá, que expõe pela primeira vez no Salão. Aliás, até então êle só havia exposto numa mostra coletiva de quatro pintores nortistas na Galeria Askanasy. Os seus trabalhos revelam realmente uma grande promessa. Há entretanto na divisão moderna outros que não podem deixar de ser mencionados, como Diana Barbieri, Gastão Whorms, Hilda Campofiorito e Nelson Nobrega.

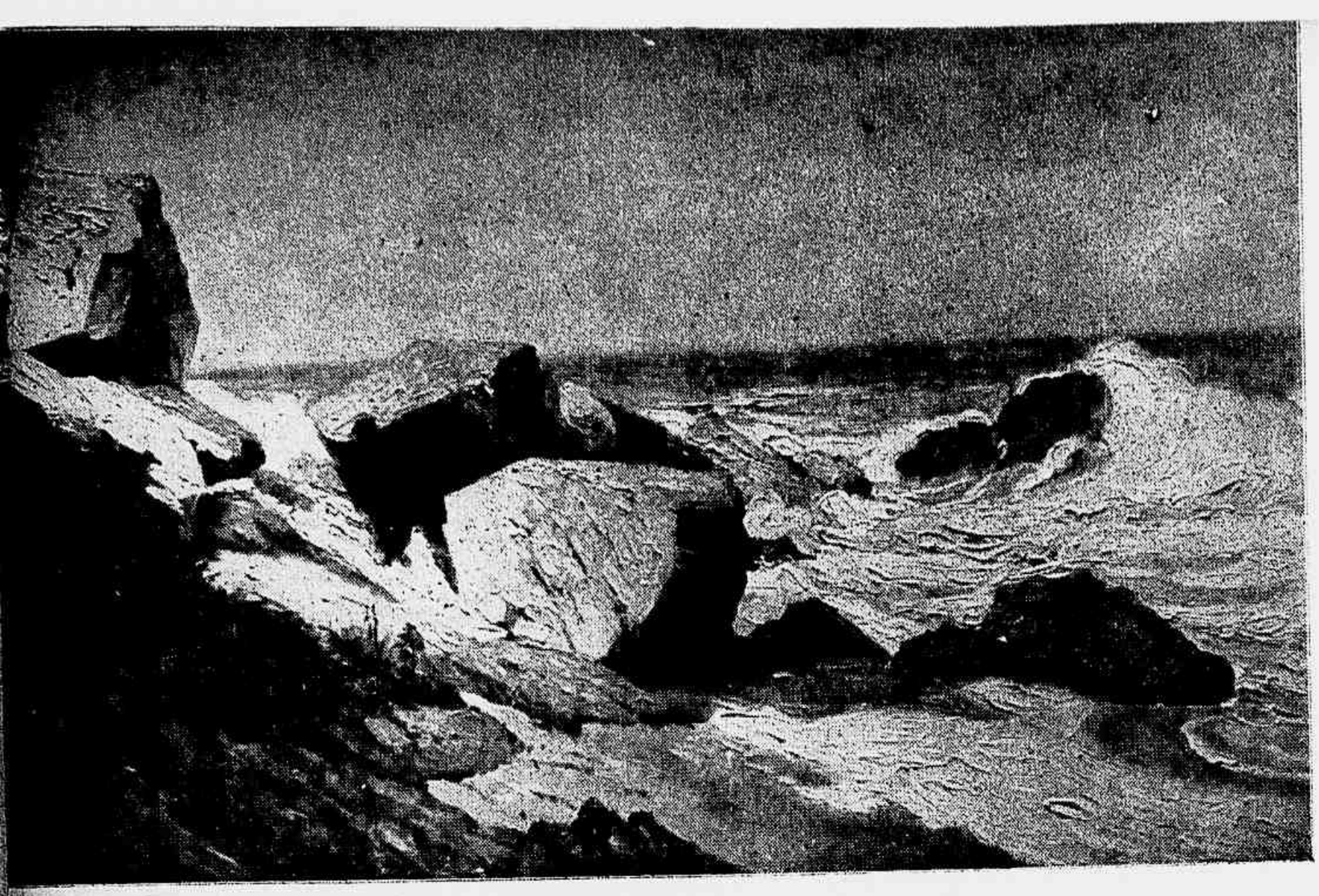
Terminando a sua explanação, Frederico Barata reafirma:

Aqui está o dr. Celso Kelly apreciando um dos trabalhos da divisão moderna. Admirador intransigente da pintura clássica, êle teve, entretanto, palavras elogiosas para os modernistas.

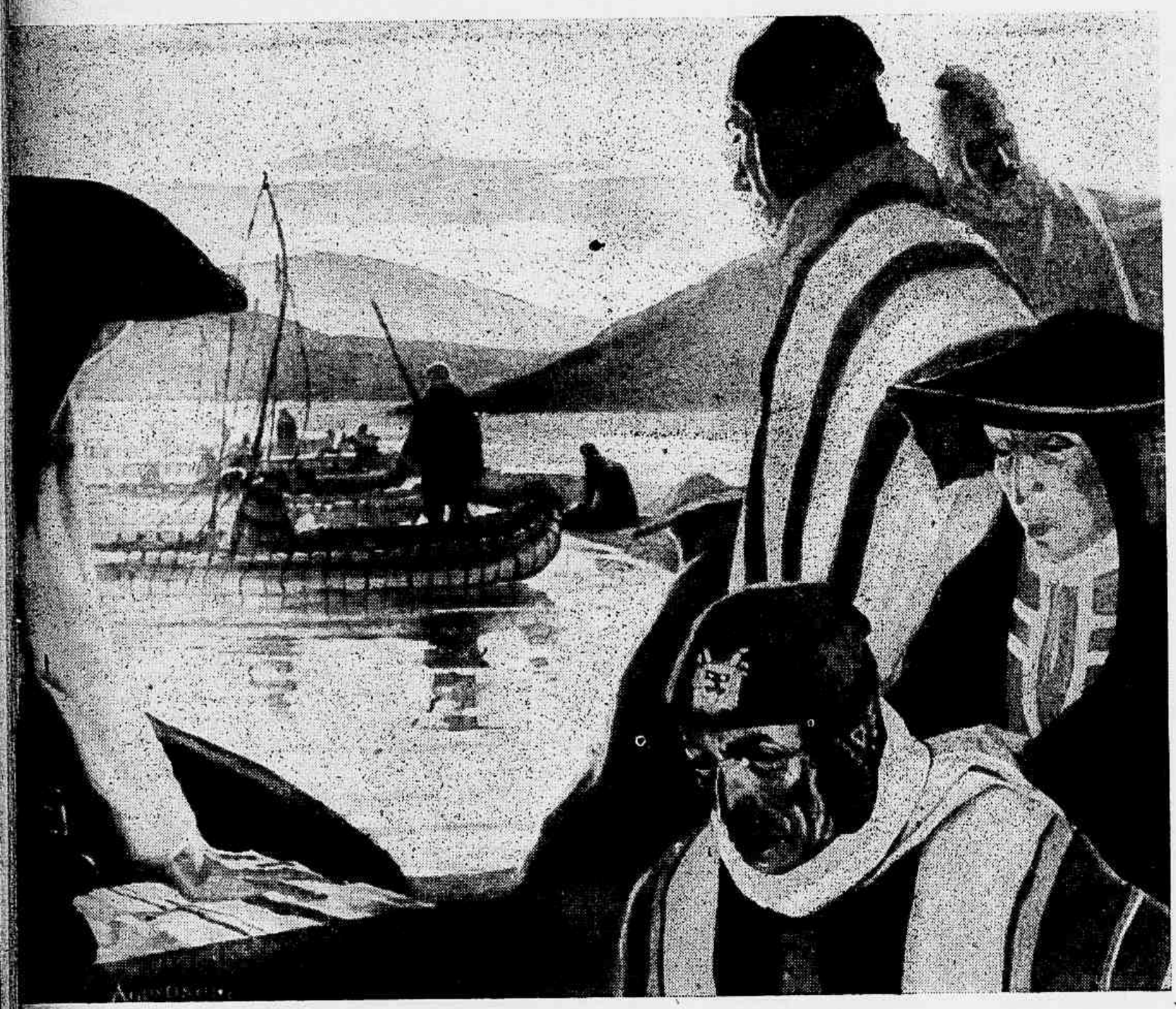
— Pode dizer que o Salão dêste ano foi superior ao de 44. E isso aconteceu apesar da organização apressada e deficiente. O caso de Inimá é característico. A falta de catálo-

O dr. Celso Kelly aprecia outro trabalho moderno, um baixo-relêvo que não pudemos identificar em virtude da falta de catálogos. Obra arrojada de linhas genuinamente revolucionárias, êste trabalho é o que se pode chamar de mais distante do acadêmico. No entanto Celso Kelly gostou dêle.

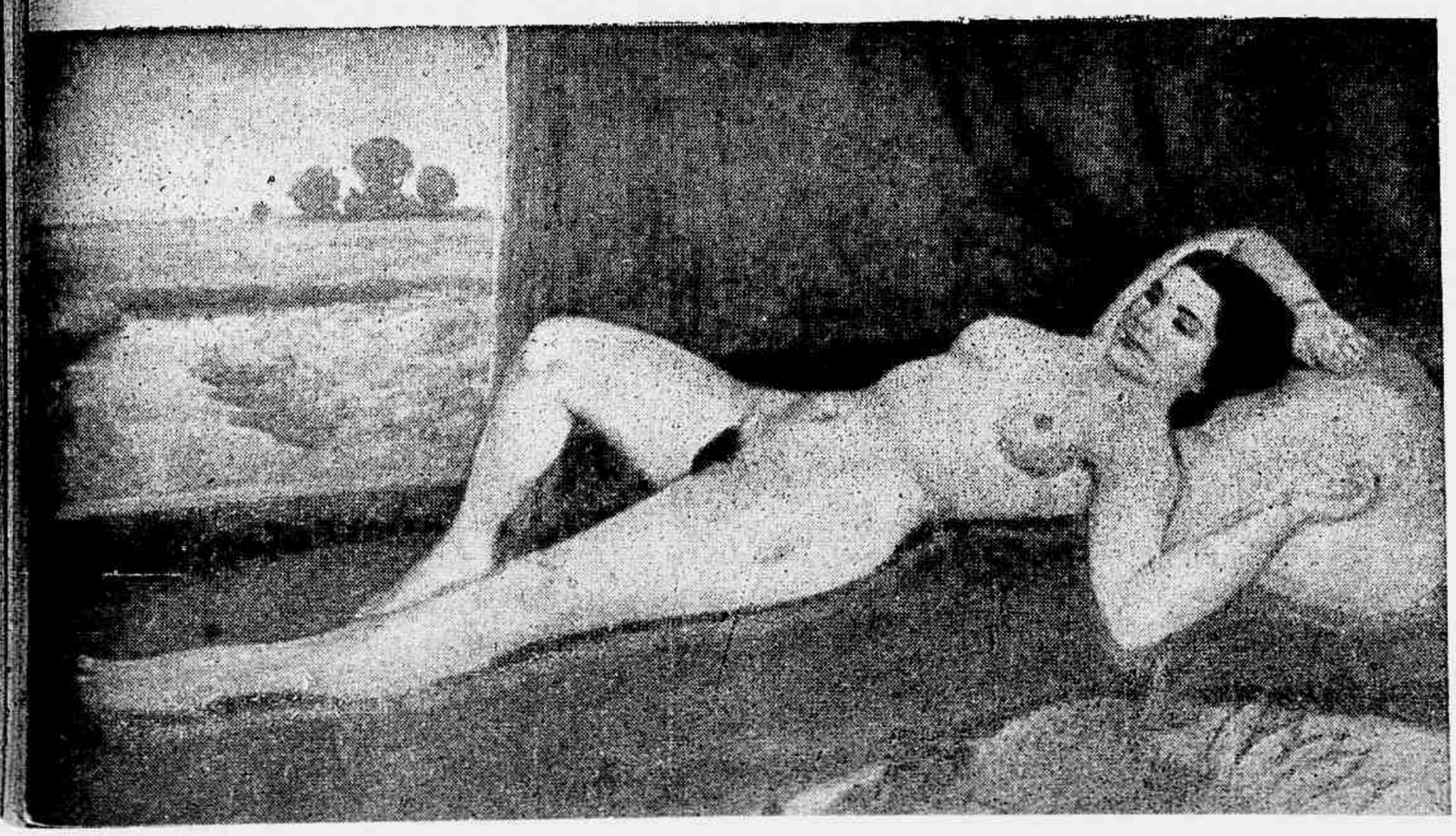




Armando Vianna, que se especializou em pintura de flôres, expôs a marinha que aparece acima. Tem sido muito elogiado pela crítica, apesar de agora apresentar em concorrência a um prêmio uma paisagem.



Ao alto, Mario Agostinelli, pintor peruano que já o ano passado participou do Salão, apresenta um motivo regional de seu país. **Em baixo,** um dos clássicos nús de Ernani de Trajá, que demonstra o seu gosto estético.



gos me impede, até agora, de citar o seu nome por extenso.

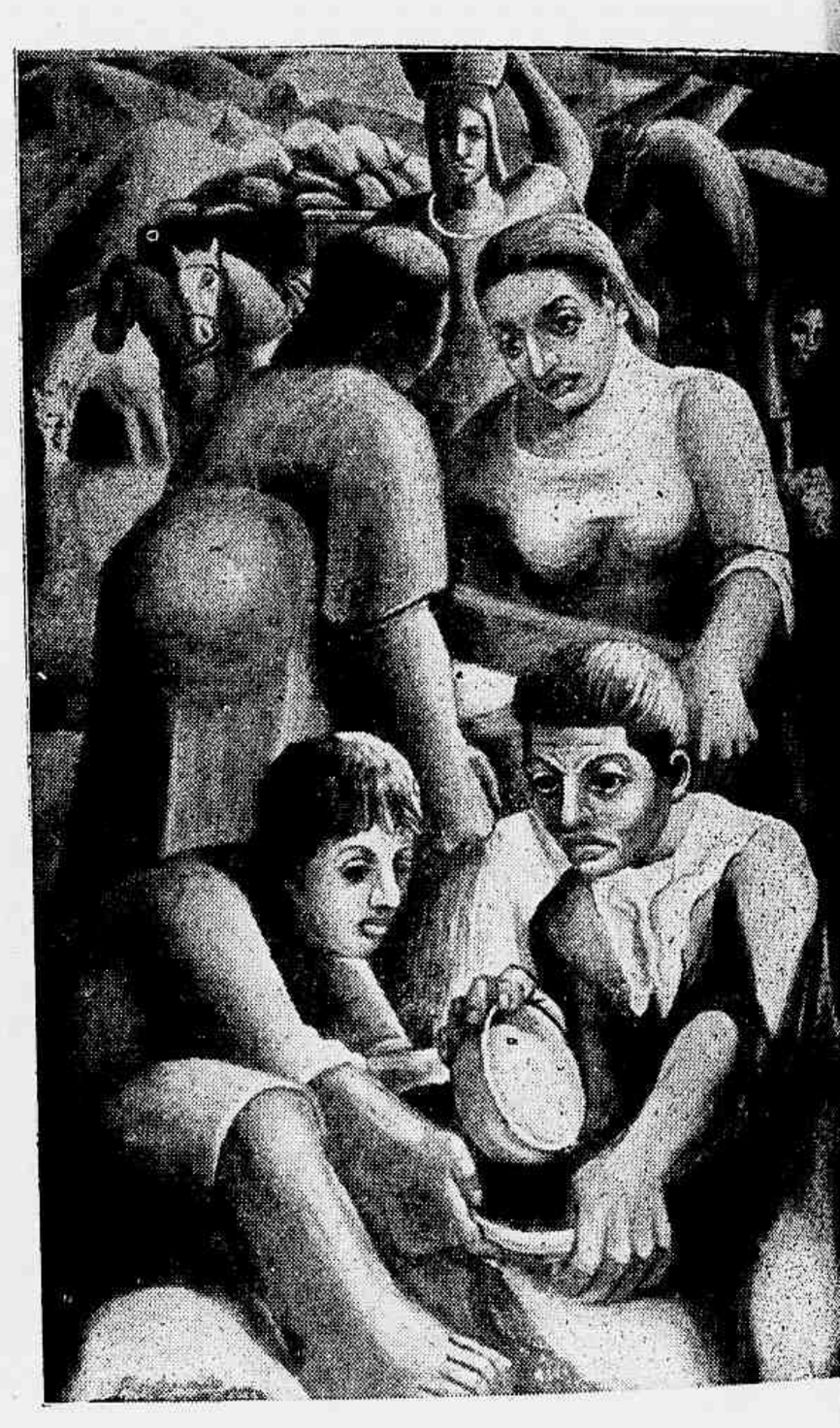
Frederico Barata calou-se. Retirámo-nos para a redação ainda pensando na deficiência do nosso Salão de Belas Artes, onde não nos podemos informar sequer sôbre os nomes dos expositores. E o caso de Inimá estava ainda vivo em nossa memória:

Inimá, pintor cearense que agora aparece entre diletantes e medalhões consagrados pela crítica, não pode ter sequer o seu nome citado por extenso, entre os seus companheiros da mesma parede.

Que aqui fique pois, como um protesto contra a falta de catálogos do Salão de 1945, o nome de Inimá, sem sobrenome mas acompanhado da reprodução de um de seus quadros. E que fique ao Brasil a natureza morta exposta no Salão por êsse promissor discípulo de Cezanne.

ASSIM E' O SALÃO

Assim está o Salão de 1945 e assim são as opiniões sôbre os trabalhos ali expostos. Opiniões divergentes e contrárias, como sempre



Alipio Jaramillo, colombiano, expôs o quadro acima, na divisão moderna. Também êle tem recebido da crítica brasileira os mais francos elogios.

as houve em tôrno de todos os salões de arte do mundo. Não notámos êste ano, entretanto, a fúria sectarista que sempre caracterizou a luta das escolas entre nós. Os dois intelectuais que procurámos, um acadêmico e outro modernista entusiasta, foram ambos de uma elegância e serenidade cativantes, não fazendo qualquer alusão desairosa aos trabalhos apresentados pelos artistas da corrente antagônica. Expuseram, entretanto, falhas e lacunas notadas em ambas as divisões, indicaram maneiras práticas de preenchê-las e criticaram com serenidade os quadros apresentados.

Vimos, através das opiniões, que o Salão foi o que devia ser de acôrdo com a expectativa geral dos meios artísticos. Ninguém esperava grande coisa da mostra de arte. E nada de grande foi apresentado. Nada de grande e nada de novo. Os motivos se repetem a cada passo, as velhas tintas e os velhos efeitos aparecem saídos dos mesmos [illegible] Naturezas

mortas, apresentadas em 1944, fazem sua "rentrée" no Salão dêste ano, com ligeiras variantes de ambientes e de posição dos modelos fito-zoológicos. Há, é verdade, trabalhos de valor, embora nenhuma genialidade nascente tivesse pôsto a cabeça de fora, nadando à tona dêsse mar de mediocridade que é a arte brasileira.

Prejudicado pelo excesso de trabalhos aceitos, o Salão não apresentou em qualidade o contrapêso da quantidade. Pinturas detestáveis, sem nenhum mérito, verdadeiras obras de um "snobismo" amadorista e apressado, estão colocados ao lado dos trabalhos de artistas de vulto.

Eis por que não foi uma demonstração grandiosa o Salão de 1945. Mas foi o que esperavam todos os que conhecem a arte brasileira. Foi uma exibição do que há, em verdade, de mais representativo na pintura e na escultura do país. Se não temos nada, nada além de Portinari, como é que iríamos apresentar ao público um pintor genial?

O Salão apresentou o que há. E o que há não é bom. Pode não ser mau, mas não é bom. O pior é que não é nem bom nem promissor. Nota-se, tanto nos modernos quanto nos antigos, uma completa incompatibilidade da técnica com a inspiração. Acontece, em geral, que os pintores modernos, donos de alguma inspiração, julgam-se muito cedo artistas perfeitos, desprezando por completo a técnica, pensando erroneamente que fazer pintura revolucionária é fazer pintura errada.

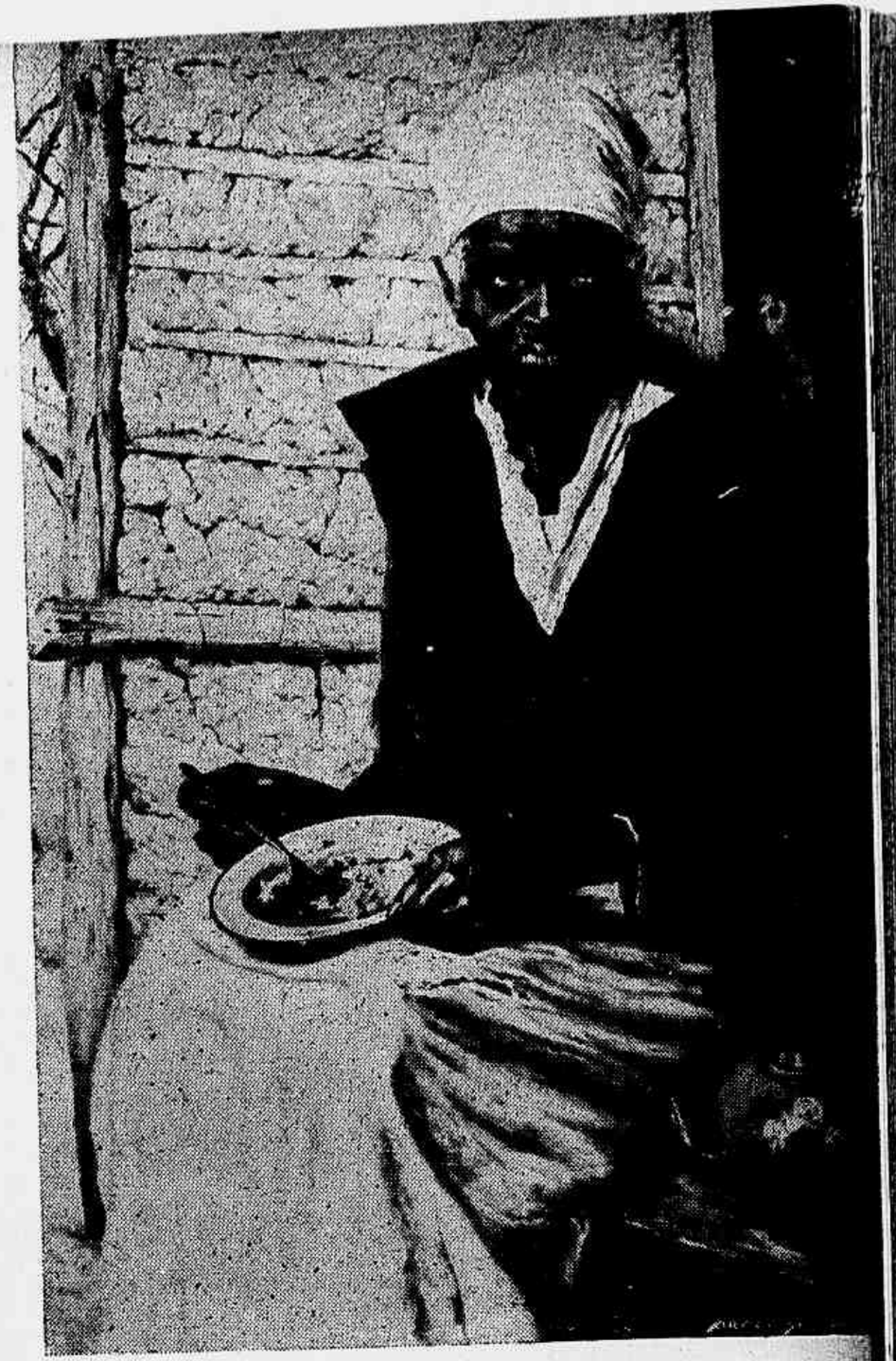
Por outro lado os acadêmicos, senhores de uma técnica exemplar, consideram a pintura apenas sob o ponto de vista das dimensões exatas e tintas certas. Inspiração nenhuma. E, portanto, não criam nada. Mantêm-se agarrados às velhas reproduções coloridas de paisagens, figuras ou naturezas mortas muito bem feitinhas, sem o êrro de um milímetro sequer, com tintas admiráveis e coloridos naturalíssimos. Mas falta em tudo a centelha do gênio.

Assim está o salão de 1945, assim estão as artes nacionais. Nos arraiais dos modernos ainda se nota, de quando em vez, a ânsia criadora de um novo, que está prêsa porém às cadeias da falta de técnica. Infelizmente os adeptos de Picasso ainda se iludem, pensando que arte é fazer figuras fora de proporção, sem expressão e sem côr. Nenhum dêles talvez chegue de longe a supor que é muito mais difícil pintar um "espantalho" de Portinari do que todos os quadros de Oswaldo Teixeira.

Agora os antigos: os "carcomidos acadêmicos", como lhes chamam os modernos. Êstes seguem nas águas dos velhos medalhões, e não têm a seu crédito nem aquela vontade de fazer algo novo, que caracteriza os seus rivais. Conservam-se fiéis aos velhos temas e às velhas normas, como mariscos agarrados ao casco de velho navio. Se reproduzem com perfeição qualquer motivo, estão plenamente satisfeitos. Mas isto não é pintura agora, como nunca o foi. Não há expressão em seus quadros, não há alma, não há nada. Há óleo sôbre telas. Nada mais.

E assim ficamos. Os nossos rapazes, muitos dos quais prometem grandes artistas, consideram a pintura um produto da inspiração exclusivamente. Assim pensam por preguiça ou por engano. E os velhos teimam em se afastar das fontes de inspiração e agarram-se à técnica, repetindo em todos os salões o motivo que apareceu em seu quadro anterior.

E o Salão continua. Quadros, quadros, quadros... Nunca poderíamos supor que houvesse tanta gente pintando no Brasil. Nunca pensámos que tivéssemos tão poucos pintores...



"Mãe Maria", óleo de Orozio Belem, pintor que se especializou em tipos característicos do Brasil. Antigo colaborador da REVISTA DA SEMANA, Orozio Belem é um pintor que dispensa elogios.

★

Procurámos em todos os lugares possíveis catálogos do Salão de 1945. Êles não existem entretanto. Por isto não podemos dar o nome do grupo escultural que aparece abaixo, um trabalho de Humberto Cozzo.

BRINQUEDOS DE APÓS-GUERRA

O trabalho de pintura dos brinquedos é delicado. Mãos femininas dêle se incumbem. Mulheres que até há um ano passado se entregavam aos labores da guerra dão repouso aos nervos, cuidando dos presentes de Papai Noel para o Natal da Vitória.

Mal refeita das emoções da guerra, de uma guerra terrível em que o extermínio veio a cessar só quando se deu o advento da bomba atômica, de cicatrizes abertas e de nervos extenuados, a França milagrosa volta aos seus afazeres habituais. Aproxima-se o primeiro Natal da Paz, que é também o da Vitória; os homens voltaram ao lar; os filhos podem receber a bênção paterna; as mulheres estão felizes, porque os maridos podem servir-se da consoada; mães beijam epidermes ressecadas de filhos que em outros Natais andavam em terras distantes... E voltaram a fabricar-se brinquedos, os delicados brinquedos franceses para as crianças felizes de todo o mundo.

A tarefa é dividida entre homens, mulheres e crianças. Mãos femininas, que durante a guerra manufaturavam apetrechos da luta, estão agora entregues à missão de envernizar vaquinhas de madeira e cavalinhos de tronco de árvores que resistiram ao último inverno. Homens trocam o fuzil e a metralhadora pelas máquinas de recortar madeira, onde vão modelando os brinquedos que seus próprios filhos certamente receberão com o coraçãozinho inundado de alegria e encantamento. Crianças vão esquecendo os horrores a que seus pobres olhos assistiram, quando mal se abriam para o mundo, trabalhando pelos serões adiante, os longos serões de inverno, a serra em punho, a madeira contornada, detalhando os brinquedos franceses tão tradicionais.

É, enfim, a sonhada volta à Paz que se faz sentir. A fábrica dêsses brinquedos está instalada em uma nevada montanha, que vale por si mesmo um panorama de Natal. Os casebres estão cobertos de branco, e as árvores, desgalhadas, espalham-se pela montanha acima. São árvores que resistiram também às façanhas da guerra, e se falassem quantas revelações espantosas nos proporcionariam!

A maior atração para a pequenada: uma vitrine de brinquedos. A fisionomia da criança fica iluminada como por encanto. Elas são ainda crianças da guerra, nasceram ao fragor da metralha, mas têm o direito de viver dias melhores. Casas e árvores de madeira, brinquedos de armar, dão horas de felicidade às maiores vítimas da guerra.

Aldeia de montanha francesa, onde são agora fabricados brinquedos para a meninada do mundo inteiro. A espessura da neve torna impossível qualquer trabalho no exterior; tudo é feito sob o aquecimento de fornos e estufas. A própria paisagem dá idéia de um panorama de Natal, com a neve e as árvores de galhos despidos, sem fôlhas...

Jovens aprendem a recortar a madeira. E' um emprêgo útil para os longos serões do inverno. As crianças fazem jús a um salário, não desperdiçam tempo em lazeres prejudiciais à saúde e contribuem para a alegria de outras crianças.

No estábulo da fazenda de um camponês foi instalada uma rudimentar máquina para recortes em madeira. E ali mesmo o operário dá conta do trabalho, modelando as árvores, os porquinhos, os cavalinhos que tanta satisfação vão dar, mais tarde, às crianças.

Aconteceu no Rio

Mais de quatrocentos casamentos foram realizados no dia 8 do corrente. A data festiva de Nossa Senhora da Conceição é aproveitada por milhares de noivos, em todo o Brasil, para a consumação de seu supremo ideal. Noivos de tôdas as classes sociais, numa confraternização honrosa para todos, nivelaram-se no Pretório, onde se aglomeravam milhares de pessoas, inclusive os parentes, as testemunhas, os "mironi", etc. À tarde foi o grande desfile nos templos da cidade. Os carros iluminados. Os altares festivos. Os sacerdotes com a sua prédica rotineira mas sempre nova: "E' de sua espontânea vontade?". E a Marcha Nupcial, lá em cima, no órgão. Em alguns casos, o côro ou o solo por uma voz nem sempre muito afinada... Depois o bródio, o grande bródio em família. O carro com as latas velhas amarradas na parte trazeira. Chuva de arroz. Uma fuga. E era uma vez dois noivos...

VIRA-LATAS

Conto de JOÃO MARTINS

CLASSIFICADO NO CONCURSO DA "REVISTA DA SEMANA"

PELO passeio movimentado e molhado do sol amarelo da manhã, Miúda vai lentamente com o cajado na mão, o pequeno balaio equilibrado na cabeça e os seus três vira-latas rentes à saia comprida. Já uma vez a carrocinha quiz pegá-los. E ela, de ordinário tão mansa, de fala macia e olhos tímidos, virou uma fera, defendeu-os como se êles fôssem filhos seus.

E na verdade não eram êles os seus únicos companheiros, os companheiros constantes da sua miséria, das suas necessidades?

Comiam quando ela comia. Passavam fome quando ela passava fome. Sentiam frio quando ela sentia. Descansavam quando ela descansava. E, afinal de contas, eram os unicos sêres que lhe **pediam** alguma coisa. A quem ela era útil, necessária. Que dependiam dela. A quem ela servia. Justificavam, assim, de certo modo, a sua vida. Se ela lhes faltasse, que seria-deles? Trocariam pernas pela cidade, a catar as latas de lixo, a tomar ponta-pés, até serem atropelados por algum automóvel ou pegados pela carrocinha.

Se não fôsse ela, naquele dia os homens do laço teriam-nos levado. E a essas horas estariam mortos, mortos... Mas não. Ela gritara, protestara, xingara. Fôra um escândalo. Juntara gente. Os cachorros, depois de uma picula accidentada, se esconderam sob as suas saias. E ela a ameaçar os homens com o bastão, até que êles se enfureceram e quiseram pegar os cães à fôrça. Mas as saias de Miúda eram como uma terra-de-ninguém, onde êles não podiam avançar.

Afinal, o povo que se aglomerara deixou de rir, de achar graça no caso, e começou a se sensibilizar. Miúda chorava. Aos poucos passara das ameaças para as imploração.

Quem mal faziam êles? Só andavam com ela... Nunca mordiam ninguém... Eram mansos... Eram as únicas coisas que ela possuia... Deixassem êles... Deixassem estar que êles não sairiam mais de casa... Ela garantia...

(Continua na pág. 51)

Ilustração de
MIGUEL H.

A preocupação máxima das mães é a saúde e a robustez dos filhos

Mas... a sra. sabia que um "Inimigo Invisível" poderia estar agindo dentro da bôca de seus filhos... conspirando contra êles... constantemente?

Êsse "Inimigo Invisível" é a acidez bucal de origem bacteriana. Não respeita nem idade nem as esperanças dos pais. E, agindo continuamente, pode causar a cárie dental. Por isso, é AGORA que a sra. deve ensinar seus filhos a combater o "Inimigo Invisível", limpando os dentes com regularidade. Use o Creme Dental Squibb duas vêzes por dia.

O Creme Dental Squibb limpa os dentes com segurança e eficiência — deixando na bôca uma agradável sensação de limpeza e frescor de que até as crianças gostam.

O Creme Dental Squibb é mais do que um simples dentifrício. Contém Leite de Magnésia Squibb, antiácido seguro cujo contato neutraliza a acidez bucal.

CREME DENTAL
SQUIBB

1003

MUSICA

Violinistas e Embaixadores

Em conversa com Erich Kleiber, lembrei, certa vez, a situação dos músicos brasileiros, que ninguém melhor do que êle, organizador de uma reforma dentro do Teatro Municipal, conhecia e deplorava. O maestro vienense olhou-me, espantado, e perguntou:

— Por que não se faz nada para estimulá-los e ampará-los?

Mais tarde confessou-me que era uma pergunta que há muito vinha formulando, e que ninguém respondera, ainda, com precisão. Isso aconteceu durante a temporada de concertos sinfônicos dêste ano, e minha resposta não vem ao caso. Interessa, sobretudo, a pergunta, porque, nesta crônica, eu queria dirigir-me a alguns artistas proeminentes, com indagações que estão igualmente reclamando esclarecimento.

A Eugen Szenkar, por exemplo, gostaria de perguntar: em que época, precisamente, começou a dar valor à obra de Hindemith? O motivo dessa curiosidade é simples. Szenkar, sacudindo sua cabeça cuidadosamente despenteada, à maneira do colega inglês Leopold Stokowski, costuma contar aos reporters que o entrevistam como ligou seu nome ao de um mestre alemão: Hindemith. Hindemith, naquele tempo obscuro primeiro violino de uma orquestra que Szenkar regia, ficou desvanecido — conta o maestro — com as atenções que êste lhe dispensava.

Eu gostaria de saber se êle, já naqueles dias esquecidos, reconhecia os méritos do compositor com que privou. Presentemente, Szenkar parece disposto a confirmar certas suspeitas. Há na Orquestra Sinfônica Brasileira um jovem compositor que, por curiosa coincidência, também é primeiro violino e que já está emergindo da obscuridade, com a consagração no estrangeiro. Quando Szenkar dará testemunho de seu discernimento, declarando-se, publicamente, admirador de Claudio Santoro? Se ainda está hesitante, as últimas notícias dos Estados Unidos só podem contribuir para apressá-lo. Se for ligeiro, êle ainda poderá conquistar o direito de dizer: "quando poucos tinham consciência do valor dêste rapaz, já eu...". Será uma boa história para contar, mais tarde, aos reporters.

Com isso, passamos a outra pergunta, talvez mais importante: quem foi que escolheu a embaixada "Eleazar de Carvalho", que pretende seguir para a Europa como digna e autorizada representante da música brasileira?

Transcrevo um trecho do artigo de D'Or: "A Cooperativa de Compositores e Músicos Profissionais, fundada recentemente pelo Sindicato dos Músicos, vem de elaborar um plano que, além de levar às crianças européias, vítimas da guerra, o socorro material de que necessitam, se propõe ainda a propagar nos vários centros do velho mundo a música brasileira, através de uma embaixada artística que será a portadora do nosso auxílio e a intérprete da nossa obra musical".

Os citados embaixadores musicais são: Oscar Borgeth, Alda Gomes Grosso Borgeth, Iberê Gomes Grosso e Francisco Canejo — Quarteto Borgeth — além do pianista Souza Lima, cantores Violeta Coelho Neto e Silvio Vieira, e regente Eleazar de Carvalho.

E, nesse ponto, repito a pergunta: quem escolheu a embaixada? Com exceção de alguns elementos de real valor, estarão preparados os artistas mencionados para enfrentar uma platéia de europeus, ainda exigentes depois dos tempos tormentosos que atravessaram? Aliás, mesmo a minha ilustre colega do "Diário de Notícias", que fala com simpatia do projeto, acha que certos elementos estão deslocados ali. Se bem que, pessoalmente, eu ainda seja mais severo nas restrições, estou de pleno acôrdo com as observações que ela fez.

Roberto Lyra Filho

4.º RECITAL DO CICLO DE BACH — COM A COLABORAÇÃO DA ORQUESTRA DE CORDAS DA ESCOLA NACIONAL DE MÚSICA

De uma perfeição arquitetônica, tecnicamente construída com um largo poder analítico, de infinita riqueza de matizes, é a música de Bach uma das mais perfeitas, mais sublimes e que mais fazem sentir.

Iniciou-se o recital com o concêrto em ré menor. A orquestra, composta de membros como Bernardo Federowski, José Penteado, Hans, Vera Rodrigues Silva, etc., mostrou-se-nos, sob a firme regência do maestro Raphael Baptista, à altura da música bachiana, isto é esmerada no toque e repleta de sentimentos. Parecia que a monumental figura de Bach estava presente, ciciando, ao ouvido de cada executante, terna melodia, impregnando-lhes a alma com o sentir profundo da sua, fazendo evolar de cada instrumento, unido a cada nota, uma partícula de seu próprio eu. Nise Obino Boeckel é a concertista que sempre nos encanta. Possuidora de um toque todo seu, grande brilho emprestou à peça. No entanto o interêsse artístico do programa culminou com o concêrto para quatro pianos e orquestra, em que Lucy Salles, Laís de Souza Brasil, Maria Antonieta e Esther Naiberger foram admiráveis.

Verdadeiramente grandioso foi o que o professor Fontainha, auxiliado pelo maestro Raphael Baptista, conseguiu. Entradas certas, em que se notava o ajuste de cada

(Continua na pág. 53)

SILVIO VIEIRA, um dos "embaixadores da música brasileira"

CINEMA

"SEM AMOR"

Em muitos casos, não é o tema o que valoriza um filme, e sim o modo de aproveitar um motivo literário. Dêem ao diretor de talento o mais elementar episódio e êle encontrará modos de auferir, do mesmo, uma substanciosa realização. Mas, sem dúvida, o bom tema associado ao diretor de classe resulta na tarefa mais facilmente bem sucedida.

Essas reflexões vêm a propósito do filme que a Metro estreou quinta-feira 13, extraído de uma peça de Philip Barry, "Whithout Love", título cuja tradução, evidentemente por acaso, desta vez foi feita literalmente — e com acêrto. "Sem amor" focaliza um assunto por demais explorado no cinema e mesmo no teatro. Dois jovens decidem casar-se, mas sem nenhum compromisso de afeto. Êle, um cientista compenetrado da sua missão social e desiludido do amor, porque sua primeira aventura foi um desastre. Ela, viúva e saudosa da felicidade que o "falecido" lhe proporcionou, por isso mesmo desiludida quanto a uma nova incursão matrimonial. Acontece, todavia, que ela resolve casar-se. Para enfrentar as convenções sociais. Para que os outros homens a deixem em paz. E principalmente porque encontrou no cientista o tipo do rapaz que a deixará duas vêzes tranquila, casada e sem compromissos românticos.

Vai procurá-lo. Combinam o enlace. O rapaz aceita, desde que não existe mesmo nenhum compromisso sentimental. E acontece mais tarde o inevitável: comparece o amor. O combinado de antemão cede lugar a um sentimento que de parte a parte vai se acentuando, traduzido em zelos, ciumes, aparentes indiferenças, até quando ambos se convencem da inutilidade dêsse "experimento"... Êle fica sabendo que nem tôdas as mulheres são ingratas, e ela aprendeu que um segundo amor pode ser tão bom quanto o primeiro...

Com êsse assunto trivial, mesmo doméstico, Harold S. Bucquet conseguiu fazer uma comédia muito divertida e valorizada pela presença de Spencer Tracy e Katharine Hepburn. Aí estão dois intérpretes que bem merecem a denominação "artistas". Nós os temos visto irrepreensíveis, magníficos, em vários "tests" dramáticos, e conseguem agora manter a mesma classe de representação em dois papéis aparentemente cômicos, mas sem deslises nem exageros. Muito humanos, até.

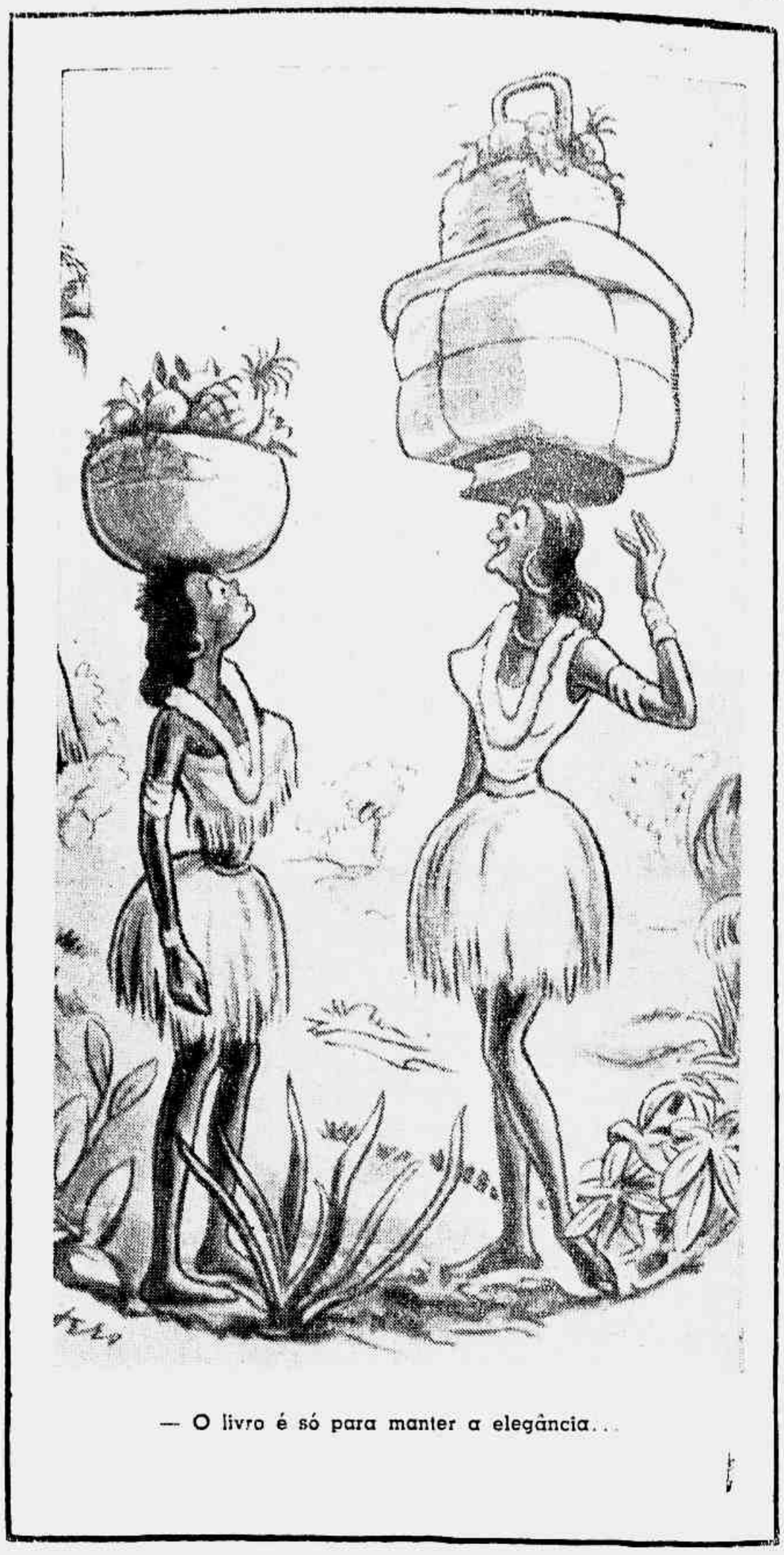
"Sem amor" vale por um entretenimento que nós recomendamos a todos os públicos. Ligeiramente malicioso, mas discreto, impõe-se pelo senso de humor de que está pontilhado. Não percam. — C.

Cotação: 3

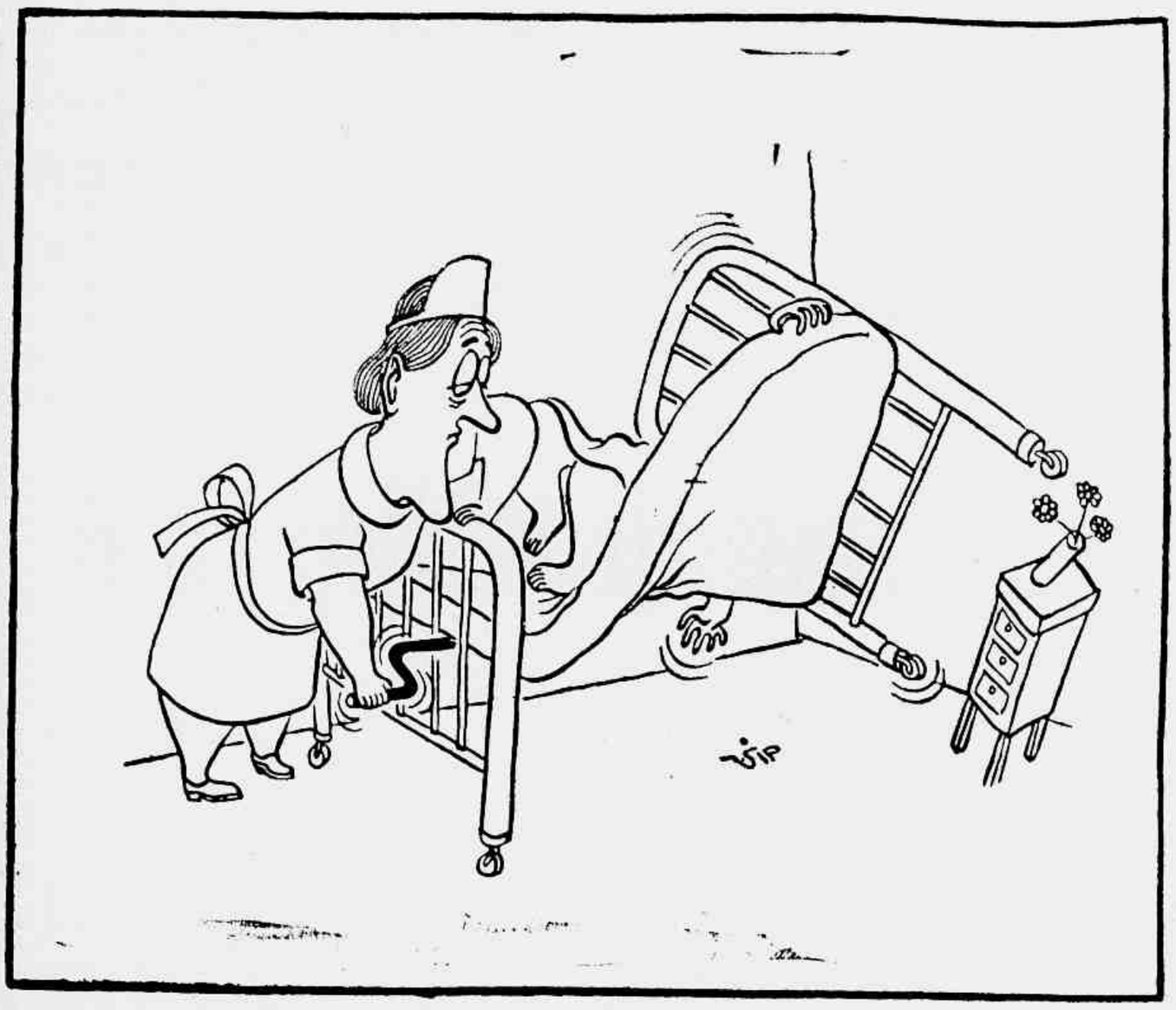
KATHARINE HEPBURN e SPENCER TRACY, protagonistas de "Sem Amor"

Moças e senhoras "chics"

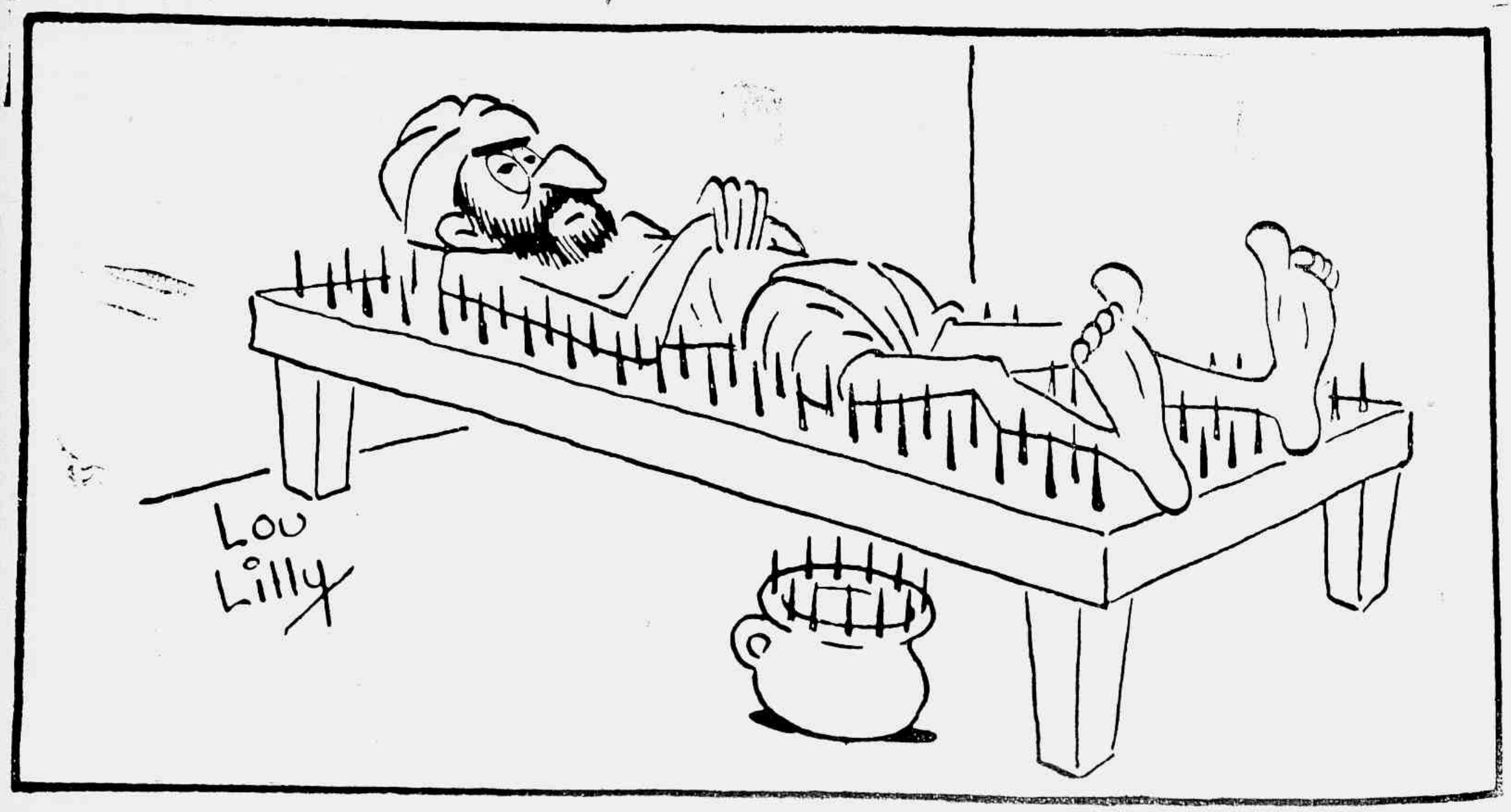
A "Depilina Sarah" destrói os cabelos supérfluos em qualquer parte do corpo que se deseje. Maravilhoso invento norte-americano de fácil aplicação. Faça seu pedido a F. S. NEVES — Caixa Postal 2008 — Rio de Janeiro. Cr$ 20,00 em valor declarado ou pelo Serviço de Reembolso Postal. A' venda nas Perfumarias, Drogarias e Farmácias do Brasil.



— O livro é só para manter a elegância...



DE BOM HUMOR



Entre os papeis da vítima, eles encontraram aquele manuscrito...

★

ELA estava caída a um canto, com o coração atravessado por um punhal. O detective, emocionado pela beleza daquele rosto que, na hora da morte, se contraíra numa expressão de horror, cobriu o corpo com um lençol branco. As manchas de sangue umedeceram logo o linho macio e fino, atravessaram-no, assinalando com uma nódoa vermelha o ponto onde ela fôra ferida. Quando chegou o carro da Chefatura de Polícia, o detective se afastou. Levava no bolso o manuscrito. Encontrara-o na gaveta da escrivaninha. Um dedo do cadáver apontava para ali, como que num esfôrço supremo para indicar onde se encontrava a solução do mistério.

O veredictum foi suicídio. Ela foi enterrada. Os parentes compareceram. "Êle" também estava entre os outros. Terminada a cerimônia o detective pediu-lhe uns minutos de atenção.

— Mr. Norton, sua espôsa foi assassinada!

Êle arregalou os olhos.

— Mas...

— Descobri um manuscrito que revela tudo.

— O senhor me surpreende!

— E' esta a verdade.

— Nesse caso, é preciso descobrir o assassino. Quem...

— Sei o nome dêle. O pior é que só tenho esta indicação.

— O nome?

— Sr. Norton, sinto muito ter que lhe dizer isso, mas a verdade precisa ser revelada. Sua espôsa não o amava. Ela amava outro homem, e foi êsse homem que a matou. O nome dêle é Jack. Conhece-o?

O marido empalidecera.

— Minha espôsa... infiel?

— Ela própria confessa no manuscrito que adorava êsse homem.

Norton passou a mão pelo rosto, lentamente.

— Venha conversar comigo hoje à noite. Estarei em casa. Descobriremos o assassino.

Afastou-se, depois, curvado. O detective teve pena do rapaz. Dois choques assim a seguir... A mulher que adorava, assassinada. A espôso infiel...

Ela escrevera:

"Adoro-o. Nada me fará mudar. Nenhuma barreira." Provavelmente referia-se ao marido...

Como começava, mesmo, o documento?

★

"Hoje consegui descobrir com certeza. Êle quer me matar. Por que escrevo isso? Talvez porque precise desabafar. Em casa o ambiente torna-se quase insuportável. Apesar de tudo, a fôrça de meu amor é grande, e eu suportarei tudo... Por êle. Por que ter medo? Minha mão treme! Êle quer matar-me! Quando estávamos juntos, à beira daquele precipício, eu senti seus braços em tôrno de minha cintura, e sabia, **sabia** que êle queria empurrar-me, que hesitava, sem saber por que — os últimos escrúpulos. Entretanto, deixei-me cair de encontro ao corpo dêle. Sentia-lhe o coração a bater nas minhas costas, e achava delicioso aquêle contacto à beira do abismo. Êle e eu sozinhos, unidos. Senti todo o corpo dêle de encontro a mim. O peito largo em que eu apoiava minha cabeça... O rosto dêle reclinado sôbre o meu rosto... Beijou-me. E naquele momento, certa de que me precipitaria no abismo, senti como nunca o prazer do beijo. Os lábios dêle desceram, lentamente, e se pousaram nos meus. Permaneceram ali, colados.

"Ainda não foi daquela vez. Harry se aproximava:

"— Olá!

"Afastámo-nos rapidamente, embaraçados. Jack estava muito sério.

Quando encontrará nova oportunidade?"

(Continua na pág. 51)

O MISTERIO DE BLACKMOOR

Conto de GEOFFREY FARJEON

O NATAL EM HOLLYWOOD

À esquerda, a graciosa Joan Leslie, da Warner, pronta para distribuir os brinquedos de Papai Noel pelas pessoas de suas relações. Em baixo, duas "chorus girls" da Paramount mandam um sorriso de Boas Festas para o leitor. Tôdas as beldades da tela andam em maré de sorrisos e presentes, nestes dias de poesia...

Não existe Natal sem peru. Pelo menos nos Estados Unidos, até nas residências mais humildes, a ave sacrificada é infalível. Vejam, porém, que peru feliz aquêle lá em cima, cavalgado por Virginia Huston. Êle não sabe que vai a caminho da faca, mas enfim vale o sacrifício! Nas outras gravuras, Anne Jeffreys ensina a preparar um peru recheado em boas condições. Que tal um convite para a ceia de Natal em Hollywood?

(Fotos RKO)

ESCRAGNOLLE DORIA

ADELAIDE AMARAL

ESTUDAR o Teatro no Rio de Janeiro do Segundo Reinado, mormente de 1860 a 1870, é encontrar em evidencia a atriz Adelaide Amaral, destacada intreprete das principais peças levadas à cena na cidade teatrofila.

Nela do entusiasmo pelo palco e seu mundo de tangões, de gambiarras, de papeis pintados, passavam alguns ao entusiasmo palpavel de quantas à vida dos seus papeis em cena aberta quizessem ajuntae vida de amores em cenarios discretos.

Sempre, porem, na classe feminina teatral houve quem tivesse existencia digna de lar. Procurou-a Adelaide Cristina Pereira Silva Amaral pelo casamento com o ator Pedro Joaquim da Silva Amaral.

Souza Bastos e Pires de Almeida, rebuscadores de cousas de teatro, dizem a atriz nascida a 18 de Agosto de 1837, em Lisboa segundo Souza Bastos, nos Açores, na ilha de São Miguel, conforme Pires de Almeida.

Quem acerta? Alguem que ouvira Adelaide Amaral afirmou-nos que a sua pronuncia não era carregada, à ilhôa, antes mais à lisboeta, com o tempo adoçada por estadia no Brasil onde a lingua portuguesa como que se melifica.

Lafayette Silva, outro entendido em cousas de teatro, assegura ter Adelaide Amaral chegado ao Rio de Janeiro em 1849. Contaria então doze anos de idade, deixando Portugal provavelmente em companhia de pais, Pedro Joaquim Pereira e Maria Cesar Pereira. Desta filiação temos certeza.

Adianta Lafayette Silva haver sido Adelaide escriturada apenas no Rio, representando no *São Januario*, na companhia de João Caetano, com o qual a joven contracenou.

Várias atrizes têm sabido ao palco bem crianças, mas não sabemos se tal aconteceu a Adelaide Amaral, logo de chegada ao Rio e se ator tão graduado qual João Caetano se dignaria contracenar com uma menina, alem disto sem pratica de palco.

Na lista das atrizes dos teatros cariocas, Adelaide Amaral começa a figurar em 1855, aos dezoito anos de idade, casada com o ator Pedro Joaquim da Silva Amaral.

No *Ginasio Dramatico*, teatro situado numa rua do Teatro, antes de São Francisco de Paula, Adelaide Amaral, ao lado do marido, conheceria os melhores tempos de sua carreira artistica e do favor publico, favor à venteinha.

Os escritores teatrais da época, deles à frente Alencar e Macedo, preferiam vêr suas produções aceitas no *Ginasio* e o mesmo acontecia aos tradutores de peças quasi sempre francêsas. Autores e tradutores fruiram noites felizes no recinto do *Ginasio*.

ADELAIDE CRISTINA DA SILVA AMARAL — (1837—1899)

Neste, como em todos os teatros do tempo, vigorava a classificação de artistas por generos. O porte, a regularidade de feições e de corpo, a distinção pessoal, o bom jogo de cena, até o gosto pela indumentária apurada, concorriam para a classificação teatral por generos. Facilmente eram reconhecidos pelos frequentadores de teatros e o Rio de Janeiro do tempo os possuia de concorrer a espetaculos todas as noites.

Distinguiam o pai nobre do galan, a dama da ingenua, a caricata da criada de comedia, a *soubrette* no teatro francês.

Adelaide Amaral foi classificada dama galan, a primeira dos teatros brasileiros, proclamava enfaticamente Tobias Barreto ao contender com Castro Alves, rendido a Eugenia Camara.

Bastantes papeis de relevo foram confiados a Adelaide Amaral no decurso de ascendente carreira teatral. Alguns de tais papeis valeram-lhe especial nomeada e maior aplauso publico.

Assim o papel de moça enamorada em leve comedia de Alencar, *Verso e Reverso*. Nela Adelaide e Pedro Joaquim, mulher e marido, para favorecer desenlace de amores acabavam... noivos.

Pouco depois de *Verso e Reverso*, o *Ginasio* montou peça de Alencar — *Demonio Familiar* na qual comedia, desta vez, marido e mulher eram... irmãos

Alem do casal fraternisado, no *Demonio Familiar* obteve extraordinario exito o ator Martins incumbido do papel de Pedro, trazendo à cena figura pelo cativeiro tão introdusida nos lares de então, o moleque.

Mais ou menos na mesma epoca surgio principiante teatral, fadado a pôr hilare tanto Rio de Janeiro. Foi Francisco Vasques, começando a ser favorito de publico no papel de Petit, criado francês imaginado por Macedo no *Luxo e Vaidade*.

Nesta peça Adelaide e Pedro Joaquim desempenharam papeis de nóta, ambos dialogando mal levantado o pano.

Pedro Joaquim, no *Luxo e Vaidade*, creou talvez o primeiro tipo de fazendeiro no palco do Rio no qual depois apareceria tanto, na comedia, na revista, apresentando o receiro tanto de franquesa rude como de ingenuidade, em ladinice ou parvoidade.

Chamados por João Caetano ao *São Pedro*, em 1863 tornavam Adelaide e Pedro Joaquim ao *Ginasio*, pouco após morto o grande tragico animador da nossa arte cenica.

Em seguida travava o Brasil guerras emendadas; a do Uruguai e a do Paraguai. Por algum tempo a situação externa se refletindo na vida do teatro, pelo retraimento do publico, logo baixa de bilhetaria. Os teatros funcionaram irregularmente, alguns por semanas fechando portas, represperando aos poucos.

Em 1865, Pedro Joaquim, de sociedade com Graça e Vasques, dirigio o *Ginasio* para entrega-lo a Furtado Coelho quando novo genero começava a invadir o teatro, o genero opereta, irreverente, cançonetista, cancanista.

O introduter da opereta no Rio de Janeiro, o francês Arnaud, atraío ao *Alcazar* publico especial, proprio de café concerto e de renovado sortimento de *estrelas* cantantes ou piruetantes. Os artistas não participes do genero que se aclimava, recorreram à diversão às excursões teatrais pelas provincias do Imperio. Em giro da companhia organisada, Adelaide e Pedro Joaquim do Amaral visitaram o Rio Grande do Sul e Pernambuco.

No Recife e seu teatro *Santa Izabel* ocorreria o duelo de poesias e antipatias reciprocas de Tobias Barreto e Castro Alves. Nos duelos bastam quatro testemunhas. Numerosas as do duelo poetico das noites do *Santa Izabel*, Tobias por Adelaide Amaral, Castro Alves por Eugenia Camara. No fundo da contenda existia muito e agri-doce prazer, o de suplantar rival, cada poeta susterdado por partido academico.

Giros teatrais não se compreherdem sem beneficios para primeiros atores, nos seus, Adelaide Amaral preferia apresentar-se romanticamente na *Dama das Camelias* a valer-lhe pelo menos muitas flôres.

Regressando ao Rio, em 1868, Adelaide e Pedro Joaquim encontraram a cidade preparando-se para frequentar a *Fenix Dramatica*, teatro em concurrencia com o *Alcazar* e o seu *genre leste*.

Como outros colegas, Adelaide e Pedro Joaquim foram se sentindo desajudados de publico. A moda tambem dá leis no teatro, bem o sabem os artistas, desdenhados depois de aplaudidos a valer.

Enviuvando, perdendo amparo, Adelaide Amaral foi envelhecendo entre tempos nublados de vida.

Duas cousas a consolavam, não ter decaido em consideração social, em epoca de preconceitos quanto a atrizes, e a fé religiosa, tambem de outras artistas afirmando-a no servirem irmandades.

Desde 1748 funcionava no Rio, em igreja propria, a irmandade de N. S. da Lampadosa, de Lampedusa se diz na Italia.

Velho livro da irmandade da Lampadosa consigna a seguinte admissão:

"Adelaide Cristina do Amaral, Admitida gratis por serviços prestados à Ordem".

Anteriormente, no mesmo livro, figura o nome de Estela Sezefredo, a mulher de João Caetano, por seu lado terceiro franciscano. Em Abril de 1874, a irmandade da Lampadosa, em seu templo, sufragaria a ex-corretora Estela Sezefredo, o cargo de corretora da maior graduação.

Arthur Azevedo, que a conheceu, tinha Adelaide Amaral em muita conta, e em relação a teatro a opinião dele pésa. A Adelaide Amaral prestou homenagem em longo folhetim de jornal importante.

Dias depois da publicação, disse Arthur Azeredo a amigo e confrade:

— Falta-me saber algo do fim de Adelaide Amaral. V. tambem se ocupa com o teatro nacional. Por que não indaga e completa-me o folhetim.

Não muito depois o desejo de Arthur Azevedo era satisfeito. Foi-lhe dito que durante certo tempo, pessoas amigas haviam recolhido Adelaide Amaral em sua propria residencia, na rua Torres Homem, em Vila Isabel. Agravando-se sofrimentos de uma paralítica, houve necessidade de tratamento mais efetivo do que o domestico, mesmo solicito.

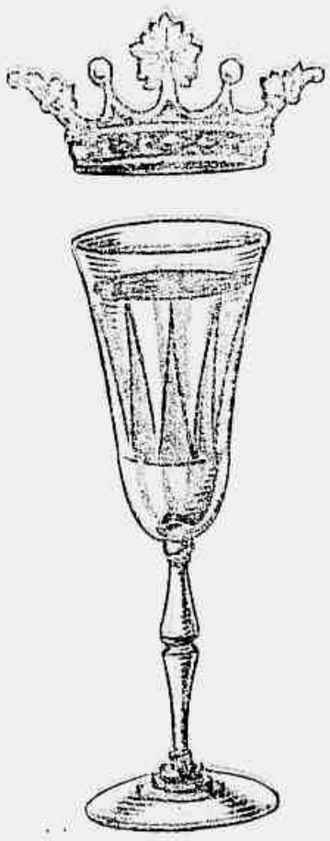
A 26 de Abril de 1899 internada na 26.ª enfermaria do Hospital Geral da Misericorfia, a enferma sucumbia a 13 de Setembro ainda de 1899. Atestou obito Vieira Fazenda, "que a conhecera na sua epoca de esplendor." Informação inexata de cronista teatral. O atestante foi o dr. Ataliba Fernandes, para que na manhã de 14 de Setembro de 1899, acompanhado por alguns artistas, o modesto saimento de Adelaide Amaral, partisse para o cemiterio de São Francisco Xavier e para cova rása.

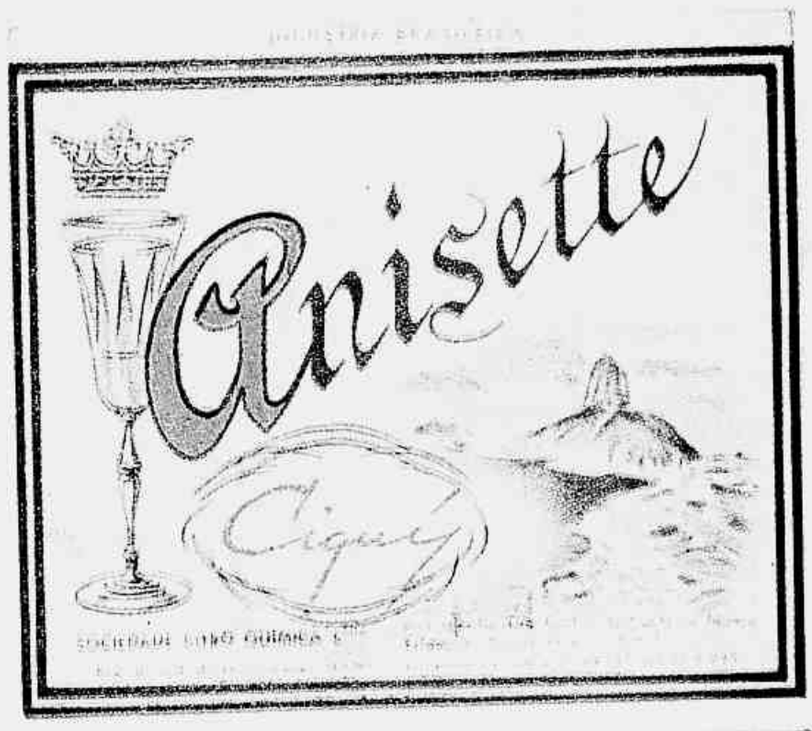
Dizendo-as uteis para complemento de seus rodapés, Arthur Azevedo recebeu as informações desejadas, agradeceu-as publicamente, acrescentando: "Nos meus rodapés talvez, mais tarde, se encontrarão alguns apontamentos para a historia do teatro no Rio de Janeiro". Quantos se ocupam, quantos se ocuparem com tal teatro, sabem ou saberão, o valor dos apontamentos de Arthur Azevedo.

Para um Natal feliz

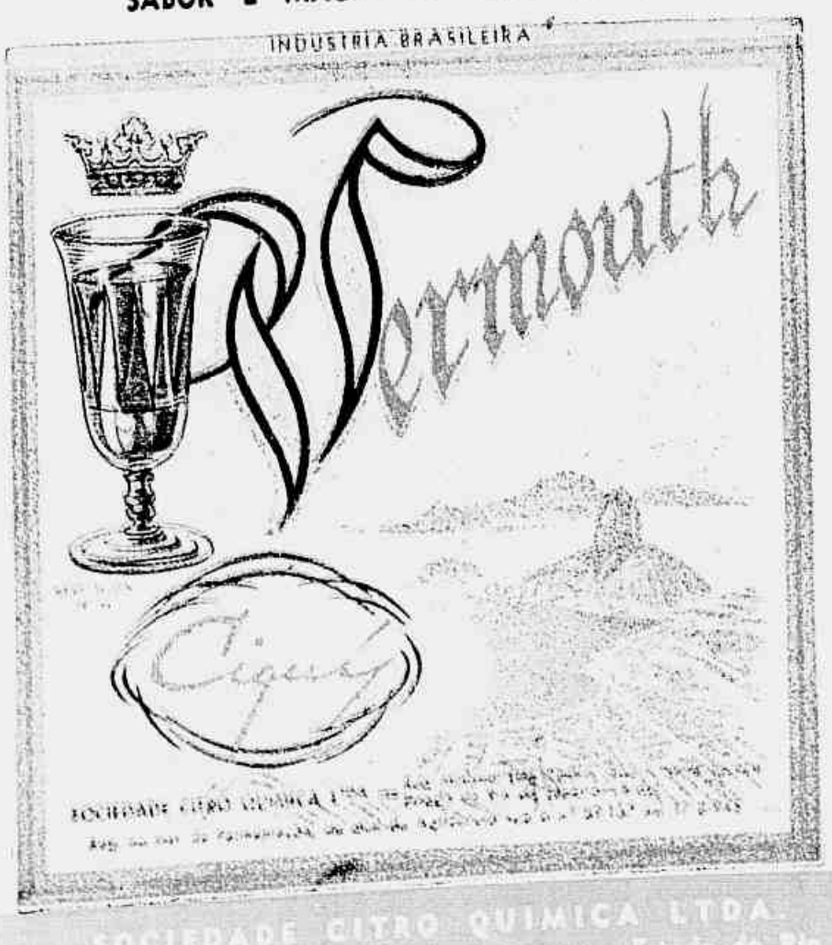
Ciquí

Produtos de alta classe!





OS PRODUTOS "CIQUI", QUE JÁ ESTÃO À VENDA, IMEDIATAMENTE SE IMPUSERAM COMO PRODUTOS DE ALTA CLASSE PELA SUA ÓTIMA QUALIDADE, DELICIOSO SABOR E MAGNÍFICA APRESENTAÇÃO



SOCIEDADE CITRO QUIMICA LTDA.
Rua Ministro Lina Castro, 862 — Nova Iguaçu — Estado do Rio de Janeiro
DISTRIBUIDORES GERAIS:
"SERVE" LTDA.
Av. Presidente Vargas, 502 — Tel. 42-8391 — End. Telegráfico: "SERVENDAS" — Rio de Janeiro

AS CRIATURAS DE EÇA

DIZEM que há muitos anos, em algum lugar do infinito, um velho de longas barbas, que atendia pelo nome de Jeovah, resolveu criar, para seu divertimento, um mundo habitado. Até então era a treva. Mas Êle exigiu luz e a luz se fez, gratuita e obrigatória, durante doze horas por dia. Depois criou Êle o homem, à sua imagem e semelhança. E desde aquêles tempos saudosos ninguém mais se lembrou de fazer isto. Até que apareceu Eça de Queiroz. Cansado do homem de Jeovah, Eça resolveu criar o homem outra vez, não à sua semelhança, mas à imagem e semelhança de modelos vivos, que ia tomando aqui e ali, nas esquinas de Lisboa, nos cafés de Paris, nas salas dos Parlamentos, nas platéias dos teatros. Estudava cada detalhe e cada atitude, as rugas dos rostos e a opacidade dos intelectos. Pintava depois aquilo que via, com a tinta forte de seu estilo. Os modelos posavam inconscientemente, e o patife os ia retratando à traição, com fidelidade e graça. Os homens de Estado, grandiloquentes e enfáticos, olhavam de cima aquêle sujeito magro, e emitiam opiniões poderosas e conceitos filosóficos, certos de que impressionavam profundamente o interlocutor. Era o que Eça queria. O modêlo aparecia depois, caricato e exótico, mas retratado sempre com honestidade e perfeição.

Depois, cansado de vasculhar com a lente de seu monóculo os exemplares todos do museu humano, Eça recolheu-se calmamente à sepultura e deixou, com um sorriso irônico nos lábios, a sua herança ao mundo. A herança ficou por aí, farta e espalhada, distribuida por todos os meridianos e todos os paralelos. O que êle fizera não era exclusivamente português, era universal.

Acacio, Amelia, Luiza, o Conde de Abranhos, Gouvarinho... conhecemo-los todos e todos nos aparecem em cada momento, na expressão de um homem que cruza a rua, na fisionomia do vizinho, na voz do amigo. Mas de todos o mais universal, o mais completo, o mais característico, o mais comum é Pacheco. Custa a crêr que Eça o tenha retratado com tanta perfeição. Onde é que não o encontramos hoje? Em qualquer lugar do Rio de Janeiro êles vivem e proliferam, fazendo reluzir a auréola de seu "robusto talento". E o talento expande-se, abre-se em colunas corridas nos jornais, toma de assalto as ondas hertzianas, ocupa as telas cinematográficas. Hoje, Pacheco é o intelectual que maior número de pseudônimos possui, o político que mais cognomes arranjou. Em cada artigo da imprensa diária um de seus nomes aparece ameúde, em referências elogiosas. E no fim do corpo da composição outro pseudônimo seu assina o trabalho. Pacheco usa muitas fisionomias e muitas atitudes diversas. E' político, é intelectual, é artista. Expõe nos salões, edita nas livrarias, fala nas câmaras. Ocupa catedras e ministérios. Nunca foi tão grande a sua atividade em matéria burocrática. E

bre o leito e pedimos com fervor a Deus, em cuja existência não acreditamos, que nos proteja contra os enganos catastróficos. Oramos a Jeovah ou a Buda, rogando a graça de sua vigilância, para que do embrulho da coroa de espinhos não surja à vista da "Titi" indignada a brancura da camisa de Mary. E dormimos em calma.

Acontece porém que, não

(Continua na pág. 45)

Belmonte, pai do mais querido cidadão paulista, Juca Pato, elaborou uma série de retratos dos personagens de Eça. Os "bicos de pena" do grande caricaturista brasileiro em nada desmerecem a perfeição das criações do genial português. Nestas páginas aparecem algumas das figuras de Eça reproduzidas por êle. À esquerda, uma passagem do "Primo Basilio": Luiza e Acácio saindo para um passeio no jardim de São Pedro de Alcântara. À direita: Amélia, pensativa, sôbre o cenário adormecido de Leiria. Nas vinhetas: o sincero Raposão e a bela Maria Eduarda de "Os Maias".

andou tão "enrustido" profundo talento.

nselheiro Acacio tam-nda a fazer das suas. a um pouco menos co-que o seu irmão de tão esco talento, êle não é arrojado. Vive tam-n altas esferas, engran-o a Nação com os seus os, enriquecendo as le-m os ditos. A sua filo-adia e profunda torna-mais acatado que eles, mais famoso que io. Platão perto dêle é Com uma palavra der-Marx, com duas arraza n. E' supremo, é úni-ça o cavanhaque e fala amente, tirando do do encéfalo de gênio a osofia de titã.

em todos os lugares a as horas. Nas reuniões ndicatos de classe, nas e aulas, nas Academias ras, nos cafés, nas "soi-nunca falta o seu pal-E quando êle fala to-e calam embevecidos anta sabedoria e tanta ão.

estaria bem se encon-mos o Conselheiro e Pa-um de cada vez, isola-sós. Mas não. Quase e acontece que vemo-o a lado, na mesma de aula, na mesma Aca-na mesma mesa de Êles são tão humana-irmãos que muitas vê-ncontramo-los ainda da mesma pessoa. E só então, nos certifica-a verdadeira extensão io de Eça.

aposão também ainda mbora muito camufla-Raposão, meu Deus, ês-ão não o encontramos só ossos semelhantes. Êle também dentro de nós os, é um pedaço da gen-smo. Confessemos a e. A "Titi" muda de fi-muitas vêzes o chefe itório, a namorada, a raras vêzes a mãe, qua-pre a espôsa. De noi-penumbra do quarto, dos dentro de nossa a consciência, se pen-s um pouco nos nossos eremos que somos pro-mente Raposões. E en-nge de nos aproximar dade, longe de lançar-ra a nossa hipocrisia ra, ajoelhamo-nos sô-

Sinta-se orgulhoso em possuir uma "Sheaffer"

Esta "jóia que escreve" foi fabricada especialmente para senhoras e cavalheiros de gosto requintado. É bela e útil! Perfeita e indispensável!

As novas canetas e lapiseiras SHEAFFER são verdadeiras jóias de raro valor, com tôda a perfeição de acabamento das mais puras obras de arte. Presentear ou possuir uma SHEAFFER'S Valiant *Lifetime** constitue um motivo de orgulho, pois êsses maravilhosos instrumentos de escrever resistem a qualquer análise. Observe o alimentador FLO-RITE, de capacidade superior à comum, que controla o fluxo exato da tinta, evitando falhas e borrões na escrita. O seu fácil reabastecimento, visibilidade do depósito, "clip" flexível, controlado por mola interna e adaptável a qualquer espessura de tecido. Verifique a precisão microscópica com que foi fabricada a nova pena *Lifetime*, inteiramente feita à mão, de ouro de 14 K., platina e ponta de iridio, com refôrço interno; ela deslisa sôbre o papel com a suavidade de uma pluma, permitindo escrever de dois modos diferentes, numa adaptação perfeita à sua maneira pessoal de manejá-la.

Completando o jôgo, a lapiseira "Fineline", macia, de maior resistência e durabilidade, com a nova ponta reforçada e grafites de comprimento duplo. Sinta orgulho em oferecer ou possuir um jôgo SHEAFFER. Êle reflete a sua personalidade e o seu senso de homem prático e observador... e, além disso, dura tôda a vida!

A NOVA PENA

*Lifetime**

O ponto branco na caneta identifica a pena "Lifetime" (garantida por tôda a vida)

Novas canetas "TRIUMPH"
Novas lapiseiras "FINELINE"

SHEAFFER'S

Representantes exclusivos no Brasil

M. AGOSTINI & CIA. LTDA.

Rio de Janeiro: Av. Rio Branco, 47 - 1.º andar • São Paulo: Rua Dino Bueno, 212 - Caixa Postal 344

O MISTERIO DE BLACKMOOR

(Continuação da pág. 2?)

Dias depois ela retomava o manuscrito e acrescentava:

"Hoje estivemos em casa de Lady Ashton. Mais uma vez êle tentou matar-me. Quando se convencerá de que eu acho doce morrer por êle? Suas mãos tremiam... Meu pobre amor! Como êle estava apreensivo! Está correndo tantos riscos! Às vêzes tenho ímpetos de tomar a iniciativa e acabar com tudo. Mas "êle" quer matar-me... e eu, eu não tenho coragem de deixá-lo. Nunca me suicidarei.

"Lady Ashton olhou-me surpreendida quando eu aceitei o ponche que êle veio me oferecer. Eu sabia que estava envenenado. Decidi tomá-lo.

"— Minha filha, você está se sentindo bem?

"Lady Ashton estava apreensiva: nunca me vira beber.

"Jack! Jack! Vou morrer pelas suas mãos. Pensei tanta coisa naquele momento!... Pensei: Querido, quando eu estiver me contorcendo nas dôres que o veneno me causará, segure-me nos seus braços e eu não sentirei dôres. Virá a tranquilidade, e antes de morrer eu beijarei sua bôca e direi ainda: "meu bem, meu bem, eu o perdôo"!

"Foi Harry ainda quem o impediu de matar-me. Desajeitado, aproximou-se e, sem querer, derrubou o copo. Vi o líquido correr pelo chão, enquanto Lady Ashton corria para chamar uma empregada. Pode parecer ridículo, mas naquele momento só pensei: "Deve ter custado caro o veneno"..."

★

Ora a tinta, ora a lápis, em várias espécies de papel, ela ia passando o desabafo de seu desespêro quase histérico para o papel. Dias mais tarde registrava:

"Meu pobre amor desajeitado! Desta vez escrevo-lhe como quem escreve uma carta. Como você treme quando chega o momento! Hoje falhou por sua própria culpa. Não teve coragem.

"Eu estava sentada no meu quarto. Você entrou silenciosamente, sem dizer uma palavra, debruçou-se sôbre minha poltrona e beijou-me no ombro. Senti um estremecimento delicioso. Mas quando você se ergueu, vi que suas mãos estavam trêmulas, e pedi a Deus que tudo acabasse depressa. Na beira da loucura a que essa tensão me leva, eu desenvolvi um outro sentido, que me permite pressentir quando você vem e traz um novo plano. Como foram ridículos os seus outros planos! Como falharam tremendamente! Recorrerá à violência? Uma faca, um punhal, talvez fôssem o meio mais simples. Vem! Vê meu peito? Mata-me!

"Por que você ficou olhando para mim, em silêncio? Não sabia que eu não gritaria? Pensava que ia falhar novamente?

"Como tive vontade de rir, quase histericamente, quando o criado veio anunciar:

"— O jantar está na mesa."

★

"Enfim! Enfim! Finalmente você vai conseguir. Por que me trouxe para esta casa afastada, êste lugar deserto? Blackmor? O lugar da morte. Uma grande serenidade me invade. Chegou o momento. Creio que é com um punhal... Saiba, querido, mesmo agora, que amo-o sempre, adoro-o, meu amor, minha vida..."

★

Naquela noite Norton recebeu a visita do detective.

— Esperava-o.

Quando estavam conversando apareceu uma velha criada:

— Jack, você sabe que ainda não me deu o dinheiro do mês para as despesas da casa?

— Está bem, Anna. Agora... agora não posso. Mais tarde, talvez.

Estava pálido. O detective voltou-se lentamente.

— Podia dizer-me por favor seu primeiro nome, Mr. Norton?

— Norton estremeceu:

— Mark.

— Mas, se não me engano, essa senhora chamou-o **Jack.**

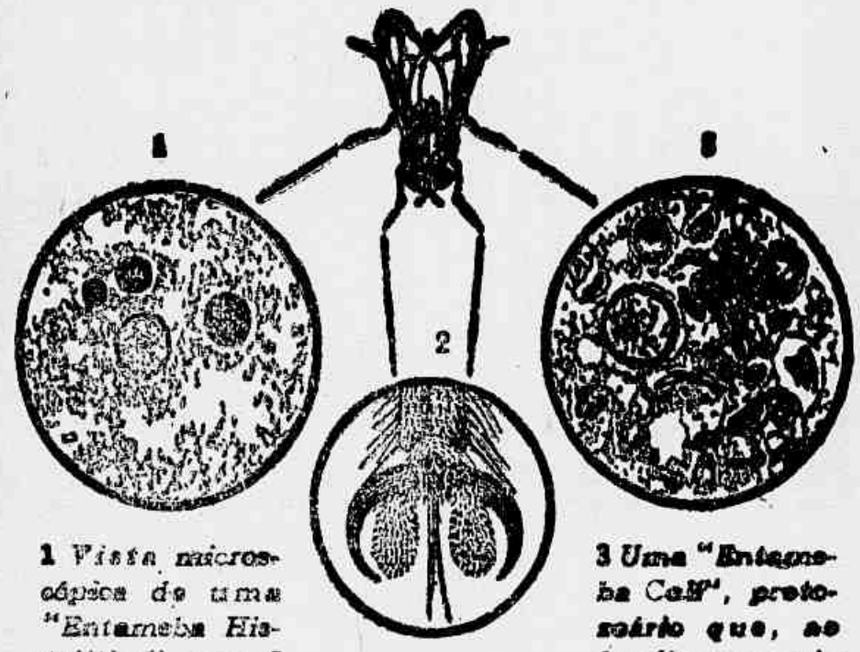
(Continua na pág. 49)

A DISENTERIA

— e as môscas

Em medicina existem dois tipos bem definidos de disenteria: a amebiana e a bacilar. Ambos se caracterizam por freqüentes evacuações, perda de peso, etc. A amebiana provoca o aparecimento de abcessos no fígado, que são fatais em alguns casos.

As môscas podem atuar como agentes transmissores destas enfermidades e depositar com suas patas ou suas fêzes, os gérmes causadores da moléstia. Por isso, lutar contra as môscas, ajudando a destruir as fôzes onde estas se desenvolvem e multiplicam, é levar a cabo parte da profilaxia contra as referidas infecções. Complete esta ação, pulverizando em seu lar SHELLTOX, o inseticida científico que exterminas môscas, mosquitos e outros insetos daninhos.



1 *Vista microscópica de uma "Entameba Histolítica" com 3 glóbulos vermelhos. E' um parasito causador da disenteria amebiana.*

2 *Esta é a pata, muito ampliada, da môsca. Entre os pêlos retém as matérias contaminadas que logo deposita sôbre os objetos ou sôbre a pele humana.*

3 *Uma "Entameba Coli", protozoário que, se localizar-se no intestino, pode dar origem a várias enfermidades.*

Não tonteia os insetos: MATA-OS!

ANGLO MEXICAN PETROLEUM CO. LTD.

PRODUTOS DE PETRÓLEO

1 Cena do primeiro ato da famosa peça de Ibsen, vendo-se Nora, a protagonista, tendo ao colo sua filhinha, contracenando com a outra menina. A governante apronta-se para levar as crianças ao passeio matinal. Nora está satisfeita, embora intimamente desejando ser mais alguma coisa para o marido além de uma simples bonequinha, a quem êle faz tôdas as vontades. Ninguém sabe, porém, que Nora é capaz de grandes sacrifícios, sob o maior sigilo, quando se trata de curar a enfermidade do marido.

CASA DE

A famosa peça de Ibsen está em grande evidência. Depois do rumoroso sucesso cinematográfico ela se encontra em cartaz, no Teatro Ginástico, representada pela Companhia de Renato Viana que se denomina "Teatro Anchieta", de Pôrto Alegre. Seus principais intérpretes são: Nora Maria Caetana; Helmer, Renato Viana; Doutor Rank, Mauro Magalhães; Krogstod Barrioneuvo; Cristina, Joice Oliveira; Governante, Alice Gunther.

2 O grande segrêdo de Nora está correndo o risco de ser revelado. Isso constituirá um escândalo e uma ruina para a felicidade do casal. Krogstod, um perfeito "scroc" a quem Nora um dia pediu auxílio financeiro para custear a cura de Helmer, foi despedido. Êle impõe a Nora que consiga do marido a sua reintegração no cargo, ou desvendará o seu grande segrêdo. Nora não sabe o que fazer. Ela tudo pagou ao miserável, mas assim mesmo está entregue à sua vontade. E Krogstod a ameaça: ou o emprêgo ou então...

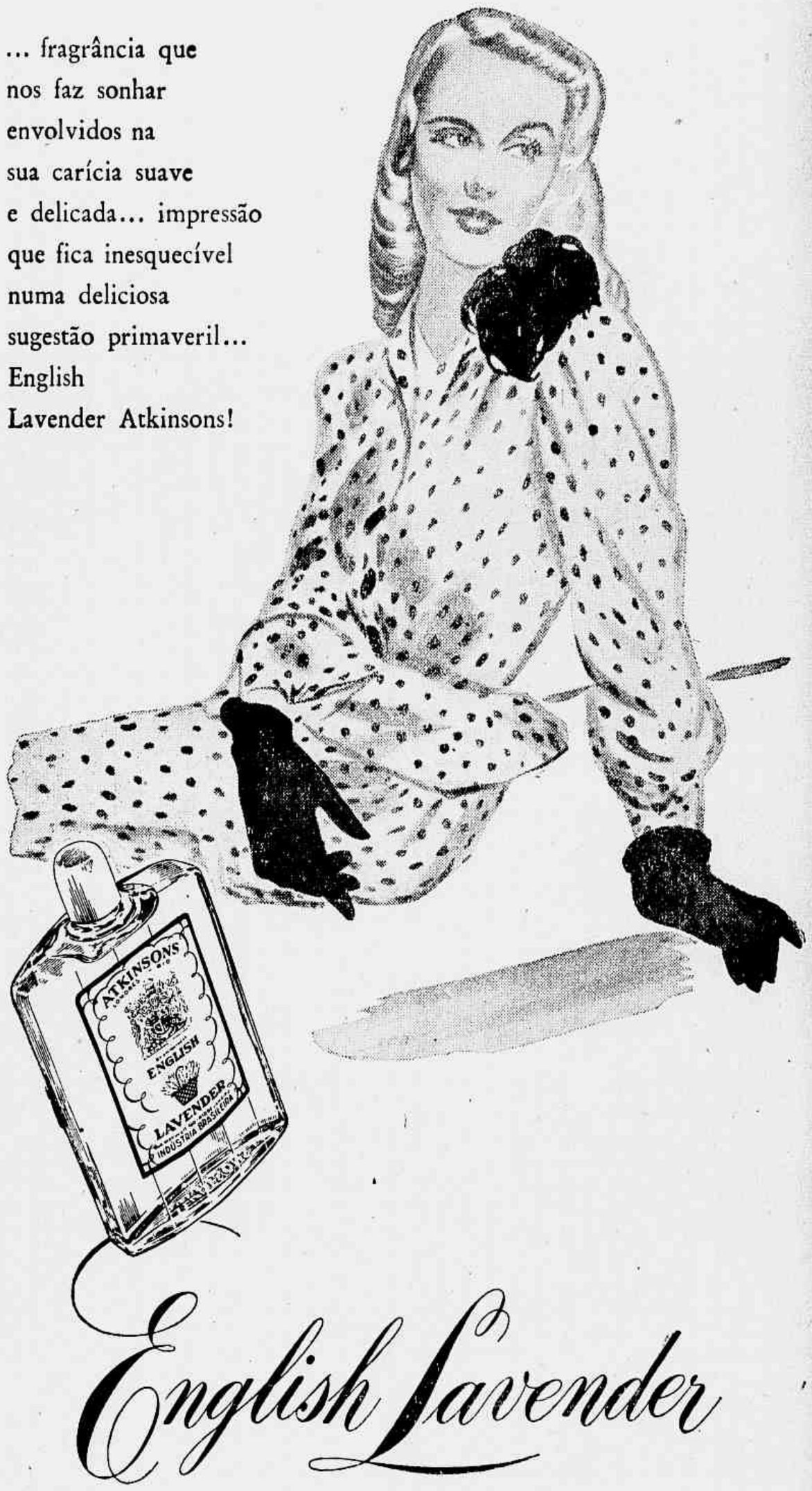
3 Aquela noite, no baile, Nora procura esquecer o seu sofrimento. E dança, naquela roupa típica, uma deliciosa tarentela. Ali vai ter o velho Doutor Rank, um velho amigo do casal, homem que mal esconde seu antigo afeto por Nora. Dela se despede, de maneira impressionante. Nora tem a certeza de que não o verá mais. O velho Rank está disposto a acabar com a vida, levando na retina aquela última lembrança da môça que, no entanto, ali ficou, em meio ao salão, apreensiva e pezarosa. Perderá um amigo...

BONECAS

Depois do sucesso expressivo de "Comédia Sexual", o registro auspicioso de "Casa de Boneca" não surpreendeu, servindo apenas para ratificar o conceito a estima e o aprêço com que público e crítica da Capital da República estão endossando as credenciais de que se fez portadora a Escola Dramática da Capital dos Pampas. "Casa de Boneca" está sendo o acontecimento dêste fim de ano.

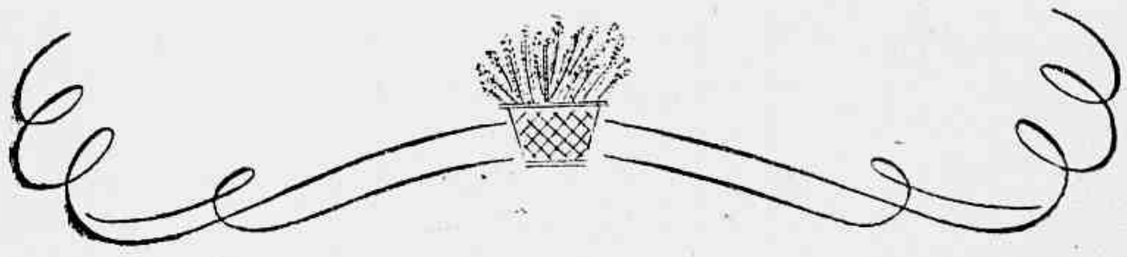
4 E aqui está o célebre final de "Casa de Boneca". Depois da cena violenta entre Nora e Helmer, ela abandona o lar. Êsse desfêcho provocou grandes reações por parte das platéias européias, tendo Ibsen aquiescido em transigir com algumas. Na peça original, todavia, Nora ausenta-se para nunca mais voltar. E o marido deixa tomar-se pelo desespêro, pelo arrependimento de não a ter compreendido. Ela é mais alguma coisa além de uma linda boneca. E' mulher, mulher de verdade. E êle a perdeu...

... fragrância que
nos faz sonhar
envolvidos na
sua carícia suave
e delicada... impressão
que fica inesquecível
numa deliciosa
sugestão primaveril...
English
Lavender Atkinsons!



English Lavender

ATKINSONS



...refrescante como as brisas matinais!

LINTAS ELC 30-07 A

JOCKEY CLUB MUNDANO

★

Na tarde de domingo último, entre o segundo e terceiro páreos, o dr. João Borges Filho, acompanhado do dr. Jayme Tigre de Oliveira, respectivamente presidente e 2.º secretário do Jockey Club Brasileiro, recentemente eleitos, compareceu à sala de imprensa do Hipódromo, fazendo assim, depois de sua posse, a primeira visita aos cronistas. Estampamos nesta página aspectos da solenidade e dois flagrantes fotográficos colhidos durante os intervalos das corridas.

CASA HERMANNY
FUNDADA EM 1855

MATRIZ: GONÇALVES DIAS, 50
FILIAIS: COPACABANA
NITEROI — PETRÓPOLIS

Fragrância de Flores
por ANN HAVILAND

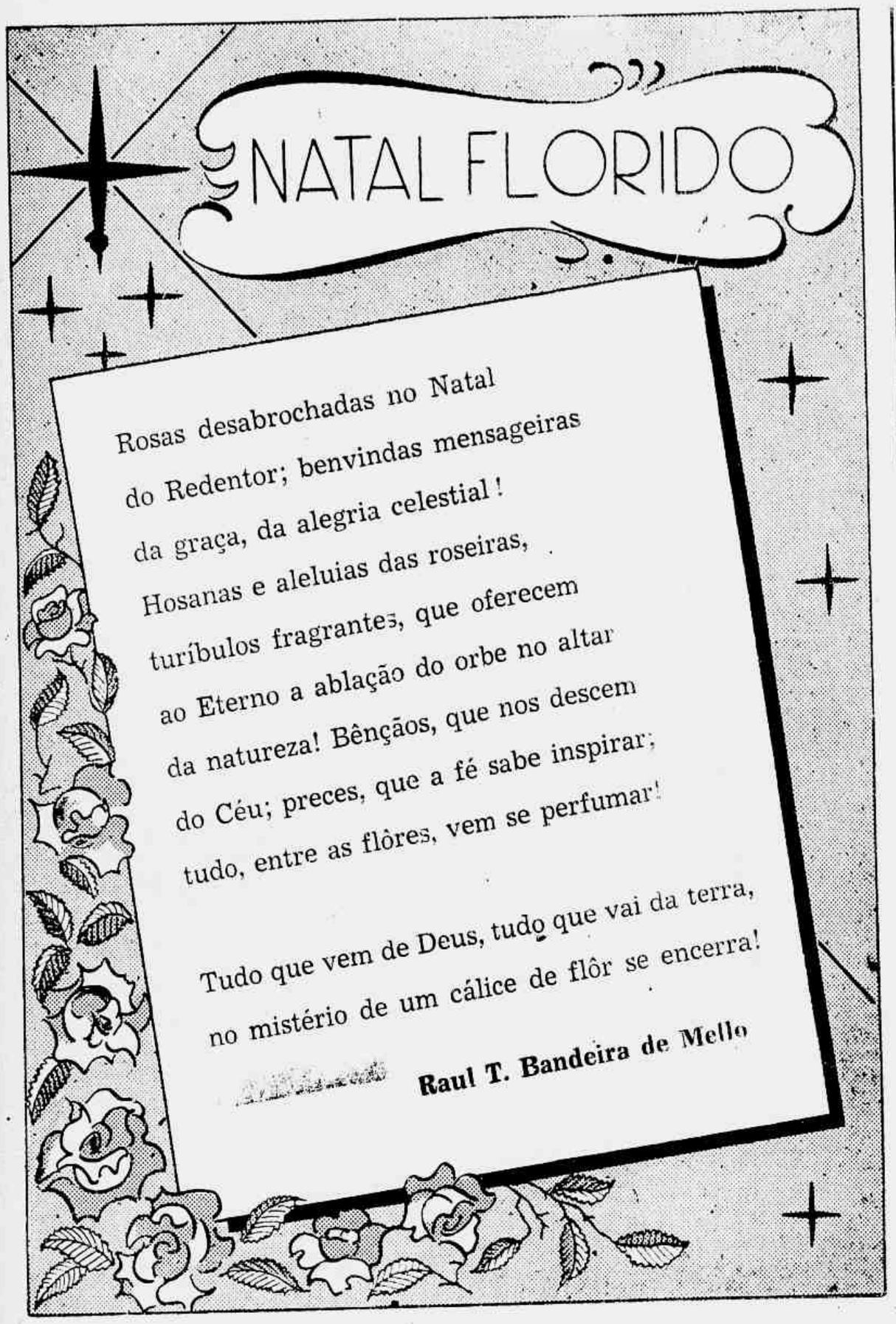
A CRIADORA DOS PERFUMES MAIS FEMININOS...

LILY OF THE VALLEY · GARDENIA

WOOD VIOLET · CARNATION

LILAC · HYACINTH

SACHETS E SAIS PARA BANHO



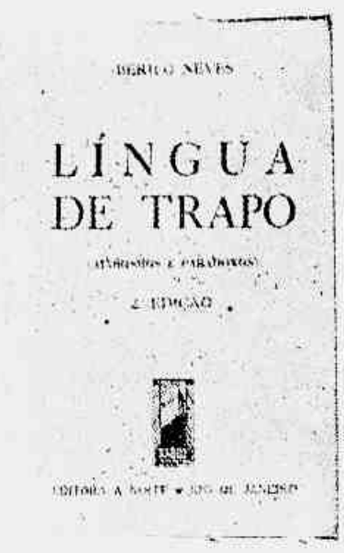
Os Disturbios Glandulares na Mulher e o seu Tratamento Moderno

Data de 1923 a significativa descoberta de dois cientistas norte-americanos, que encontraram nos ovários duas espécies de secreção, as quais régem a vida sexual da mulher.
Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma grande fórmula, pondo à disposição da mulher um tesouro de grande valor, cujo nome é PANSEXOL "F". Possui o Pansexol "F", pela sua fórmula, os requisitos necessários para combater eficazmente a fraqueza e a neurastenia sexual, falta de vigor e vitalidade, regras tardias, irregulares pouco abundantes ou excessivas, como também é empregado com resultados marcantes em todos os casos de obesidade ou magreza glandular, flacidez da pele e da cutis e tôdas as doenças provenientes da idade crítica (menopausa). Seu uso proporciona logo as primeiras drageas aumento de atividade intelectual, entusiasmo, bem-estar geral. PANSEXOL "F" MININO" encontra-se à venda em tôdas as Drogarias e Farmacias.

Fórmula do Prof. AUSTREGÉSILO
Remetemos, pelo Reembolso postal
Cr$ 25,00 o vidro
Produtos Panvital - Rua da Estrela, 8
RIO DE JANEIRO

Livros

LÍNGUA DE TRAPO, aforismos e paradoxos de Berilo Neves, 2.ª edição — Editora *A Noite* — *Rio de Janeiro, 1945.*



Naquêle tempo, o Sr. Berilo Neves detestava as mulheres. Não Berilo Neves, o homem propriamen e dito, nas o homem de letras. Ou, para sermos ainda mais exatos, o humorista. Sem haver como dizem os francêses, *pris en grippe* o belo sexo, contra êle assestava, a cada momento, a pena trêfega e aguilhoante, semeadora inexgotável de ironias. Era o assunto predileto, quase um estribilho nas suas crônicas de fantasia — e que, como fantasia, já então excepcionalmente se faziam admirar. O autor de *Língua de trapo* convertia o objeto da adoração de todos nós e, pessoalmente, da sua própria com certeza, em alvo dessas flechas de exercício, que não rasgam nem ferem, marcam apenas e não para sempre. Para empregarmos outra imagem esportiva, embora menos airosa, o Sr. Berilo Neves fazia do semblante de Venus uma espécie de cabeça de turco. E, para dar aos seus golpes mais vigerosa eficiência, invocava, no momento de os desferir, a História, a Mitologia, os Poêmas. Recorria até ao Velho Testamento, à Gênesis, ao princípio de tudo:

"A mulher não é criatura de Deus". Deus só fez a mulher por insistencia de Adão, que achava menotono o paraiso. Logo, Deus não tinha intenção de criar a mulher. Logo, Deus é, de feito, onisciente. O homem é que é tolo".

Isso de recuar pelos séculos e os milênios, pelas idades das idades, até chegar aos dias da Criação e apurar o que era ou não intuito de Nosso Senhor, por que razão êle fez isto em vez daquilo, não está, positivamente, nas faculdades de qualquer de nós. Só com muita coragem e muito espírito. E eis o que o Sr. Berilo Neves sempre teve para dar e vender. Para vender também, perfeitamente, porque, se nunca lhe faltou uma nem outra daquelas virtudes, frequentemente as possuia de sobra. Voltemos a uma comparação que deploravelmente redunda na nossa inferioridade: Qualquer de nós se arreceiria de ofender a vaidade feminina. Principalmente a que resulta dos encantos físicos e bem assim da convicção que as mulheres a tal respeito nutrem, pondo a beleza acima de tudo — e fazem elas muito bem... E' coisa sagrada. Só se lhe deve tocar com os lábios e, assim mesmo, se ela der licença. O Sr. Berilo Neves, iconoclasta sorridente, não se limita a derrubar a deusa do seu pedestal feito de graças irresistíveis, mutila-a, reparte-a, redu-la a simples peça de açougue ou de cardápio, retirada do costado de nosso Pai Primitivo:

"A mulher é mulher como poderia ter sido costeleta. Anda hoje metida em sedas, mas podia estar, perfeitamente, em cima da meza do Universo, meio tostada dos lados e com umas rodelas de limão por cima"...

Bem entendido, nem todo o presente volume, que vai além de duzentas páginas, glosa êsse motivo de misoginia... literária. Seria realmente de mais. E o livro deixaria de nos dar, como realmente nos oferece, de capítulo em capítulo, o encanto da variedade. Desunido na sua classe, igualmente o Sr. Berilo Neves moteja os homens em geral. Assim nas páginas intituladas *Dia de juizo* sentencia: "O homem sem juizo é-o homem que não faz questão do juizo que os outros façam da sua falta de juizo — O maníaco é um doido a prestações — Os maiores doidos são os que não sabem que o são — Entre um maluco e um poeta a diferença é de graduação". Mas, de repente, reaparece a ví ima:

"Mulher de juizo ou não é mulher ou o juizo está errado".

Desde a primeira edição da *Lingua de trapo* até, por exemplo, ao *Caminho de Damasco*, muita água passou por baixo das pontes e muitas coisas passavam pelo espírito e o coração dêste escritor, a quem as mulheres, sem dúvida, tudo perdoaram ao verificar quanto êle realmente as amava.

❋ ❋ ❋

VIDA DE SCHOPENHAUER, estudo e comentários de Karl Weissmann — Livraria Cultura Brasileira Ltda. — *Rio de Janeiro, 1945.*

O Sr. Karl Weissmann, austriaco de nascimento, reside há muitos anos no Brasil. E esta segunda condição lhe permite escrever no nosso idioma tão bem de certo como no seu — se não ainda melhor. O seu estilo tem, além da clareza, certa dignidade. Eleva-se do relato puro e simples — a que qualquer estrangeiro se restringiria se não e quisesse valer de tradutor ou revisor — a um tom literário que logo desperta a nossa atenção e se impõe à nossa simpatia. Por isso vamos percorrendo esta obra com real interêsse, e nem as coisas já nossas conhecidas que ela contenha nos induzirão a passar adiante ou aligeirar a leitura.

Diz o Sr. Weissmann, numa "justificação" liminar, que "será pouca a sua contribuição pessoal". Reserva o maior espaço ao próprio Schopenhauer, às suas cartas, seus comunicados aos periódicos, trechos mais ou menos consideráveis dos seus livros. Este biógrafo não cuida realmente de si mesmo, e assim se distingue de tantos outros que, cedendo à preocupação do eu, acabam quase sem fazer caso dos biografados. Não ostenta erudição nem autoridade crítica. A verdade, porém, é que acompanha a vida e a obra do filósofo, constantemente, embora discretamente, as comentando. Psicanalista experimentado, como atesta um livro anterior, aplica êsse ramo da ciência, com toda a sua penetração e todo o seu poder de elucidação, às idéias e aos atos do autor d'*O mundo como vontade e como representação*. Explica muitas coisas, não poucas positivamente revelará à boa média dos leitores. Sobretudo levará êsses leitores a melhor conhecer e considerar aquilo a que singelamente se chama o "pessimismo schopenhaueriano". E agora nos ocorre uma passagem d'*A cidade e as serras*. Quando de todas as maneiras, e entrando cada qual com o seu possivel quociente, se trata de tornar mais esplendoroso o centenário de Eça de Queiroz, transcrevamos esta meia página que tão finamente reflete o seu espírito... E' já na serra do Douro e no solar dos Galeãos; Jacinto e Zé Fernandes palestram, depois de jantar, vem à baila o pessimismo que tamanha influência exerceu no ambiente do 22 dos Campos Elíseos, e o senhor de Tormes discorre ligeira e regaladamente, dizendo entre outras coisas:

"O bom Schopenhauer formula todo o seu schopenauerismo quando é um filósofo sem editor e um professor sem discípulos, e sofre horrendamente de terrores e manias, e redige as suas contas em grego nos perpétuos lamentos da desconfiança, e vive nas adegas com medo de incêndios, e viaja com um copo de lata na algibeira para não beber em vidro que beiços de leproso tenham contaminado! Então Schopenhauer é sombriamente schopenhauerista. Mas, apenas penetra na celebridade, e os seus miseráveis nervos se acalmam, e o cerca uma paz amável, não há então em todo o Francfort burguês mais otimista, de face mais jocunda e gosando mais regaladamente os bens da inteligência e da Vida"!

Novos

AUGUSTO DOS ANJOS, POETA DA MORTE E DA MELANCOLIA, estudo biográfico e crítico de De Castro e Silva — Editora Guaíra Limitada — *Curitiba, 1945*.

Muito se tem escrito a respeito de Augusto dos Anjos. E certamente muito ainda se escreverá. A sua individualidade, como as de Cesário Verde e Antônio Nobre em Portugal, as de Cruz e Sousa, Mário Pederneiras e Raul de Leóni no Brasil, assumiu tal destaque, tão "diferente" expressão na poesia do tempo que forçou um exame crítico especial e sobretudo se tornou discutida.

Além do mais, Augusto dos Anjos levou existência tanto quanto possível retraída. Não deixava apenas de se curar mas evitava as convivências vulgares, o contacto com a chamada toda a gente. Arredava-se, com o seu ideal e os seus versos, não simplesmente em obediência ao preceito latino segundo o qual quem bem se afasta bem vive, mas porque, receioso, de certo, de ser malquisto ou mal compreendido, preferia que o não conhecessem. Alguns livros lhe bastavam para formar o seu mundo de relações. E tinha outra companhia eleita e preciosa: os livros. Adorava os poetas e os filósofos, e talvez alguns dêstes lhe fizessem mais mal do que bem ao espírito e ao sentimento. A sua sensitividade não penetraria sem pungente alvoroço as grandes questões em que os teoristas se debatem, com igual convicção, igual ardor dum lado e outro, às vezes até de muitos lados, sem chegaram a uma conclusão para nós providencial. Augusto dos Anjos devia sentir, como o poeta do *Só*, "a dôr do pensamento".

Vários biógrafos ou cronistas teem falado da sua excessiva, impressionante modéstia. O Sr. De Castro e Silva, autor do presente livro, mais de uma vez se refere a essa virtude que, assim exagerada, se torna, como qualquer outra sem certa medida ou limite, uma espécie de doença. E sem dúvida, ao poeta paraibano gravemente o prejudicou. As suas aspirações na imprensa, no professorado, na magistratura tiveram aquela grande inimiga a estorvá-las, a empecê-las, até as anular. Enquanto outros que tinham sido seus condiscípulos ou companheiros da sua mocidade se arremessavam à conquista da fortuna da posição, do bom êxito sob qualquer fórma, êle se deixava tímida e melancólicamente ficar para trás. Por mais talento que tivesse, e mais saber e mais vontade de realizar alguma coisa, a modéstia lhe dificultaria tudo. Menos fazer versos. O Sr. De Castro e Silva estuda o poeta que êle foi, que não podia deixar de ser. Estuda-lhe as origens e os antecedentes nas letras da língua portuguesa. Explica a natureza e o sentido da sua inspiração, diz como se veio diferençando, tornando cada vez mais pessoal a sua arte. E oferece-nos muitas poesias de Augusto dos Anjos até agora inéditas ou que, pelo menos, não constam das últimas edições da sua obra. Está nêsse número o soneto que se segue, intitulado *Mística* e datado de 1905:

Vinha passando pelo meu caminho
Um vulto estranhamente iluminado...
Para onde eu ia, o vulto ia a meu lado,
E desde então, não andei mais sosinho...

Abraçou-me, beijou-me com carinho
Que a um ser divino não seria dado...
E eu me elevava, sendo assim beijado,
Muito acima do humano borborinho!

Falou-me de ilusões e de luares,
Da tribu alegre que povoa os ares...
— Assombrava-me aquela claridade!

Mas através daquelas falsas luzes
Pude rever enfim todas as cruzes
Que tem pesado sobre a Humanidade"!

❁ ❁ ❁

GENTE LUSA, estudos e conferências de Jaime Franco — Publicação do Instituto D. Escolástica Rosa — *Santos, 1945*.

O Sr. Jaime Franco é descendente direto de portuguêses. Fez parte da sua educação em Portugal. Estudou em Coimbra — saudade que fica para sempre. E, homem feito, entrado na vida prática, integrado no comércio da cidade de Santos e ao mesmo tempo diretor ou colaborador de jornais, tem mantido, quer com portugueses, individualmente, quer com institutos ou grêmios da colônia, relações constantes e de pura cordialidade. Pela ascendência, portanto, pela ilustração, pelas relações do trabalho, pelas ligações do afeto, por todas as razões do espírito e do sentimento, êste brasileiro não admira apenas mas também e deverás ama Portugal. Portugal continúa nêle. Tudo o que à pátria ancestral diga respeito lhe interessa e o apaixona como a vida, a fortuna, o destino da sua terra de nascimento. E eis a razão e a emoção que dominam neste livro.

Em artigos para a imprensa a propósito de comemorações oficiais ou simples efemérides, em discursos e conferências, em ensaios de crítica literária, em estudos de arte, sempre Portugal se reflete nas presentes páginas, louvado na beleza do torrão, celebrado nos feitos dos homens, cultuado nas lições da sua fé e nos exemplos da sua glória. Há uma série de capítulos sobre Camões, um dos quais obedece ao bem lembrado e bem explicado título *Luís de Camões, poeta luso-brasileiro*. A' individualidade e à ação de Martim Afonso de Sousa, "Governador de Nova Lusitânia", são consagradas mais de vinte páginas de escrupulosa pesquiza, documentação abundante e nas quais intervém, sempre oportunamente e com segurança, o comentário do escritor. E outro longo trabalho investiga e analisa as obras do romancista Ferreira de Castro, de enorme êxito de livraria, traduzidas em várias línguas mas nem sempre apreciadas, na intenção e na finalidade, como realmente merecem.

"A nossa curiosidade em conhecer a verdade dos fatos — diz o Sr. Jaime Franco, entre outras observações, no antelóquio do volume — levou-nos ao extremo de exaltada e ardente admiração pelo povo lusitano, tanto do passado como do presente. A consolidação da nacionalidade portuguêsa desde o ano de 1128, pelo rei conquistador D. Afonso Henriques, a consolidação da teria pátria, palmo a palmo, em guerras sangrentas com outros povos, as lutas internas por motivos políticos e administrativos, através das dinastias afonsina, joanina, filipina, bragantina e do regime republicano, não nos causaram tanto entusiasmo como a obra da colonização portuguêsa em todas as partes dos continentes desconhecidos, porque teve sentido universal e imortal". E conclue: "A nossa contribuição ao intercâmbio intelectual luso-brasileiro aí fica a representar o simples prazer de quem cumpriu um dever de gratidão a Portugal e aos seus maiores. Outros continuarão."

Tal o espírito, repetimos, que impera e triunfa no livro inteiro.

J. L.

NO CALOR...

Dê à sua cútis uma agradável sensação de frescor, com uma leve fricção de Água de Flórida. Perfumada, desodorante, antissética e estimulante da circulação sub-cutânea, Água de Flórida mantém a pele fresca e perfumada o dia todo... A venda em tôdas as farmácias e perfumarias.

ÁGUA DE FLÓRIDA

A mulher de Londres e de Paris

Paris (H. P.) — A mulher moderna de Paris e de Londres sabe despertar, adquirir e conservar a sua Feminilidade, Juventude, Saúde, Atração e Beleza, tão desejadas e necessárias em todos os períodos de sua vida. A sua arma é o famoso tratamento Okasa, à base de Hormônios frescos e vivos (extratos das glândulas endócrinas e de Vitaminas essenciais) — (fonte de Vitalidade). Okasa, de alta reputação mundial, é fabricado há mais de 25 anos pelos conhecidos Laboratórios Hormo-Pharma de Londres e Paris; é importado agora diretamente de Londres. O tratamento Okasa é uma medicação de escolha, ultra-racional e científica; conhecida pela sua eficácia terapêutica clinicamente comprovada, oferece o máximo de sucesso em todos os casos ligados à deficiência do sistema glandular, do aparêlho genital e do teor vitamínico, como: frigidez, insuficiência ovariana, regras anormais, perturbações da idade crítica (menopausa), obesidade ou magreza excessivas, flacidez da pele e rugosidade da cútis, queda ou falta da turgência dos seios, etc., tôdas essas deficiências de origem glandular na mulher.

Experimente Okasa e se convencerá. Peça a fórmula drágeas "ouro" em tôdas as boas Drogarias e Farmácias, só em embalagem original de Londres. Informações e pedidos ao Distribuidor: Produtos Arna — Avenida Rio Branco, 109 — Rio — Telefone 43-3378.

De Lábio em Lábio...

dou volta ao mundo!

De cada 5 pessoas - 4 estão ameaçadas

de PIORRÉIA

sem siquer suspeitá-lo

Inimiga da beleza dos dentes e da saúde das gengivas

Gengivas sensíveis e que sangram são geralmente o primeiro sinal da piorréia.

Se não fôr combatida a tempo, a piorréia provoca o amolecimento e a desfiguração das gengivas com o conseqüente afrouxamento e perda dos dentes.

Não se arrisque com a piorréia! Comece a proteger-se hoje mesmo com o dentifrício FORHAN'S para as gengivas! Forhan's é feito especialmente tanto para limpar os dentes como para massagem nas gengivas, sendo o único dentifrício que contém o adstringente especial antipiorréico do Dr. Forhan.

Exames clínicos recentes demonstraram que 95% dos casos ameaçados de piorréia apresentaram notável melhora no fim de apenas um mês de uso do dentifrício FORHAN'S.

Comece a usar o dentifrício FORHAN'S hoje mesmo!

Escove os dentes com

Forhan's

5FP1

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cútis.

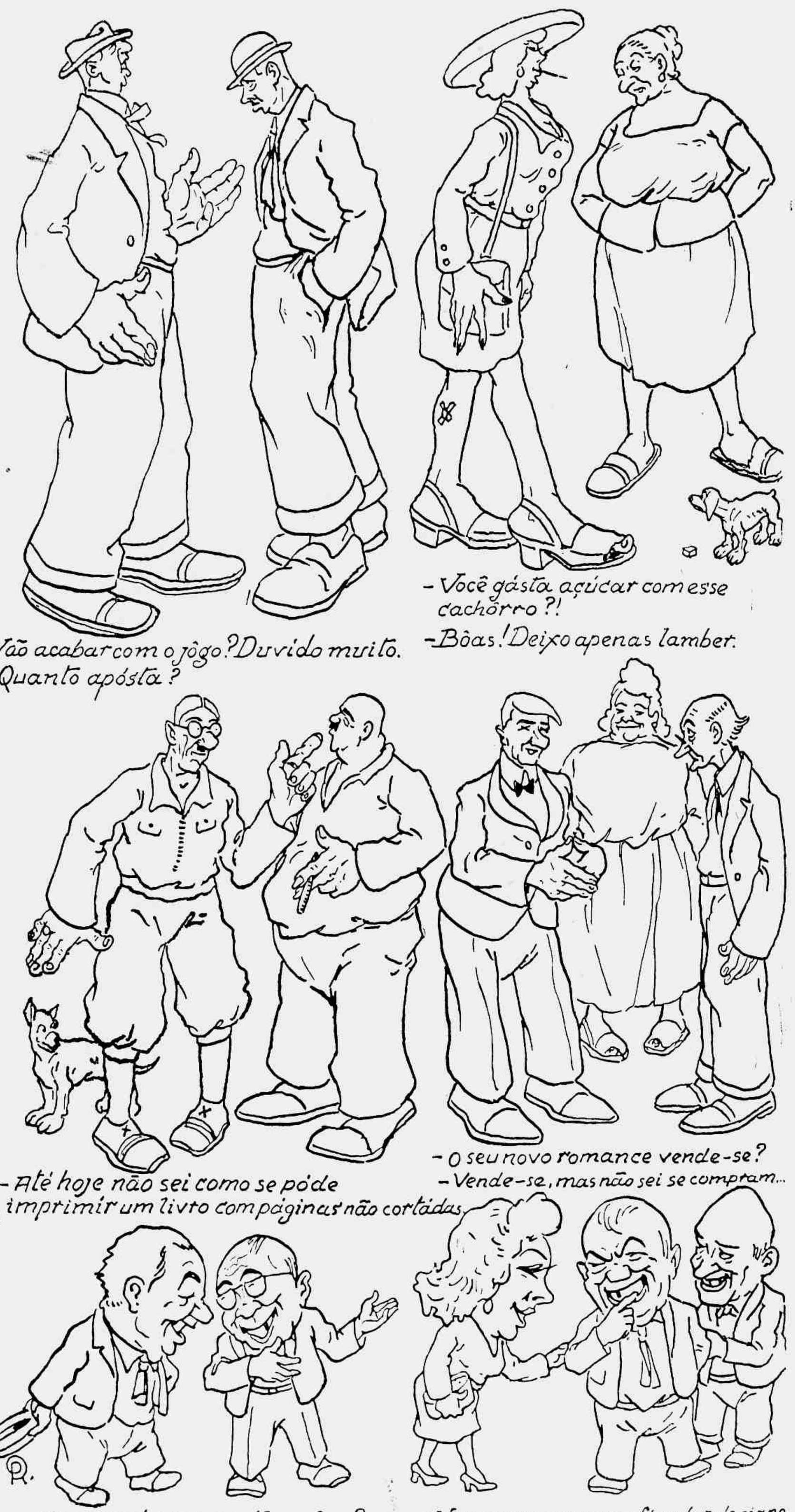
Depois de aplicar êste creme ,observe como a sua cútis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

E' um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

Entre calingas



-Vão acabar com o jôgo? Duvido muito.
- Quanto apósta?

-Você gásta açúcar com esse cachôrro?!
-Bôas! Deixo apenas lamber.

-Até hoje não sei como se póde imprimir um livro com páginas não cortádas.

-O seu novo romance vende-se?
-Vende-se, mas não sei se compram...

-Como se chama aquêla môça?
-Psiu!...

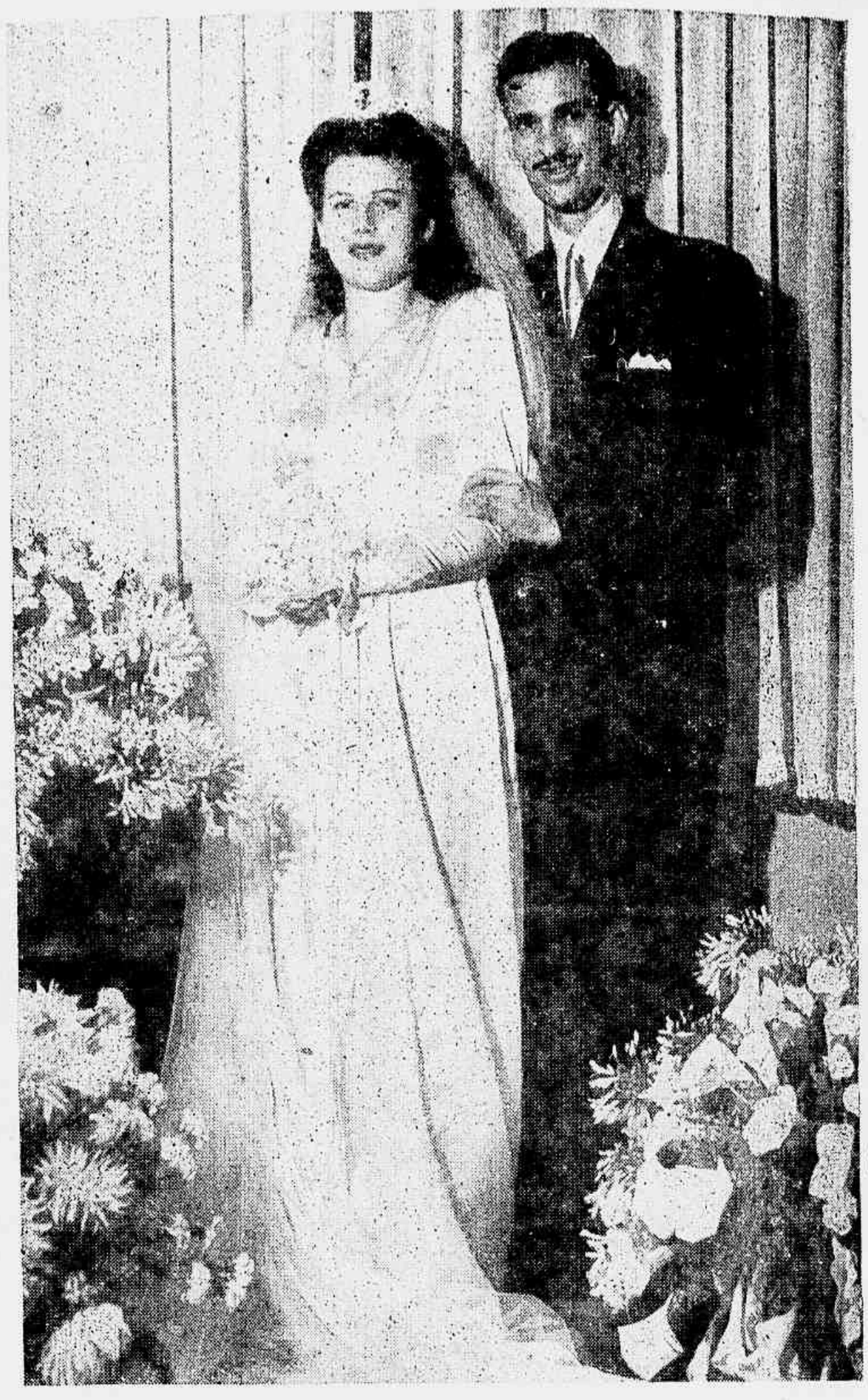
-Veja se me arranja afinador de piano
-Não será melhor um machado?

SALA DE ESTAR

Ornamentada com sobriedade, esta sala de estar apresenta entretanto um aspecto luxuoso e elegante. Não há aqui essa prodigalidade de enfeites e objetos de arte que caracteriza em geral as residências dos "nouveaux-riches". Na parede, apenas uma paisagem de tamanho médio e algumas miniaturas constituem tôda a ornamentação. A um canto, uma mesa alta serve de aparador para um grande jarro ou outro qualquer objeto ornamental. A mesa do centro é quadrada e de pés arqueados, como as poltronas que a cercam. O sofá, de almofadas sôltas, trabalhadas em couro nobre, tem o encôsto estofado do mesmo material. Cortinas de seda com estampados discretos completam a decoração do ambiente.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS
CASA MARCA
NUNES REGISTRADA
A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE
65 · RUA DA CARIOCA · 67
NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

Por iniciativa do Instituto dos Advogados, foi comemorado o "Dia da Justiça" com um almôço tradicional de confraternização da família judiciária e a presença de altas autoridades. Na gravura ao alto, o desembargador Sampaio Doria, ministro da Justiça, em um flagrante dessa comemoração, tendo à sua direita o general Silva Junior.



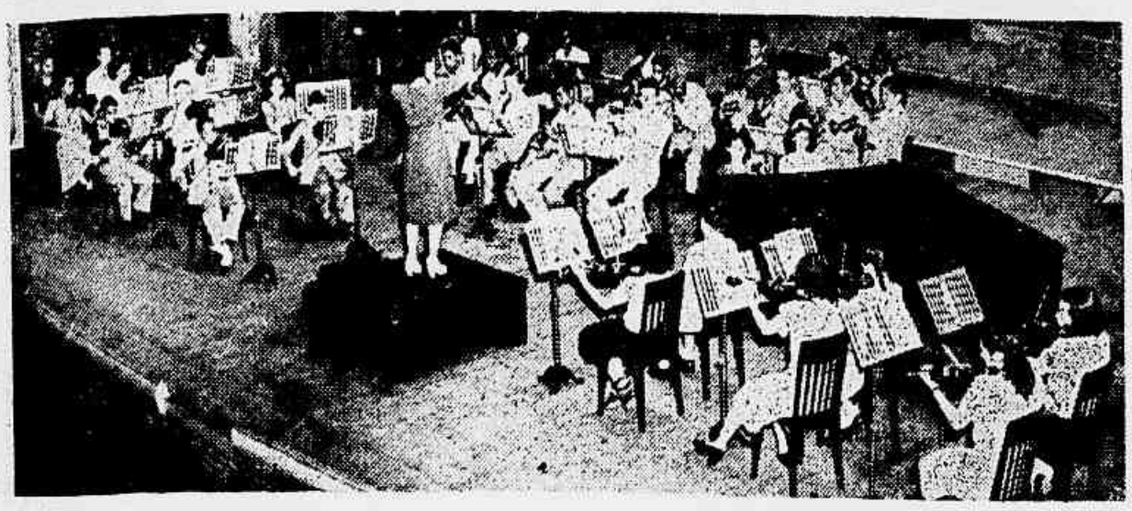
Realizou-se no dia 8 do corrente, às 18 horas, na igreja de S. Francisco Xavier, o enlace da sta. Diva Mendes Costa, professora do Colégio Independência, com o sr. Paulo da Silva Barreto, funcionário da Companhia de Seguros Confiança. E' um flagrante dessa cerimônia o que nos oferece a gravura acima, com os nubentes após o ato.

O travesso Rogerio e a galante Regina Helena, respectivamente, de 5 e 2 anos, filhos do sr. Archanjo José das Neves e d. Maria Irene Vieira das Neves.

★

FIGURAS E FATOS

★



No dia 28 de novembro último realizou-se, no Teatro Municipal, o concêrto da Orquestra Escolar, organizada pelo Serviço de Educação Musical e Artística da Secretaria Geral da Educação. São desta festividade as fotos que acima reproduzimos e que nos mostram, ao alto, a professora Cacilda Borges e as solistas Paulina Lapidus e Yara Porto; e, em baixo, um aspecto tomado do conjunto orquestral.

O dr. Bahyg Miguel, bacharel em direito pela Faculdade do Rio de Janeiro, que vem de colar grau ontem, dia 21 de dezembro.

Grupo feito por ocasião da exposição de pintura do artista Darwin Pereira, na Associação Cristã de Moços.

Secção Esporte
Grande
Variedade

Secção Luiz XV
Últimos
Modelos
Saltos 4c. a 7½

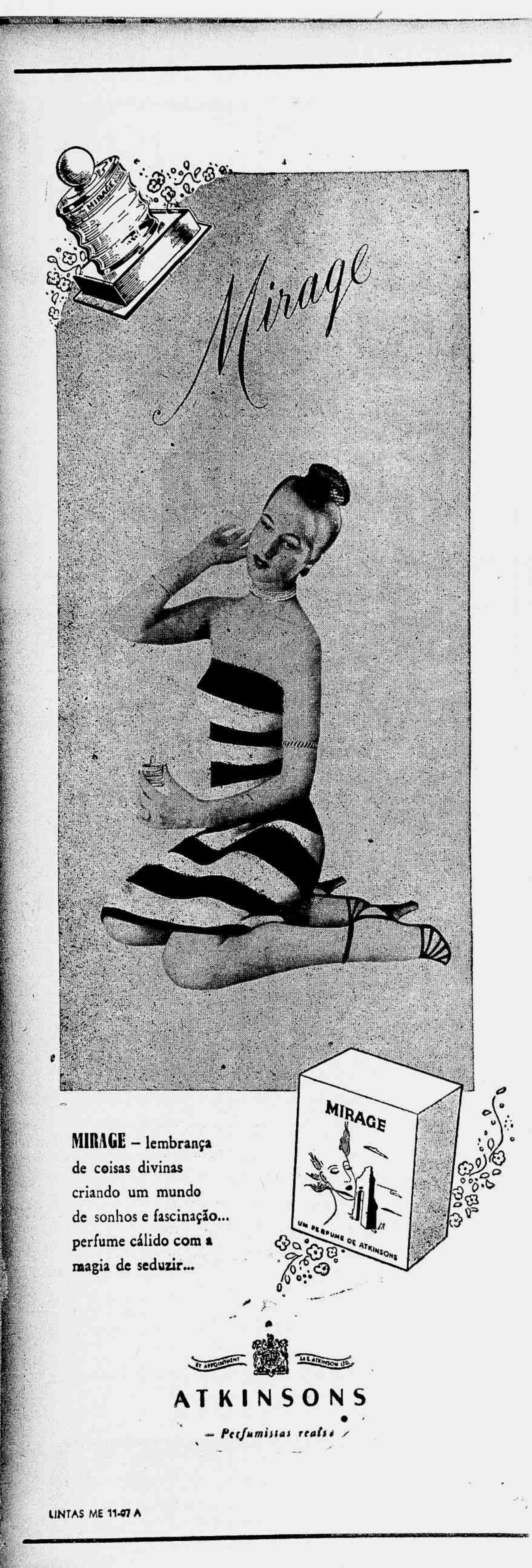
Variado Sortimento
para Homens
e Crianças

VISITEM NOSSA LOJA
TEMOS
O MAIOR E O MELHOR SORTIMENTO
PARA CRIANÇAS!

Ao ensejo do NATAL DA PAZ, apresentamos à nossa distinta clientela os agradecimentos mais sinceros pela preferência que nos tem sido dispensada em todos os tempos.

Enviamos a todos os nossos votos de BOAS FESTAS e de muitas alegrias e felicidades em 1946.

Sapataria X
RUA 7 DE SETEMBRO, 138
CANTO DA RAMALHO ORTIGÃO



LINTAS ME 11-97 A

O GLOBO no Ar

PRE-3

DIAS UTEIS
10 EDIÇÕES

1.ª — DAS 8.00 ÀS 8.25
2.ª — DAS 9.30 ÀS 9.35
3.ª — DAS 10.30 ÀS 10.35
4.ª — DAS 12.00 ÀS 12.05
5.ª — DAS 13.00 ÀS 13.05
6.ª — DAS 15.00 ÀS 15.05
7.ª — DAS 16.00 ÀS 16.05
8.ª — DAS 17.00 ÀS 17.05
9.ª — DAS 18.55 ÀS 19.00
10.ª — DAS 22.40 ÀS 23.30

DOMINGOS
4 EDIÇÕES

1.ª — DAS 8.00 ÀS 8.25
2.ª — DAS 12.00 ÀS 12.05
3.ª — DAS 19.00 ÀS 19.05
4.ª — DAS 22.00 ÀS 22.05

Radio GLOBO
PRE3 1.180 QUILOCICLOS

Grupo de operários e vários aparelhos em confecção para a Legião Brasileira de Assistência e Comissão de Assistência a Mutilados.

ORTOPEDIA BRASILEIRA

A MAIOR ORGANIZAÇÃO NO GÊNERO EM NOSSO PAÍS

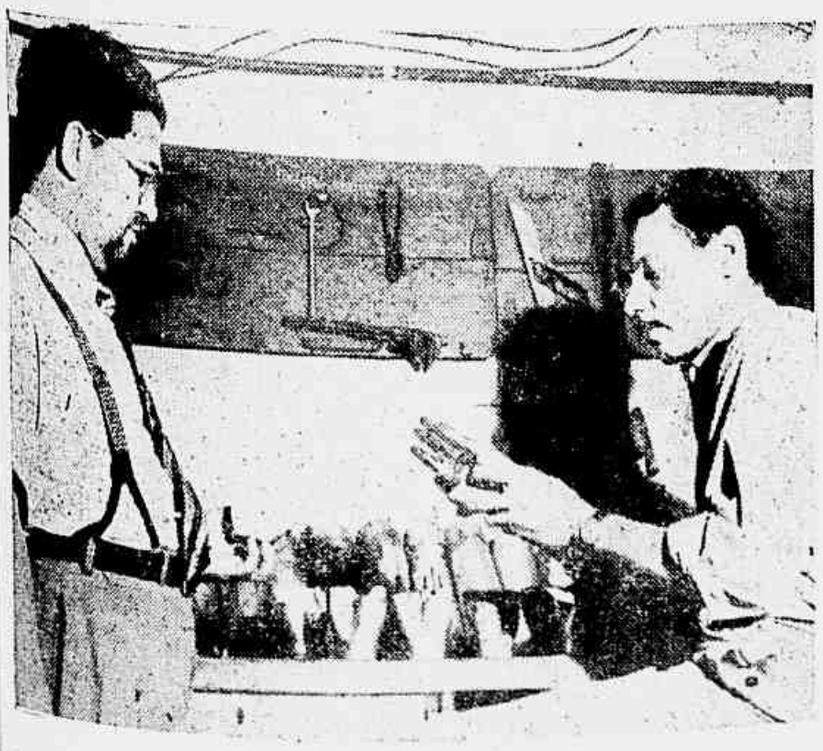
A Ortopedia Brasileira, situada à rua Goiaz, 594-A, na Piedade, que é decerto a maior organização no gênero em nossa Capital, foi fundada em julho de 1941, pelo sr. Eduardo M. Franco, presentemente o seu diretor-proprietário.

O representante da REVISTA DA SEMANA visitou recentemente as oficinas da Ortopedia Brasileira, atendendo a um gentil convite do seu proprietário, ficando otimamente impressionado em face do que lhe foi dado observar, não só no que se refere ao trabalho feito pelos mutilados, antigos clientes da casa e hoje seus auxiliares dedicados, como pelo alto sentido de solidariedade humana que se faz sentir em todos os setores da notável organização superiormente dirigida pelo sr. Eduardo Franco.

A Ortopedia Brasileira é fornecedora da comissão de Assistência aos Mutilados e Legião Brasileira de Assistência.

Estampamos nesta página alguns flagrantes colhidos pela objetiva da REVISTA DA SEMANA, por ocasião da nossa visita.

À direita — Um dos operários dando os últimos acabamentos em aparelhos. **Abaixo** — O chefe da firma, sr. Eduardo M. Franco, examinando a montagem de braços mecânicos juntamente com o encarregado da oficina, sr. Alyrio Rodrigues do Nascimento.



★★★

DIABETE -- OBESIDADE -- MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE • PRISÃO DE VENTRE
Aparêlho digestivo • Nutrição (regimes). Glândulas de secreção interna.
METABOLISMO BASAL • TUBAGEM DUODENAL
CLÍNICA ESPECIALIZADA DO
DR. ALARICO SOARES
Médico adjunto da Santa Casa • Médico Chefe da Secção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro.
Consultório: Edifício Góes — R. Alvaro Alvim, 27-3.° and. sala 38 — Cinelândia. Fones: 22-5110 ramal 33 • 25-4380 — Consultas: Das 13 às 18 hs.

Cabelos Brancos???
Escurecedor Discreta
Informações:
Rua Flack, 153-Rio. T. 29-2940
ÓLEO — LOÇÃO

CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
ALIMENTA A PELE — CONTRA AS RUGAS
A VENDA EM TODA A PARTE

SAIAS E BLUSAS

Tanto para o passeio quanto para o trabalho, os modelos de saia e blusa são sempre os que mais comodidade oferecem. Êstes modelos, sôbre oferecer uma liberdade absoluta de movimentos, juntem o útil ao agradável, ostentando uma linha estética perfeita. Ao alto, blusa de seda branca, enfeitada com flôres escuras. A esquerda, saia de lã escura, com blusa escossesa. Ao lado, dois modelos de saia de seda.

TONIFIQUE SUA CUTIS COM ANTISARDINA Nº 1

Rugas precoces são produzidas pela perca de elasticidade da pele enfraquecida.

ANTISARDINA é um tônico vivificador das células da epiderme.

ANTISARDINA não rejuvenesce, prolonga a mocidade da cútis.

Pedidos a

DISTRIBUIDORA ANTISARDINA LTDA.
Cx. Postal, 80 — Curitiba - Paraná

Em São Paulo...

é sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira
Sucessora de Mappin Stores
Pr. Ramos de Azevedo, 131

O SEGREDO DO BOM MOBILIARIO...

A confecção de móveis exige não somente tôda a atenção para um acabamento primoroso e perfeito, mas sim também um desenho, que lhes dá um ESTILO harmonioso e agradável. Somente um artista e especialistas sabem dar aos móveis estas qualidades.

MÓVEIS SUPREMA dispõe de técnicos que sabem dar às suas criações as linhas de móveis excepcionais e combiná-los com a decoração de seu lar para o seu maior confôrto e beleza.

Exposição e vendas

CATETE 103-105

Telefone 25-3173

móveis A Suprema

NÃO... SANGUE PURO! COM ELIXIR DE NOGUEIRA

Depura o Sangue há mais de 65 anos
(MEDICAÇÃO AUXILIAR NO TRATAMENTO DA SÍFILIS)

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 — 2.º Loja

S CRIATURAS DE EÇA

(Continuação da pág. 29)

ro, encontramos num alfarrábio antigo um nvite para matar o Mandarim com um to-

que de campainha. Nunca a indecisão nos faz tremer. Fazemos soar o sino e morre um Tchen-fu. Depois o remorso nos assalta. Recolhemo-nos a nós mesmos, procuramos a família do morto, tentamos desfazer as consequências de nossa ação criminosa. E sempre é tarde. O Mandarim continua morto. Qual é o homem que, recolhendo-se tarde a casa, não encontrou alguma vez, jogado sôbre o seu próprio leito, a aparição sinistra da imagem do Mandarim, nédio e amarelo, com o seu papagaio de papel sôbre o ventre rotundo?

Qual foi de nós que, ao chegar em casa, nunca se perfumou de incenso, para apagar o aroma de Adelia, e para ouvir da "Titi" o estribilho consolador: "Ai, meu Deus, que rico cheirinho a igreja"?

Qual é de nós que nunca foi Teodoro ou Raposão? Se houver alguém que a essas perguntas possa responder de sã consciência "Eu!", atire a primeira pedra em mim e em todos os outros homens seus semelhantes e seus irmãos, feitos, como êle e como eu, de mau barro e má argila.

E de tudo, por mais puro que seja você, meu leitor e meu irmão, ainda fica um grande e imperecível conselho, que julgamos prudente repetir aqui, embora saibamos que você não o seguirá, como não o sigo eu: "Só sabe bem o pão que dia a dia ganham as nossas mãos: nunca mates o Mandarim".

Cassius Brutus

Vida de perigos a vida da mulher

Sujeita continuamente às perturbações próprias de seu sexo, tendo o seu aparêlho genital constituido de importantes e delicadíssimos órgãos, cujas irregularidades facilmente se transformam em gravíssimos males, tem a mulher sua vida ameaçada por constantes perigos e precisa, pois, estar sempre vigilante. O seu fluxo mensal é um verdadeiro espêlho de sua saúde íntima: si vem regularmente em dias certos e em quantidade certa, sem dôres, cólicas, tonturas, enjôos, etc., tudo está bem. Mas se aparece em abundância ou, ao contrário, diminuido, irregular ou retardado, então urgem providências imediatas. Mas nada de recorrer a um remédio qualquer. Os seus males são de duas naturezas diferentes — os que se manifestam pela abundância de regras e hemorragias, e os que se manifestam pela falta, atraso ou diminuição de regras — e, portanto, exigem remédios diferentes. O Regulador Xavier, atendendo a essas duas naturezas diferentes dos males femininos, é fabricado em duas fórmulas diferentes: o N.º 1 para os casos de regras abundantes, prolongadas, repetidas e hemorragias, e o N.º 2 para os casos de falta de regras, regras diminuidas, atrasadas ou suspensas. Portanto, prezada leitora, o Regulador Xavier N.º 1 ou o Regulador Xavier N.º 2, conforme o seu caso, é o remédio único e insubstituível, capaz de combater eficazmente e afastar de maneira definitiva os seus males, conservando-a a salvo de todos os graves e traiçoeiros perigos que ameaçam a sua saúde e a sua vida.

Visão do Oriente

"Era uma vez um califa"...

Quem não viu o "show" do Atlântico não pode imaginar o que de beleza e de poesia Paurilio Barroso soube pôr nessa verdadeira obra de arte. Num cenário de cúpolas e de minaretes, as vozes e os gestos tecem rendas de emoções. Bailarinas morenas como tâmaras maduras. Ah! Beleza selvagem de Carmen Brown, dourada e ágil como uma fera jovem impregnada de um cheiro de terra, de flôr nascendo, de raízes e resinas perfumadas.

Ah! voz profundo de Edson Lopes no "Banzo" desesperançado, desolado, despedaçado de sua saudade!

A graça adolescente de Liana Fuentes, com seus frágeis, leves gestos de arbusto novo.

E a voz doirada de Yolanda Varga, louro clarim aberto sôbre o horizonte de livres céus.

Tem mais? "Era uma vez um califa" é o grande cartaz da cidade. Notem Edson Lopes: êle promete muito, o negro genial.

No quadro de variedades que encerra o espetáculo, Rosina Pagã é o grande número: sua doce beleza, sua voz garota, sua graça "made in Rio" fecham a noite. Maravilhosa noite do Atlântico!

A crônica social carioca registrou, no dia 8 do corrente, o enlace matrimonial da senhorita Clory Silva Rondon, filha do tenente-coronel Frederico Augusto Rondon e d. Inah Silva Rondon (falecida), com o tenente Gyl Mirilli, filho do sr. José Antonio Mirilli e sra. Carolina Mirilli.

O ato civil foi testemunhado, por parte da noiva, pelo coronel Paulo Figueiredo e sra. Zeli Figueiredo, e, por parte do noivo, pelo sr. Miguel Souto Mariath e d. Adélia Mariath.

Na cerimônia religiosa, realizada às 16.30 horas na igreja de São Sebastião (Capuchinhos), serviram de padrinhos, por parte da noiva, o tenente-coronel Frederico Augusto Rondon e viúva general Nicolau Silva, e, pelo noivo, o casal José Antonio Mirilli.

A fotografia que acima estampamos foi colhida por ocasião da solenidade religiosa, vendo-se a noiva quando assinava o contrato nupcial.

CALÇADOS

Oscar Moreira & Carvalho

Agradecemos sinceramente desvanecidos a preferência com que nos tem honrado a numerosa clientela desta casa, e, formulando os melhores votos de FELIZ NATAL, desejamos a todos um ANO NOVO muito próspero e repleto de venturas.

A CARIOCA

RUA DA CARIOCA 30 • TEL. 22-1799 • RIO

CABELOS BRANCOS?
LOÇÃO
Brilhante

O MISTERIO DE BLACKMOOR

Continuação da pag. 33

— Sim.

— Como explica isso?

— Jack é, realmente, um diminutivo de John...

— Todos sabemos disso, Mr. Norton. Trata-se de...

— Mas, apesar disso, chamavam-me, em casa, Jack.

— Sim...

— Anna é uma velha criada, e naturalmente usa o mesmo nome que meus irmãos e meus pais usavam...

— E posso saber uma coisa: sua espôsa, por acaso, não o chamaria pelo mesmo diminutivo carinhoso?

Norton não se conteve mais:

— E' mentira. O senhor está enganado...

— Mas eu não disse nada...

— Quero dizer que se engana ao pensar que eu... que eu... matei minha mulher!

— Eu nada disse, repito. E repito, tmbém, minha primeira pergunta: como o chamava sua mulher?

Êle baixou a cabeça e, num murmúrio, confessou:

— Jack...

O detective aproximou-se do telefone. "Jack" impediu-o.

— Se não quer fazer um papel ridículo, não telefonará!

— Arriscar-me-ei.

— Ouça-me.

BRINQUEDOS
e
PRESENTES
para Natal!

PEÇAM NOSSO CATÁLOGO
COM MAIS DE
Mil Sugestões

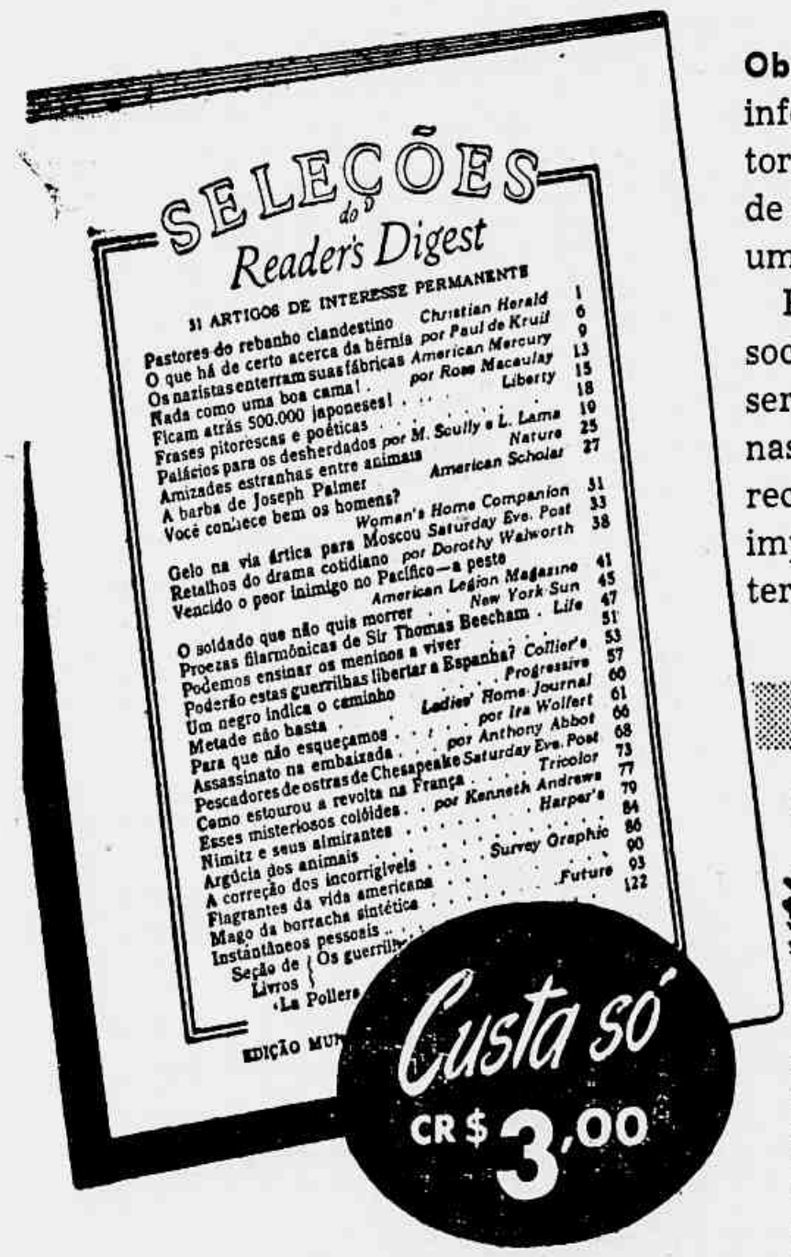
HORARIO DE DEZEMBRO

DIAS ÚTEIS	Até ás 22 horas
DOMINGO 23	Das 8,30 ás 22 hs.
DIA 24 (Natal)	Das 8,30 ás 19 hs.
DIA 25 (Natal)	Das 9 ás 12 horas

VENDAS PELO Credi · MESBLA

MESBLA
Rua do Passeio
RIO - S. PAULO - NITERÓI - RECIFE
B. HORIZ. - PELOTAS - P. ALEGRE

Uma Mulher Inteligente
não pode ter falta de assunto!



Observe isto, em qualquer grupo: a pessoa mais bem informada é a que, geralmente, domina a palestra, torna-se centro de conversação, impõe com vivacidade e segurança sua personalidade. Porque é fácil ter-se uma palestra agradável, quando se é bem informado.

Pense na importância dêste ponto, para seu sucesso social ou comercial. E lembre-se de que hoje é fácil ser-se bem informado, lendo Seleções. Em suas páginas vasadas em estilo claro e agradável, Seleções oferece um panorama completo do mundo e de seus mais importantes acontecimentos, anedotas e episódios interessantes e abundante matéria que instrui e diverte.

Seleções é lida pelas pessoas bem informadas em todo o mundo!

O DUQUE DE WINDSOR diz, sôbre o Reader's Digest: "Através de suas edições em cinco línguas da maior importância, a revista traz, aos leitores de todos os continentes, uma imagem clara do que fazem e pensam os habitantes de outras terras, contribuindo assim para maior esclarecimento e boa vontade".

LYN YUTANG — renomado escritor e filósofo chinês, autor de vários livros, de divulgação universal, assim diz: "Reader's Digest desperta no leitor uma viva curiosidade, que o torna consciente do mundo contemporâneo, e êste estado mental se reflete em suas relações com os demais".

Representante Geral no Brasil: FERNANDO CHINAGLIA - *Rua do Rosário, 55-A - 2.º and - Rio de Janeiro*

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferencia ao dentifricio mais indicado para hygiene e conservação dos dentes.

PASTA DENTIFRICIA S.S. WHITE
INDUSTRIA BRASILEIRA

— E' tarde. Como me enganei! Pensei que o tal Jack fôsse um "outro". Mas era o próprio marido que a queria matar. E a submetia a uma tortura constante. Ela pensava: "Quando é que há de agir? Quando? Quando? Quando?

— E' mentira! E' mentira!

— E' mentira que o senhor quase a atirou num precipício? E' mentira que o senhor tentou envenená-la e acabou por apunhalá-la? E' mentira tudo isso? O senhor provará ao júri que isso é mentira, caso esteja inocente, e sairá livre.

— Mas eu **estou** inocente!

— E o manuscrito?

Jack encarou-o desesperado:

— Há um terrível segrêdo em tudo isso, mas não me obrigue a revelá-lo.

— Quer inventar alguma coisa para...

— Não! Não quero inventar! Há a verdade, compreende? A verdade! Mas não **quero** revelá-la.

— Nesse caso, não resta outra alternativa... Telefonarei à polícia.

— Mas...

— E' inútil.

— Espere! Contarei tudo. Mas há de prometer-me uma coisa: que, convencido de que estou inocente, guardará segrêdo sôbre o que eu lhe disser.

— "Se" eu estiver convencido, guardarei segrêdo.

— Pois bem. Então leia esta

Depois de seis Natais de guerra realizaram-se os votos de esperança. Glória! Glória aos heróis e aos anônimos combatentes de tôdas as Nações Unidas que com o seu sangue e sua vida tornaram vitoriosa a causa da civilização.

Paz na terra aos homens de boa vontade... Possa o espírito do Natal penetrar nas almas dos homens, banindo os restos de sentimentos contrários à harmonia mundial, harmonia que é condição essencial da sobrevivência pacífica dos seres na terra.

São êstes os augúrios da General Electric, agora que suas fábricas, honrosamente desmobilizadas, depois de uma tarefa bem cumprida, voltam à sua missão tradicional de bem servir à humanidade, produzindo o que há de mais perfeito no vasto setor da eletricidade aplicada, contribuindo assim para o seu bem-estar e o seu progresso.

GENERAL ELECTRIC
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO • RECIFE SALVADOR • CURITIBA • PORTO ALEGRE

DR. CAMPOS DE REZENDE

Temos o grato prazer de estampar, hoje, em nossas colunas, a fotografia do ilustre médico oculista dr. Campos de Rezende, residente na Capital da República, em que é, sem favor, um dos elementos mais prestigiados e admirados pela sua cultura, pela sua bondade e pelo seu sadio patriotismo.

Como oculista, tem realizado ali uma obra miraculosa, pois que atende diariamente, em seu consultório da rua Buenos Aires cêrca de 200 doentes, na maioria gratuitamente. E' um môço ilustre e culto, que não conhece descanso, que se apaixonou pela sua tarefa e que faz dessa tarefa gloriosa e cristã um messionato, um motivo de consôlo e de cura, um verdadeiro testemunho de amor à causa do sofrimento, da pobreza e do amor ao próximo.

Dêsses homens é que o Brasil precisa na hora presente, para se engrandecer, para se revelar, para se tornar maior!

Que o ilustre e abnegado missionário da medicina sirva, pois, de exemplo para quantos desejam bem servir o Brasil.

Frigia

é simplesmente notável!

...notável, porque:

1.º — Não é líquido, nem pasta. E' um desodorante em forma de "baton".

2.º — Corta e evita a transpiração sem irritar a pele. Não estraga as roupas.

3.º — E' agradavelmente perfumado e produz uma sensação de frescor.

4.º — Elimina instantaneamente a transpiração das axilas.

5.º — Próprio para bolsa, póde ser aplicado em qualquer momento.

FRIGIA está registrado como patente de invenção sob n.º 29.830

Dist.: HERMANNY - C.P. 247 - RIO

bem, porque ela é capaz de tentar matar-se..."

Norton estava de pé, contemplando um retrato da espôsa. Pequenina e frágil, com dois olhos muito grandes, cabelos negros, sedosos...

— Eu não queria que ninguém soubesse que ela estava louca...

carta. E' de um grande amigo meu. Um ilustre psiquiatra.

O detective começou a ler. Pouco a pouco, sua expressão foi mudando...

"...E, portanto, é com o coração despedaçado que eu lhe afirmo que ela está completamente louca. Admiro sua coragem de mantê-la em casa, de suportar sua mania de perseguição. Uma coisa você tem como lenitivo: ela ainda o adora, porque o seu amor é mais forte do que a doença. Pensa que você quer matá-la, mas continua a adorá-lo. Meu conselho é que a leve para longe. Um lugar como Blackmoor, por exemplo: aquela sua propriedade que há tanto tempo você não visita. E vigie-a

VIRA-LATAS

(*Continuação da pág. 19*)

A simpatia do povo foi crescendo. A simpatia e a pena. Um sujeito gritou:

— Ora bolas! Deixem os cachorros da velha...

Os homens da carrocinha hesitavam. Afinal, êles também tinham coração. E, além disso, aquêles três cachorros não iriam render nada. A velha não tinha dinheiro para ir buscá-los depois. O que interessava era animal de gente rica. Quando ninguém via, êles aproveitavam a ingenuidade de algum lúlú, ou mesmo de algum vira-latas de estimação que chegava descuidadamente num portão entreaberto, e jogavam-lhe a rêde. Depois já se sabia. O dono ou a dona aparecia, cheio de cuidados:

— Coitadinho! Deve ter passado fome! Deve ter pegado alguma sarna no meio dêsses cachorros vagabundos!

E a comissão respectiva do resgate necessário ia para os seus bolsos acolhedoros.

Os outros, os verdadeiros cães vadios, êles só pegavam para impressionar os chefes, para justificar, perante o público "que paga imposto", a existência da carrocinha. Decididamente, aquêles três vira-latas não tinham futuro algum. Nem econômico nem moral. Os caçadores de cães eram mal vistos pelo sentimentalismo do povo daquela pacata cidade nortista. Era preciso abrandar as coisas.

Já um fulano de meia idade, bem vestido, bem falante, com um anelão parecendo um farol (no mínimo um doutor...) se adiantara e confabulava com êles:

— Que diabo! Deixem os cachorros da velha, coitada. Eu me responsabilizarei.

Ameaçou puxar um cartão. Os homens, aí, se acovardaram:

— Ora, não precisa, doutor... Nós estávamos cumprindo o nosso dever, não é? O doutor compreende...

E se retiraram, debaixo de uma tremenda vaia dos moleques. (Mata-cachorros!)

SOFRE DO FÍGADO?
TOME
BIO-HEPAX
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

Miúda, essa, apanhou o balaio, botou-o na cabeça e continuou a sua caminhada, com os três companheiros a roçar os seus calcanhares. E assim vai ela agora, sempre com os cachorros. Pequena, franzina, miúda como o seu apelido que já se transformou em nome próprio, preta e calma.

Aproxima-se de um transeunte, fitando-o com os seus olhos tranquilos:

— Uma esmolinha p'ra velha, iôiô...

E se o níquel vem:
Deus lhe dê vida e saúde, iôiô.
Se não, e se o tal arranhou uma desculpa delicada:

— Não faz mal, iôiô, fica p'ra outra vez, não é? Eu sei que se iôiô tivesse iôiô dava...

Se a resposta é bruta ou se o sujeito não liga, ela continua o seu caminho, em silêncio. Mas isso raramente acontece. Miúda já tem uma longa experiência, que lhe deu um grande senso prático de psicologia. Ela já conhece, por um simples olhar, as diversas classes de esmoleres. Há os que dão somente por ostentação, por vaidade. E' preciso, pois, abordá-los quando houver muita gente em volta. Há os que dão com vergonha de dar, com vergonha da miséria alheia em face da sua boa situação econômica. A êsses só se deve pedir em lugares discretos, pois se houver testemunhas em vez de esmola virá uma desculpa embaraçada. Há os que dão porque acham que isso é um dever, uma obrigação. Êsses, geralmente, não se sensibilizam com a necessidade do seu semelhante: mas que diabo! E' preciso a gente fazer o que Deus mandou, é preciso a gente ser caridoso, é preciso a gente ir reservando o nosso lugar no céu... Para essa classe, qualquer ponto é bom para um ataque: de preferência procissões, portas de igreja ou nas suas respectivas residências. Nesse último grupo há, porém, possibilidade de engano. Às

Homenageado o casal Mendes da Silva

Realizou-se em São Paulo, no Clube Escandinávia, o jantar oferecido pelas famílias da "Frota da Boa Vizinhança" ao distinto casal d. Alice—coronel João Mendes da Silva. A reunião teve cunho de fidalga simplicidade e decorreu em ambiente de alegria comunicativa. Falaram: oferecendo um retrato do coronel Mendes da Silva, trabalho do professor Cimbelino de Freitas, o jornalista Gumercindo Fleury; o dr. Camara Lopes dos Anjos, em nome da "Boa Vizinhança"; o dr. José Tavares, do Aero-Clube São Paulo; o dr. Antonio Wey; capitão Bueno Brandão, e o homenageado, agradecendo. Nhô Bento disse versos, e a senhorita professora Odete Guedes deliciou os presentes com vários números de piano. O cliché mostra parte da mesa que presidiu à distinta reunião.

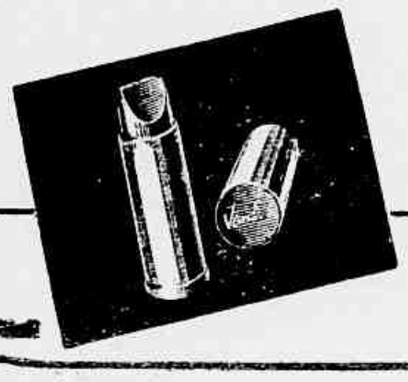
Irresistivel!

Irresistivel
será a sua cutis, se a sra.
usar VAN ESS porque estes pós
e "rouges" - atomizados - dão à
pele uma suavidade de pétalas, frescor
de orvalho, fragrancia de flores...

VAN ESS embeleza... convida... enfeitiça...

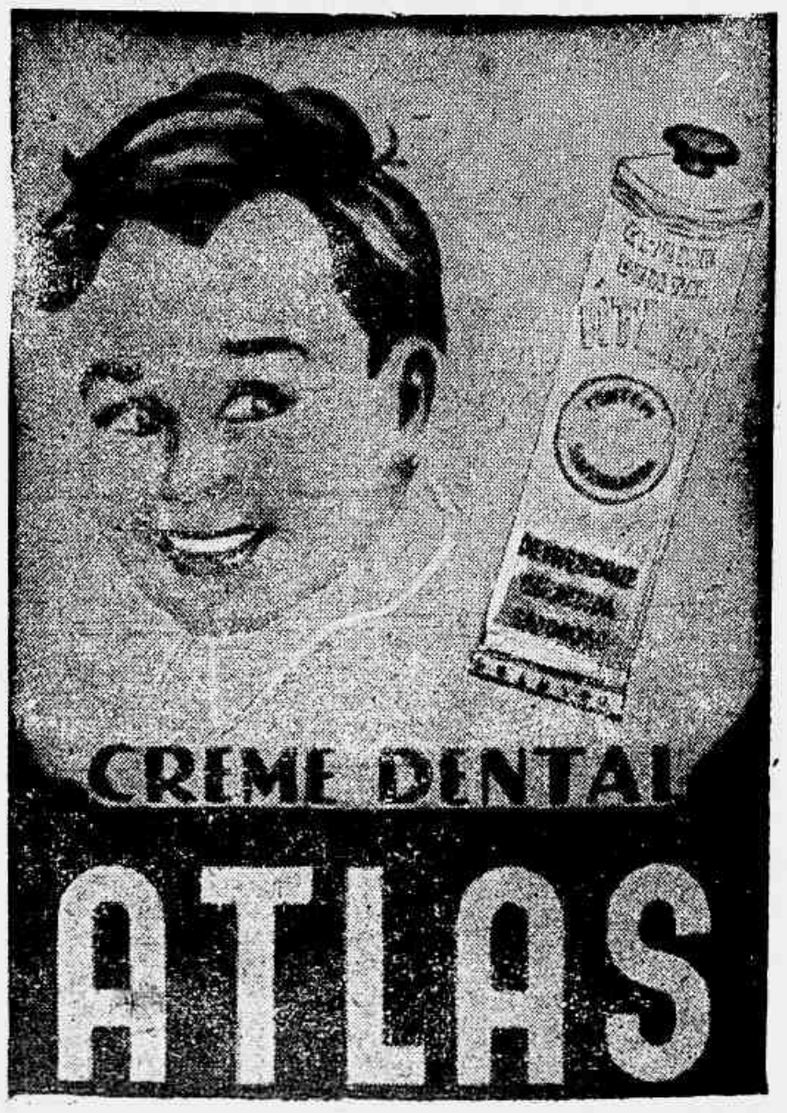
pó de arroz e "rouge"

"atomizados"



★ Use tambem o baton VAN ESS, em diversas tonalidades da moda e à base de "creme veludo", que suaviza, protege e embeleza os labios.

Tradicional e poderoso tônico reconstituinte.
Cuidado Existem imitações... Peçam:
Vinho Creosotado Silveira



VINOVITA
TONIFICA O SANGUE
ESTIMULA O CEREBRO
DÁ ENERGIA AOS MUSCULOS

vêzes, topa-se com uma beata que não dá esmolas porque contribui mensalmente para sociedades beneficentes. Outras existem, também, que consideram a mendicidade um pecado e explodem:

— Por que não vai trabalhar? Uma mulher ainda forte...

— Se você não pode nem com você, para que cria êsses cachorros?

Aliás, os que não dão esmolas não são poucos. Muitos consideram sistematicamente o pedinte como um explorador. Ainda outros, por avareza; êsses se defendem perante as próprias consciências, pensando que, se deram a um devem dar a todos os mendigos, e que é impossível, e mesmo porque não desejam incentivar a mendicância.

(Conclui no próximo número)

DE MUSICA

(Continuação da pág. 20)

elemento com a orquestra, o ritmo que se sentia perfeito, tudo isso ao lado da interpretação exigida. No desejo de difundir a boa música, tem-se mostrado o prof. Fontainha um batalhador infatigável. O vitorioso Ciclo de Bach, magistralmente fechado com o recital do dia 10, é algo que nos faz prever, para o futuro, outros grandes empreendimentos que são a voz do mestre que nos fala, numa linguagem heróica, do sentimento humano, pois, assim como Castro Alves usava da pena para, numa expansão de genuino brasileiro e idealista, procurar arrancar do escravo as correntes que o prendiam ao tronco e à barbárie do homem, impedindo-o de ser senhor do seu corpo e da sua alma — Guilherme Fontainha usa dos seus ciclos para tirar a música dos grandes mestres, como Bach e Beethoven, do esquecimento e do abandono e levá-las a dominar no coração de cada um, elevando os sentimentos, nobilitando o caráter e engrandecendo a Arte.

Maria da Gloria

CABELLOS BRANCOS
CASPA
Quéda dos Cabellos
JUVENTUDE
ALEXANDRE

CALOS

Dedos Doloridos Pelos Sapatos Apertados

Os Zino-pads do Dr. Scholl é sobretudo alívio para os sofrimentos causados pela pele dura, calos ou feridas entre os dedos. É maravilhosa a rapidez com que os Zino-pads neutralizam a pressão dolorosa exercida sôbre o ponto sensível. Leves, macios, delicados, protegem, tanto para evitar a formação de calos, quanto vesículas, bolhas e calcanhares sensíveis. Os Zino-pads do Dr. Scholl facilitam o uso de sapatos sôbre os apertados.

Com o remédio, você obterá também as Discos Medicados para a rápida remoção dos calos. Os Zino-pads Dr. Scholl marcam uma sinbaria. À venda em tôda as farmácias e drogarias ou nas Lojas Dr. Scholl. Procure-os hoje mesmo.

Exames e conselhos grátis sôbre todos os males dos pés. Pedicuros diplomados sempre à disposição.

Lojas Dr Scholl
PARA O CONFÔRTO DOS PÉS
RUA S. JOSÉ, 85 - RIO
RUA DO ARAUJO, 71 - S. PAULO

Apresentamos nesta página alguns modelos de vestidos de saia e blusa, para o trabalho e passeios. Escolha o que mais lhe agradar dentre êles.

A semelhança das plantas, o cabelo absorve pela raiz as substâncias que lhe dão vida, beleza e louçania. Tônico Oriental, singularmente perfumado, nutre os filamentos capilares, higieniza a cabeça, elimina a caspa, evita a queda e dá brilho, vigor e maciez aos cabelos.

MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE

EXAMES DE SANGUE
Laboratório
Curvello de Oliveira
S. José, 85 — S. 405
Telefone 22-2717

Casa AMERICANA
A casa das formas
Assembleia Esq. Quitanda

Mmes. **EVA e SYLVIA**
(Ex-auxiliares de Mme. Campos)
no seu **Instituto de Beleza**
Rua Ouvidor, 138, 1.º — Tel. 42-8779
— Insc. S. N. F. M. —

KOLYNOS
AUMENTA
A SIMPATIA
DO SORRISO
AS mulheres que triunfam são as que mostram simpatia ao sorrir, e KOLYNOS faz encantador o sorriso porque torna brilhantes os dentes e dá frescura e fragrancia ao seu hálito.
Adote hoje mesmo KOLYNOS e verá como aumenta a simpatia de seu sorriso! E não se esqueça de visitar seu bom amigo, o dentista.
Ouça "Radio Almanaque Kolynos" pelas seguintes estações: Radio Nacional, do Rio de Janeiro, 2as. feiras, às 21.35; Radio Tupi, de São Paulo, 3as. feiras, às 20.30; Radio Difusora Porto Alegrense, 5as. feiras, às 20.15; Radio Clube de Pernambuco, 6as. feiras, às 21.00.
KOLYNOS
CREME DENTAL
E COMO É ECONOMICO
Basta 1 centímetro na escova seca, e terá aumentado o encanto de seu sorriso, porque
KOLYNOS
LIMPA MAIS...
AGRADA MAIS...
E RENDE MAIS.

CIA. DE CIGARROS
Souza Cruz
CIGARROS SOUZA CRUZ
CIGARROS
Continental
Cia de Cigarros SOUZA CRUZ
Continental
PREÇO NO VAREJO Cr$